



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

THIAGO ONOFRE MAIA

**A CRISE DA SOCIEDADE ATUAL COMO CRISE DE SENTIDO
O HORIZONTE DE ESPERANÇA DA MENSAGEM CRISTÃ**

**CURITIBA
2011**

THIAGO ONOFRE MAIA

**A CRISE DA SOCIEDADE ATUAL COMO CRISE DE SENTIDO
O HORIZONTE DE ESPERANÇA DA MENSAGEM CRISTÃ**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-graduação em Teologia, mestrado, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, na Linha de Pesquisa de Teologia e Evangelização, como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Agenor Brighenti.

**CURITIBA
2011**

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

Maia, Thiago Onofre
M217c A crise da sociedade atual como crise de sentido : o horizonte de esperança
2011 da mensagem cristã / Thiago Onofre Maia ; orientador, Agenor Brighenti. –
2011.
162 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2011
Bibliografia: f. 154-162

1. Mudança social. 2. Sentidos e sensações. 3. Cristianismo. 4. Igreja.
5. Esperança. I. Brighenti, Agenor. II. Pontifícia Universidade Católica do
Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 230



Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Centro de Teologia e Ciências Humanas

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 017
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
THIAGO ONOFRE MAIA

Aos dois dias do mês de junho de dois mil e onze às quinze horas, reuniu-se na Sala de Defesa – Segundo Andar do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores Agenor Brighenti; Antonio Manzatto e Marcio Luiz Fernandes para examinar a Dissertação do candidato, **THIAGO ONOFRE MAIA**, ano de ingresso 2009, do programa de Pós-Graduação em Teologia – Mestrado, Linha de Pesquisa: Teologia e Evangelização. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: **"A CRISE DA SOCIEDADE ATUAL COMO CRISE DE SENTIDO: O HORIZONTE DE ESPERANÇA DA MENSAGEM CRISTÃ"**. O candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e após a defesa o candidato foi APROVADO Conceito A pela Banca Examinadora, A sessão encerrou-se às 17 h min. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Membros da Banca:

Prof.Dr. Agenor Brighenti _____
Presidente/Orientador.

Prof. Dr. Antonio Manzatto _____
Convidado Externo

Prof. Dr. Marcio Luiz Fernandes _____
Convidado Interno.

CIENTE

Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*
PPGT - PUCPR



AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo que nos dá por Jesus Cristo, Nosso Senhor, fonte e inspiração dos que têm esperança.

À minha família que me deu a base dos primeiros ensinamentos cristãos, especialmente ao meu pai Afonso Bandeira Maia (*in memoriam*) e a minha mãe Silede Onofre Maia – *temer a Deus é amá-lo acima de tudo*.

À Ordem dos Servos de Maria, que me deu condições e recursos para chegar até aqui e me abriu o caminho para o amor à Teologia e à Igreja.

À Faculdade Vicentina, pelo espaço de estudo, de experiência acadêmica e consultas bibliográficas.

À Coordenação do Curso de Pós-graduação em Teologia, pela oportunidade e a confiança que me deu para que pudesse desenvolver este trabalho.

Ao padre Dr. Agenor Brighenti, pela orientação e o ensinamento, a paciência e a maestria na condução dos trabalhos.

Aos professores e aos colegas que sempre me deram ânimo em cada encontro.

Ao frei Clodovis, pela motivação e os conselhos dispensados.

À Maria Braga, secretária do Mestrado, por estar sempre atenta às informações necessárias e pela eficiência dispensada ao nosso Mestrado em Teologia.

À Marenice de Fátima Fernandes Quadros, sobretudo por sua valiosa colaboração técnica.

Obrigado, meu Deus, porque chegou
O final desta etapa, e sendo assim,
Bem melhor é saber que para mim
Novo espaço se abriu e clareou
Como o sol da aurora que brilhou
No horizonte de outra experiência,
Parto e levo na minha consciência
A grandeza do quanto vislumbrei
Nas leituras e nas frases que escutei
Mapeando os sentidos da existência.

Agradeço a todos que encontrei
Nesta via de fé, de esperança,
Os que têm assentada a confiança
Nos ensinamentos de Cristo como Lei.
Desses todos por certo eu lembrarei
O exemplo, o cuidado e a atenção,
Seus esforços encerram uma lição
De amor aos valores do Divino,
Que por graça nos guia a um destino:
A certeza da eterna redenção!

Ser na vida ao que está em desatino
Referência segura, honesta e firme
Para que pelo exemplo se afirme
E desse empenho se torne paladino.
Todo ser nesta vida é peregrino
Limitado em seu modo de agir,
De querer, de pensar e de sentir
E muitas vezes se vê desiludido,
Mas em Cristo a vida faz sentido,
Não se deve pensar em desistir!

(tom)

RESUMO

As transformações socioculturais atuais caracterizam uma mudança de época que está em curso, e mostram as profundas incertezas que isso tem trazido à comunidade humana. Por um lado, estão os progressos produzidos pelos avanços técnico-científicos com tudo que têm e apresenta: se há sombras também há luzes, de tal modo que não se pode negar o esforço da modernidade para favorecer as condições humanas, tampouco ignorar o quanto a sociedade avançou em muitos campos, sobretudo no campo das ciências. Mas por outro, veem-se como resultados, entre outras coisas, as exclusões próprias de uma sociedade que preza muito mais pelo individualismo e, naturalmente, a supervalorização do sujeito consumidor de bens que faz o *giro* do mercado globalizado. Fruto do racionalismo, especialmente a partir da Ilustração, o avanço rigoroso do cientificismo criou muitas expectativas na sociedade com pretensões de responder às questões maiores do ser humano. Em vez disso, contudo, viu-se a ausência de respostas, o que aumentou ainda mais a falta de esperança. Frustrados os sonhos do projeto civilizacional moderno, o crescimento e o fracasso das utopias, sobretudo no século XX, adveio à comunidade humana o vazio existencial, caracterizado pela crise de sentido. Diante disso, este trabalho propõe a mensagem cristã como um horizonte de sentido. Esta mensagem precisa se fundamentar na pessoa de Jesus Cristo e buscar nele o sentido para a existência. A Igreja, por isso, na sua ação evangelizadora tem o papel fundamental de levar à humanidade no contexto contemporâneo os valores fundamentais do Evangelho. A mensagem cristã é um horizonte de esperança que leva a um empenho comprometido com o amor fraterno pelo qual é possível encontrar perspectivas e sentido existencial, não obstante as adversidades.

Palavras-chaves: Transformação, Mudança, Incerteza, Crise, Sentido, Cristianismo, Mensagem, Igreja, Esperança.

ABSTRACT

The current socio-cultural transformations characterizing a change of season that is underway, and show the profound uncertainty that has brought the human community. On one side are the progress made by technical-scientific advances with everything they have and features: if there are shadows there are also lights, so that one can not deny the effort to encourage the modern human condition, nor underestimate the extent to society has advanced in many fields, especially in the social sciences. But on the other hand, see themselves as a result, among other things, the exclusions inherent in a society that values individualism and much more, of course, the overvaluation of the subject of consumer goods which is turning the global market. Fruit of rationalism, especially since the Enlightenment, the advancement of rigorous scientism has raised many expectations in society with pretensions to answer the larger questions of human being. Instead, however, saw the lack of responses, which further increased the lack of hope. Frustrated dreams of modern civilizational project, growth and the failure of utopias, particularly in the twentieth century, came to the human community the existential vacuum, characterized by the crisis of meaning. Thus, this paper proposes the Christian message as a horizon of meaning. This message needs to be grounded in the person of Jesus Christ and seek Him the meaning to existence. The Church, therefore, in its evangelizing has the lead role of humanity in the contemporary context the fundamental values of the Gospel. The Christian message is a horizon of hope which leads to a commitment undertaken by fraternal love by which you can find prospects and existential sense, despite the adversity.

Keywords: Transformation, Change, Uncertainty, Crisis, Direction, Christianity, Post, Church, Hope.

SUMÁRIO

RESUMO	v
ABSTRACT	viii
SUMÁRIO	ix
1 INTRODUÇÃO	12
2 ELEMENTOS PARA UMA FENOMENOLOGIA DA CRISE ATUAL	17
2.1 A FENOMENOLOGIA DA CRISE ATUAL	19
2.1.1 A força da modernidade	20
2.1.2 Quebra de paradigmas	23
2.1.3 Crise do projeto civilizacional da modernidade	26
2.1.4 Violências e culturas de morte	28
2.1.5 Ciências, conflitos e incertezas	29
2.2 A CRISE ATUAL COMO CRISE DE SENTIDO	31
2.2.1 Crise como mudança	32
2.2.2 Perda de sentido na modernidade	33
2.2.3 Perspectivas frustradas	35
2.2.4 As crises e crise de sentido	36
2.2.5 Perda de referencial	38
2.2.6 Horizontes sem perspectivas	40
2.3 SINTOMATOLOGIA DA CRISE DE SENTIDO ATUAL	42
2.3.1 A superficialidade do contexto atual	42
2.3.2 Ausência de respostas	43
2.3.3 Frustração e medo	45
2.3.4 Vazio existencial	46
2.4 CARACTERÍSTICAS DA CRISE ATUAL	48
2.4.1 O fenômeno da secularização	48
2.4.2 Ateísmo universalizado	50
2.4.3 Indiferenças e busca do prazer	52
3 EM BUSCA DAS CAUSAS DE UMA MUDANÇA DE ÉPOCA	54
3.1 AS CAUSAS MAIS PROFUNDAS DE UMA SOCIEDADE EM MUDANÇA	56

3.1.1 Perda da identidade	57
3.1.2 Complexidade cultural	58
3.1.3 Continuidade versus descontinuidade	60
3.2 AS RAZÕES DA CRISE ATUAL	61
3.2.1 Universalidade dos meios	62
3.2.2 Efemeridade das “formas”	63
3.2.3 Transformações e diversidades culturais	65
3.3 CONSEQUÊNCIAS E IMPLICAÇÕES	66
3.3.1 Imperativo das mudanças	67
3.3.2 Multiplicidades de “doutrinas” e as incertezas do contexto atual	69
3.4 A EMERGÊNCIA DE NOVAS NECESSIDADES	70
3.4.1 Cooperação global	70
3.4.2 Comunhão de intentos	71
3.4.3 Ecumenismo “cultural”	73
3.5 A IRRUPÇÃO DE NOVAS REALIDADES	75
3.5.1 Complexidade dos novos fenômenos	76
3.5.2 Diferentes modelos de sociedade	77
3.5.3 O fenômeno religioso	79
4 A RELEVÂNCIA DA MENSAGEM CRISTÃ DIANTE DA CRISE DE SENTIDO	82
4.1 O CRISTIANISMO ANTE ÀS REALIDADES EMERGENTES	84
4.2 SER CRISTÃO NO MUNDO	85
4.2.1 Experiência de fé libertadora	88
4.3 A MENSAGEM CRISTÃ COMO HORIZONTE DE SENTIDO	90
4.3.1 A fé como elemento essencial à vida humana	91
4.3.2 A esperança como fundamento da existência	93
4.3.3 A caridade como possível resposta à crise de sentido	95
4.4 OS VALORES HUMANOS CONTIDOS NA MENSAGEM CRISTÃ	97
4.4.1 Dignidade humana	98
4.4.2 Os valores do Evangelho e universais	99
4.4.3 Utopia do Reino de Deus no contexto contemporâneo	100
4.5 RESPOSTAS POSSÍVEIS DO CRISTIANISMO ÀS NOVAS QUESTÕES	102
4.5.1 No pluralismo sociocultural: o exemplo de Cristo	102
4.5.2 Comunhão humana	104
4.5.3 Diálogos com o diferente	106
5 A CONTRIBUIÇÃO DA IGREJA NA RECONSTRUÇÃO DA ESPERANÇA	109

5.1 O TESTEMUNHO-SERVIÇO DA IGREJA COMO RESPOSTA ÀS QUESTÕES DE SENTIDO NA SOCIEDADE ATUAL	110
5.1.1 Igreja e sociedade – uma mesma humanidade	111
5.1.2 Igreja-serviço	113
5.1.3 O serviço como realização do amor fraterno	115
5.1.4 Igreja-testemunho	117
5.1.5 Testemunho no contexto contemporâneo	118
5.1.6 Ser sal e luz	120
5.2 A AÇÃO EVANGELIZADORA COMO ESTEIO NA RECONSTRUÇÃO DA ESPERANÇA	122
5.2.1 Abrir novos horizontes: um desafio	123
5.2.2 Reprojetar a ação evangelizadora da Igreja	124
5.2.3 Anunciar a presença do Reino de Deus	126
5.2.4 Dimensão fé-prática	128
5.3 AS POSSÍVEIS AÇÕES PASTORAIS QUE PODEM SER RELEVANTES NO CONTEXTO ATUAL	130
5.3.1 Nova linguagem para novas realidades	131
5.3.2 Formação da comunidade eclesial	133
5.3.3 Evangelizar: missão essencial da Igreja	135
5.4 A ESPERANÇA HUMANA NO HORIZONTE SOCIOCULTURAL	138
5.4.1 O evangelho como perspectiva de esperança	139
5.4.2 Esperança como suporte de transformação	141
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
OBRAS CONSULTADAS	151
REFERÊNCIAS	155

1 INTRODUÇÃO

Pode a mensagem cristã ser um horizonte de sentido diante da crise existencial que a humanidade vive atualmente? Toda proposta de vida humana tem um fim, e não se deve negar que este fim diz respeito à felicidade que, de uma forma ou de outra, todos procuram. Entretanto, há entraves no caminho, o que impede que o ser humano encontre sentido para seus passos. A questão tem ocupado muitos espaços nos meios acadêmicos e fora deles porque, de fato, preocupa a comunidade humana. A Filosofia, a Teologia, a Sociologia e a Psicologia dedicam muitas reflexões ao tema do sentido da existência no contexto contemporâneo. De modo geral, as análises são formuladas com muito interesse, sem mostrarem, no entanto, solução possível. Na verdade, há mais questionamentos que respostas. Isso mostra a profundidade da questão e a dificuldade de se apontarem direções claras, práticas e objetivas. Não quer dizer, por outro lado, que os esforços foram e continuam a ser em vão.

O ser humano experimentou, em tempo recorde, uma série de novidades que possivelmente marcaram e continuam a marcar o século presente. Muitas delas, porém, por serem dinâmicas e velozes, não permitiram que a sociedade se *preparasse* para assimilá-las sem maiores *dramas*. Em vista disso, houve ao que parece, uma perda de referências e de objetivos. Fala-se em perda de sentido por causa de múltiplos fatores, principalmente aqueles relacionados à modernidade com tudo que ela representou. Não se quer com isso dizer que as questões de sentido para a existência humana estejam todas elas ligadas diretamente à modernidade e ao racionalismo. Mas na base da crise de sentido está a crise da modernidade. Por outro lado, a perda de identidade talvez se deva a emergência de novos valores, que hão de vir a partir de outras realidades que emergem. Assim, não seria adequado dizer que estamos diante de um fracasso absoluto, mas em busca de ampliação do projeto da modernidade, de onde ainda se podem auferir valores importantes que sejam referência de sentido para a vida humana.

Felizmente o *ser humano* é também *ser de esperança*, e nela deve se apoiar, principalmente quando tem diante de si horizontes pouco precisos. As religiões têm um papel importante neste particular, especialmente o Cristianismo cujos valores se apoiam na promessa de Deus, *na profecia*, em parte cumprida em Cristo. A

mensagem de Jesus tem espaço neste contexto sociocultural? E o Cristianismo poderia ser um horizonte de esperança? Se a resposta for positiva faz sentido falar-se no Evangelho como eixo de importância para a humanidade num período de crise, ainda mais se esta for existencial. Neste caso, o papel da Igreja e dos cristãos é indispensável uma vez que daí sai a missão de anunciar - a mensagem é Cristo, mas os missionários são todos os batizados.

No mundo atual, faz-se necessário que a Boa-nova de Cristo seja levada à humanidade de maneira que possa ser compreendida e vivida (*experienciada*), e isso é dever e compromisso dos cristãos e da Igreja, com disse João Paulo II.

Então o compromisso da Igreja com a missão precisa encampar o desafio de levar ao mundo o anúncio de Cristo. A religião tem sido objeto de muitas críticas, principalmente dos racionalistas, mas mesmo isso precisa ser levado em conta, uma vez que pode contribuir para o Cristianismo e a Igreja entenderem melhor seus erros e procurarem corrigi-los. O mundo precisa, com efeito, do alento que lhe pode dá a religião, especialmente o Cristianismo, que se inspira em Cristo fonte de esperança e de vida.

A metodologia do trabalho guia-se pela exposição do que se pretende com a pesquisa, esquematizada em quatro capítulos. Procurou-se organizar uma bibliografia consistente de maneira que pudesse embasar adequadamente a discussões aqui apresentadas. Os autores e as disciplinas estudados pertencem a diversas áreas do conhecimento: sociologia, antropologia, filosofia e teologia, de maneira que se pudesse ver de diferentes perspectivas a questão do sentido da existência humana e de que modo a mensagem cristã pode ser um horizonte significativo. Acrescente-se a isso o interesse muito pessoal pelo tema uma vez que faz referência ao universo mais significativo do ser humano: *viver com sentido*.

No primeiro capítulo, questiona-se: há realmente uma crise de sentido na sociedade atual, como ela se manifesta e quais seus sintomas? Apresentam-se a fenomenologia, seus aspectos mais importantes, como a força cultural que representa a modernidade, a quebra de paradigma produzida por ela e a crise do projeto civilizacional sonhado pelo racionalismo; analisa-se, como alguns dos resultados da racionalidade ou da *revolução* racionalista, as violências produzidas, bem como as ciências, os conflitos negativos que resultam delas e as incertezas que se percebem em muitos setores da sociedade. A seguir, apresenta-se a crise atual

como crise de sentido, evidenciada com as mudanças empreendidas de maneira tão veloz que a sociedade não teve condições de assimilá-las. Esse impacto provocou e acelerou, em alguma medida, a crise de sentido que vemos no contexto atual. Essa crise se não se origina, pelo menos se fortalece e ganha corpo nas perspectivas frustradas, não vividas pela sociedade, do modo como queria o projeto racional moderno. Isso aponta, imediatamente, para dois pontos cruciais: a perda de referencial e a ausência de perspectivas, e leva o ser humano a se acomodar, perder coragem e em empreender caminhos que apontem vias de saída para a falta de perspectiva do presente.

Os aspectos da sintomatologia da crise estão desenvolvidos logo em seguida, em quatro subitens nos quais se discorre sobre os sintomas da crise de sentido. Primeiro está descrita a superficialidade das experiências, isto é, a dificuldade que se tem, dada a pressa dos avanços, de se fazerem experiências profundas, que tenham sentido, que permaneçam que definam a identidade do sujeito. Depois está a ausência de respostas para as questões levantadas pelo ser humano, bem como as frustrações e os medos devidos aos problemas vividos na experiência cotidiana do passado e do presente, que deságuam no vazio existencial, na falta de perspectivas. No item seguinte, estão alguns aspectos que caracterizam a crise atual. Destaca-se o fenômeno da secularização muito comum no contexto contemporâneo, o ateísmo universalizado, isto é, presente, sobretudo nos ambientes acadêmicos, a indiferença aos projetos humanos e a corrida pela busca do prazer.

No capítulo segundo, a questão é: Quais as causas e as razões da crise atual de sentido? Aqui estão apresentados aspectos pontuais da sociedade que atualmente estão postos, mas que desde o século XIX se engendrou. De modo geral, as questões alavancadas apontam para as experiências que surgiram e foram suplantando outras que existiam, mas agora pouco estáveis, e isso em todo âmbito social, inclusive o religioso. “O mundo passa por profundas mudanças que concernem também à experiência religiosa, enquanto horizonte de significado ou instância de sentido” (BRIGHENTI, 2001, p. 9). Em três itens são apresentadas as causas mais profundas de uma sociedade em mudança. Aqui se veem as subjetividades superficiais e a perda de identidade no complexo sociocultural do mundo presente. Em vista disso, torna difícil a continuidade coerente de um projeto diferente do que deseja o mundo. Depois, procura-se apresentar as razões da crise

atual, e entre elas se destacam três pontos fundamentais: a universalidade dos meios, que torna possível num mesmo tempo e lugar os eventos que ocorrem do outro lado do mundo; a efemeridade das formas – tudo é passageiro, o que não permite que se valorizem nem os projetos nem as pessoas; tudo é tão mutável que até mesmo as relações humanas entram nesse dinamismo; e, por fim, as transformações e diversidades culturais, que são sintomas característicos da crise atual. No item seguinte, analisam-se as consequências e as implicações das mudanças, acentuando especialmente, o imperativo destas, as multiplicidades de “doutrinas” e as incertezas que delas derivam. A seguir, a emergência de novas necessidades, acentuando-se a cooperação global, a comunhão de intentos e o ecumenismo cultural. Adiante, destaca-se a irrupção de novas realidades, com destaque para a complexidade de novos fenômenos; a constatação de diferentes modelos de sociedade e o fenômeno religioso.

O terceiro capítulo questiona: Qual a relevância da mensagem cristã e a contribuição desta na atual crise de sentido? Aqui se pretende mostrar que diante da crise de sentido por que passa a humanidade o evangelho ainda tem relevância, e a Igreja, como mensageira dessa verdade tem um papel preponderante, como se verá no quarto capítulo. Este capítulo está apresentado em quatro itens: o primeiro destaca o Cristianismo ante às realidades emergentes. Disserta-se sobre o modo de ser Igreja no contexto sociocultural em que se vive, a importância do seu testemunho e a experiência de fé libertadora. O item seguinte mostra a mensagem cristã como horizontes de sentido, apresentando, em primeiro lugar, a fé como elemento essencial, a esperança como fundamento e a caridade como resposta. A seguir, o terceiro item traz os valores humanos contidos na mensagem cristã, destacando a dignidade humana como valor fundamental a ser buscado e vivido; os valores do evangelho como universais, válidos para toda a sociedade, não apenas para os cristãos; e a utopia do Reino que está presente, e em nós mesmos. Por fim, o quarto item, que procura mostrar as possíveis respostas do Cristianismo às questões socioculturais. Destaca, para isso, o exemplo do próprio Cristo, a necessidade da comunhão humana, a importância do diálogo com o diferente. Numa sociedade pluricultural, o diálogo se torna instrumento indispensável para uma proveitosa convivência.

O último capítulo versa sobre a questão: que contribuições a Igreja pode dar para que as pessoas encontrem sentido em suas vidas? Aqui se parte do ponto fundamental que é o testemunho da Igreja nas respostas às questões suscitadas na crise contextual. Parte-se da afirmação de que a Igreja é uma comunidade que está no mundo, portanto é uma sociedade vivendo em meio à grande sociedade humana, por isso mesmo sujeita às alegrias, mas também às angústias e esperanças, como afirma o Concílio Vaticano II. O testemunho primeiro da Igreja é o serviço, para isso ela existe ao mesmo tempo em que faz o anúncio da mensagem de Cristo, de quem é testemunho e dá testemunho no seu agir cotidiano, mesmo diante dos problemas que também experimenta. É precisamente neste mundo cheio de contradições, de indiferenças etc. que a Igreja quer ser sal e luz. Daí resulta que a sua ação evangelizadora pode ser apresentada como esteio na reconstrução da esperança. Aqui se abrem alguns itens cuja intenção é mostrar as possíveis ações da Igreja diante da crise. Neste caso, destaca-se o desafio de se abrirem novos horizontes, bem como reprojeter a sua ação evangelizadora, tendo Cristo como meta. Isso se demonstra na dimensão fé-prática – a fé cristã é meio de libertação humana. O item seguinte procura evidenciar as possíveis ações evangelizadoras da Igreja que podem ser relevantes diante da crise de sentido. Destacam-se, para isto, uma nova linguagem que seja compreendida, entendida, vivida pelas novas realidades que se apresentarem. Outro passo importante é a formação da comunidade eclesial, de maneira que se alavanquem novas formas de evangelização no futuro da Igreja. Mostra-se, logo em seguida, a importância do amor fraterno como papel primordial do cristão. O último item põe a esperança como horizonte humano no contexto sociocultural, e se fundamenta no evangelho como perspectiva primeira. Então é preciso que a Igreja esteja espelhada na esperança dos apóstolos, da Igreja primitiva e nas experiências fundamentais que teve e tem no decurso de sua história. Essa esperança é suporte de transformação sociocultural porque *transforma* o indivíduo e, conseqüentemente, a sociedade. Finalmente, enfatiza-se a importância da Igreja no mundo em que os valores fundamentais da vida são, em grande medida, relegados a planos inferiores: a Igreja é um porto seguro em defesa da vida para *cumprir* o evangelho de Cristo, que veio “para que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10, 10).

2 ELEMENTOS PARA UMA FENOMENOLOGIA DA CRISE ATUAL

A busca pelo sentido da vida ocupa espaço em muitos setores da nossa cultura e mais precisamente nas ciências humanísticas. Com razão, o tema é discutido com preocupação. A vida humana precisa ser levada em conta não como uma casualidade, mas como algo excelente, de relevância primeira, sobre a qual nos devemos debruçar, procurando entendê-la e, naturalmente, conferir-lhe a qualidade que necessita. Há muitas razões que põem a vida em risco, especialmente no que diz respeito ao sentido fundamental. De modo geral, os autores são pessimistas, principalmente porque não salientam a importância da ciência como dado relevante da modernidade. Ao contrário, a grosso modo, destacam os problemas que as técnicas produziram e os resultados negativos que trouxeram. Touraine, na *Crítica da Modernidade*, Lefort, em *A crise da razão*, Visentini, em *História do mundo contemporâneo: da paz britânica do século XVIII ao choque das civilizações do século XX*, e Gibellini, em *Perspectivas teológicas para o século XXI*, por exemplo, destacam os resultados da modernidade, pontuando aspectos como guerras, conflitos de interesses políticos, globalização, exclusão social. Morin, em *Para onde vai o mundo*, e Capra especialmente em *Ponto de mutação* e *A teia da vida* também veem pontos negativos na nova ordem social. Para o primeiro a saída é demais complexa porque o mundo está carregado de perigos (o que a humanidade já viveu é exemplo); para o segundo uma consciência mais abrangente da realidade, incluindo aqui a ambiental, pode levar a humanidade a viver um extraordinário *potencial*, no qual a vida seja vista de maneira diferente – seu funcionamento ainda não foi compreendido pelo sujeito. Por isso, o drama que a humanidade vive, como um todo. Diante disso, apresenta, diante disso, a visão *holística da ciência*, que acredita ser um paradigma para a situação do presente. Berger e Lucmann, em *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação*

para o homem moderno e Bauman em *Modernidade e ambivalência* constantemente fazem referência às instabilidades do mundo, o que era dado como certo cede lugar às novidades, e isso, de algum modo deixa no espírito humano o temor das incertezas. Para Giddens, em *O mundo em descontrole*, a modernização influi, sobretudo, no capitalismo e na industrialização. Com isso concorda Greider, em *O mundo na corda bamba*, que aponta outro problema: o capital torna-se perigoso quando não contempla sequer a possibilidade de esgotamento dos recursos. Por isso, chama esse processo de “máquina de produção”.

Alguns dados nos ajudam a compreender por que a vida passa por tantas inconstâncias. A fenomenologia tem diversas causas, e aqui não se pretende explorá-las com profundidade, mas, sobretudo, mostrar que a causa maior da crise são as mudanças pelas quais o mundo passa no contexto atual.

É verdade que as circunstâncias em que o mundo vive também são causa de mudanças. Não se deve ignorar este dado importante: estamos num período em que elas se processam de maneira muito rápida, e tal rapidez não permite que se viva cada momento com a intensidade devida, com profundidade, como no passado, antes da revolução tecnológica – meios de comunicação, televisão, internet. Então, por necessidade das exigências de cada instante, vive-se na superficialidade, que por si mesma, representa um fenômeno.

Os organismos vivos se transformam, e por isso passam por algum tipo de *crise*, o que necessariamente não significa negativo. Ora, as mudanças sempre apontam para as transformações que, em muitos casos, trazem algo novo, diferente, iluminador, positivo. Por outro lado, há de se considerar que o mundo contemporâneo traz uma carga de efeitos negativos à sociedade que nunca se observara antes na história das civilizações. Estamos, por certo, diante de um novo modo de vida próprio do contexto contemporâneo, gestado nos séculos da Iluminação cujos efeitos estão agora presentes.

Neste capítulo são abordados quatro itens:

a) A fenomenologia da crise atual, que apresenta os aspectos que mostram o modo como o fenômeno da crise abrange a sociedade humana como um todo a partir da força transformadora da modernidade. Por outro lado, analisa-se também a quebra dos paradigmas que antes estavam dados como seguros porque *garantiam* a identidade do ser humano; depois se observa que o projeto civilizacional da

modernidade entra em crise sem dar respostas às necessidades humanas. Assomam-se a esses aspectos outros dois elementos determinadores da fenomenologia da crise, que são as diversas formas de violências; e diante disso as ciências, os conflitos e as incertezas por que passa a humanidade.

b) A crise atual como crise de sentido: as mudanças socioculturais que apontam para as transformações. Neste caso, crise é uma mudança que empreendida da forma como foi levou a perda de sentido, e isso é constatado nas perspectivas frustradas, nas multiplicações das crises, isto é, em todos os espaços da vida cotidiana esses aspectos são notados. Daí se chega à perda de referencial humano, de identidade, dada às muitas opções que a modernidade oferece. Diante disso, no horizonte humano se perdem as perspectivas.

c) A sintomatologia da crise de sentido é analisada sob cinco aspectos, como a superficialidade do contexto atual, dada a dificuldade que se tem de aprofundamento das experiências; a ausência de respostas que não foram garantidas pela razão moderna nem pelas ciências e, por fim, a frustração, o medo e o vazio existencial, que aparece como uma consequência dos aspectos anteriores.

d) Por fim, são apresentadas as características da crise atual como de sentido – e aqui estão presentes o fenômeno da secularização, o ateísmo, as indiferenças em relação a muitos aspectos da vida, e a busca desenfreada pelo prazer.

2.1 FENOMENOLOGIA DA CRISE ATUAL

É comum se ouvir em todos os setores culturais que há determinada dificuldade de ordem diversa. A essas dificuldades se costumou chamar e denominar *crise*: crise econômica, que já não cresce como antes, sobretudo no período do pós-guerra, tampouco tem o mesmo impulso que teve no final do século passado, dá a impressão que os recursos (forças de produção e matéria-prima) se esgotam (GREIDER, 1998, p. 68); crise educacional, de modo geral nem os governos nem as instituições particulares encontram mecanismos que animem a juventude a se empenhar mais, explorar adequadamente os instrumentos que lhes são oferecidos, a autoridade dos professores é não apenas questionada, mas

também desrespeitada (AQUINO, 1998, 14); crise nos poderes constituídos, na governabilidade, problemas de governos começados e não terminados por forças confusas que evidenciam a fragilidade do próprio Estado (FERREIRA, 1996, p.7). Acontecimentos acerca deste particular não são dados recentes, e ao que parece ainda perduram em quase todos os continentes.

Por certo, em muitos aspectos, podemos entender os problemas por que passamos a partir de uma origem causadora da crise. É certo que as questões (crises) sociais não surgiram de um dia para outro, mas foram tomando corpo na medida em que as mudanças avançavam no tempo. Logo, é importante que estes passos sejam vistos, então a compreensão do tema torna-se mais clara.

A modernidade, por outro lado, representa uma força com muitos aspectos. Discussões apresentadas por muitos autores, como Bauman (1999), Morin (2010) e Capra (2006) mostram, frequentemente, os *pecados* da modernidade, mas é importante que se mostrem também as *virtudes*, principalmente as descobertas que muito favoreceram à vida, bem como as tecnologias de informação, nova forma de compreensão e engajamento político, que sempre contribuem com as democracias. Há, como elementos positivos que não devem ser ignorados: a subjetividade, a gratuidade, a valorização do presente, o espaço conquistado pelas minorias, as novas formas de se entender e se fazer políticas, que fortalecem, em grande medida, as democracias. Daí resulta outra visão de cidadania, valorização do diálogo, que permitem questionamentos, liberdade de opinião, porque não há verdades fechadas nem concluídas.

2.1.1 A força da modernidade

Os avanços culturais deram ao mundo uma nova força e com ela uma nova ordem. Se por um lado se procuraram, no final do século XIX, novas alternativas racionais, com relativo sucesso, como as maiores descobertas no campo científico, por outro se produziu uma série de limites.

É um paradoxo, mas na medida em que a modernidade triunfava, também enfraquecia. De que maneira? Por um lado, as conquistas, os avanços muito significativos para a humanidade, e isso não se deve negar ou esconder; por outro

os “efeitos colaterais” que provocava: desestabilização cultural, rompimento de tradições sociais, quebra de paradigmas. Há uma *desacomodação* produzida na era pós-industrial que perdura até o século XXI:

Pode-se dizer, portanto, que essa ruptura não passou. A crise está instaurada, e não dá sinais de transitoriedade. Não se vislumbram perspectivas de uma re-estruturação social, pois não há uma identidade de pensamentos que projetam uma determinada orientação fundante de uma nova ordem. O que era certo, padronizado, absoluto, agora é indeterminado, casual e relativo. (DOS SANTOS, 2009. p. 388.)

A existência humana deve ser a preocupação primeira das ciências, pois se não for assim, não tem razão de ser, e seu fim não teria sentido. É preciso olhar a vida como um todo, mas não se esquecer das partes, que somos nós mesmos, isto é, cada um, no modo como vive. Então, é preciso que cada um procure compreender e viver com intensidade cada instante de sua existência porque, assim, se alcança o sentido para o qual se pretende chegar:

O sentido da vida difere de pessoa para pessoa, de um dia para o outro de uma hora para outra. O que importa, por conseguinte, não é o sentido da vida de modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento... não se deve procurar um sentido abstrato da vida. Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida. Cada um tem que executar uma tarefa concreta, que está exigir realização. (FRANKL, 2008. p. 133)

É certo que a crise permeia a sociedade, mas não apenas a crise de sentido, senão muitas outras que, por certo, atingem a sociedade de modo geral. Fala-se de crise política, econômica, cultural, religiosa e científica. As causas são muitas, de modo que não se pode acentuar uma ou outra. Por isso, aqui se pretende analisar alguns aspectos que apontam para a crise de sentido.

Os engenhos beligerantes do século XX preparavam a sociedade racionalista para um confronto, e não apenas o confronto bélico, mas também ideológico. Produziram, assim, as grandes ideologias que resultaram numa série de esgotamentos humanos, que vão desde a saída da obscuridade até o extremo do individualismo:

A modernidade nos arrancou dos limites estreitos da cultura local onde vivíamos; ela nos jogou igualmente na liberdade individual como na sociedade e na cultura de massa. Por muito tempo lutamos contra os antigos regimes e suas heranças, mas no século XX lutamos contra novos regimes, contra a nova sociedade e o novo homem que quiseram criar

tantos regimes autoritários, que fazem ouvir os apelos mais dramáticos à libertação, que fazem revoluções dirigidas contra as revoluções e os regimes que delas nasceram. (TOURRAINE, 2009, pp. 99-100).

Em menos de dois séculos, a sociedade sai dos limites rurais para os urbanos, com toda carga de fortunas e prejuízos. Isso foi, sem dúvida, um dos mais significativos sinais de transformação. Gradativamente, processava-se a mudança que levaria o mundo a experiências desagradáveis, como foram os dois momentos mais tristes da nova história: as guerras mundiais e os demais conflitos que delas resultaram.

Mas neste contexto, o mundo também aprendeu importantes lições até mesmo de humanidade, de política internacional, de diplomacia. Foi neste período que instituições como a ONU e organizações não governamentais emergem como elemento importante para estabelecer a paz entre as nações através do diálogo. O mundo entende que mais importante é o que une do que o que divide, então em que pesem os conflitos, o esforço para a convivência pacífica resulta sempre como um aspecto válido e positivo para a humanidade do presente.

No século XX, muitas ideologias semearam a esperança e a utopia, mas pouco a pouco tudo começou a tomar novas direções que não aquelas preconizadas pelos regimes das primeiras décadas desse século. Na década de 1990, muitas coisas começaram a mudar: o risco de uma guerra mundial se distanciava, o mundo perigoso dava lugar a novas perspectivas de esperança. Mas a esperança não durou muito tempo, emergiram outras formas de comportamento político, social e cultural:

Se há um sentimento atualmente compartilhado, é o da crise de nosso tempo. O desmoronamento do sistema comunista suscitou, por um momento grandes esperanças. Ele selava o fracasso dos empreendimentos totalitários que, em duas versões diferentes e, de certo modo opostas, havia perturbado o cenário mundial durante a maior parte do século. Em 1990, o mundo se via livre da ameaça de uma guerra nuclear. A humanidade, imaginava-se, podia respirar de novo. As democracias ocidentais, por mais caóticas que fossem, revelaram-se, afinal, mais sólida do que se havia suposto. Ora, o desencantamento não tardou. Acenderam-se novos conflitos cujos motivos são alheios às rivalidades das grandes potências. O imaginário da crise. (LEFORT, 2006, p. 27)

Se por um lado, as ideologias haviam fracassado, por outro a esperança em dias melhores estava por vir. Entretanto, não foi precisamente o que a humanidade viveu, e cujos resultados ainda os vive. Na verdade, o empenho que se pôs nas

grandes linhas políticas frustrou as perspectivas da sociedade cheia de esperança. Armava-se, então, a *imprevisibilidade* que chamou, de imediato, a atenção de sociólogos, filósofos, antropólogos na tentativa não apenas de entender e compreender esse momento singular, mas, sobretudo encontrar uma saída-resposta.

A esperança outra vez fica abalada na virada do milênio. A paz sonhada também não se viu, ao contrário, o século XXI mal entrara e o mundo estava envolto em guerras e conflitos armados em todos os continentes:

Em lugar de paz seguiram-se anos de confrontos sangrentos que sinalizaram a emergência de guerras, conflitos civis e padrões de violência de novo tipo. A prosperidade prometida não ocorreu, ao menos para a grande maioria das pessoas e países. A globalização, ainda que lançando bases para um crescimento ulterior, gerou desemprego estrutural, recessão em vários países (com retrocesso da produção industrial) e instabilidade financeira mundial, em meio à concentração de renda. (VISENTINI, 2008, p. 245.)

Esses dados seriam mais alarmantes se não houvesse, em toda parte, especialmente por esforço da ONU, o compromisso de dialogar com estados, nações e grupos beligerantes que procuram impor, a ferro e fogo, suas normas e suas vontades. O diálogo é sempre o melhor caminho para o entendimento e a paz. Há experiências muito positivas no que concerne às tentativas de resolução de problemas de conflitos que envolvem nações ou grupos, e esse esforço nasce, certamente, do desejo universal de se promover a paz no mundo.

Vive-se um período de desconstrução, e não de destruição, e nisso existe uma metodologia que visa à re-construção, com aspectos diferentes, valores e fundamentos. É nessa perspectiva que está a quebra de paradigmas do nosso contexto.

2.1.2 Quebra de paradigmas

O século XIX foi marcado pela consolidação do liberalismo a partir da Inglaterra que já colhia os resultados da Revolução Industrial – era isso que diferenciava a Inglaterra das outras nações ao final das expansões napoleônicas. A

lógica liberal está associada ao triunfo da Revolução Industrial, aqui entendida como a substituição da ferramenta pela máquina. Socialmente isso vai produzir uma diferença muito grande, e não apenas na Europa, mas a partir daí, em relação ao modelo de vida fundamentalmente agrário ou baseado na manufatura.

A Revolução Industrial trouxe consequências inesperadas para a sociedade. Parcelas crescentes da população rural foram atraídas para as cidades, modos de vida tradicionais desapareceram, as cidades cresceram em número, tamanho e população tendo como resultado penosas condições de vida da nova e crescente classe operária que produzirá movimentos de reação ao processo de industrialização. Todavia esta industrialização permitiu o aumento acelerado da produtividade econômica e o crescimento da riqueza nacional em níveis muito superiores ao incremento populacional. (VISENTINI, 2008, pp. 41-42).

É difícil entender com precisão as transformações pelas quais a sociedade passou (e ainda passa), especialmente no final do século XIX e durante todo o século XX. Se por um lado, a sociedade estava mais “organizada” em torno de um núcleo familiar, na que o patriarca provia o sustento, o cuidado doméstico cabia à mãe. Isso, contudo, foi deixando de existir especialmente quando a sociedade deixa de ser fundamentalmente agrícola e passa a ser urbana.

O que caracteriza o contexto geral, portanto, é uma significativa transformação social de maneira mais global e completa. O que estava estabelecido se rompe e se cria algo novo que deságua num vasto oceano sociocultural. O Concílio Vaticano II observou muito bem os aspectos dessas mudanças trazidas pelas principais características do mundo de então:

A humanidade vive hoje uma fase nova de sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra. Provocada pela inteligência e atividade criadora do homem, elas repercutem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e coletivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas. De tal modo que podemos já falar de uma verdadeira transformação social e cultural, que se reflete também na vida religiosa. (GS, 4.)

Ora, o Concílio observa uma transformação não apenas no âmbito social e técnico, mas também cultural. De modo que para a Igreja, voltar-se para essa questão era de fundamental relevância. Sobretudo porque demonstra a preocupação que via a partir dos câmbios evidentes.

É importante notar que a unidade Igreja-Estado também vai se distanciar, outro paradigma que não pode mais ser considerado, pelo menos sob o ponto de vista político e religioso. Basicamente, as sociedades ocidentais tornaram-se laicas, aqui entendida como não vinculadas à Igreja, como forão até início do século XX em muitos países católicos.

O relacionamento da Igreja com o Estado e a sociedade não mais se dá como no tempo da cristandade. O modelo que apela para concordatas e acordos conforme às necessidades, utilizado pela Igreja a partir da Revolução Francesa, tem suas vantagens por sua flexibilidade e desvantagem por sua labilidade, pois carece de princípios comuns estáveis. Outro modelo apresenta a Igreja como uma associação entre outras na sociedade pluralista, gozando de interesses próprios e submetida como as outras à ordem do Estado. (FRANÇA MIRANDA, 2006, pp.51-52)

Isso, por outro lado, acentua a autonomia da Igreja nas suas decisões e propósitos de evangelização, e facilita, por suposto, as discussões acerca das políticas sociais encaminhadas e defendidas pelo Estado, e muitas delas em colisão com os princípios cristãos pregados e defendidos pela Igreja.

Adianta-se que alguns aspectos foram muito significativos para o mundo e para a Igreja, como a necessidade de se abrirem novos caminhos de entendimento para se *compreender* o ser humano nas suas relações. Têm início outras bases de assentamento de discussões mais claras e objetivas, não obstante às diversidades de opiniões e ideologias:

Felizmente, o mesmo processo histórico, tanto pela simples distância temporal como, sobretudo, por se tornarem patentes os efeitos reais das distintas tomadas de posição, foi propiciando a clareza e desfazendo mal-entendidos. De fato, hoje dispomos de uma perspectiva suficiente para começar a pôr as bases de um diálogo sereno e autêntico que *subjetivamente* ajude a reconhecer a verdadeira intenção do outro e *objetivamente* propicie a união dos esforços na concretização de metas comuns.(QUEIRUGA, 2003, p. 24.)

Entretanto, o rompimento mais significativo dado neste período foi o fracasso das ideologias que pareciam iluminadoras que vigoraram, em muitos âmbitos, até início do século XXI. Mesmo depois da Segunda Guerra, o mundo ainda não tinha muito claro, especialmente nos continentes mais pobres, o quanto era nociva qualquer forma de radicalismos, sejam de esquerda ou de direita.

É fato que as ideologias gestadas em séculos anteriores eclodiriam no século XX em uma série de manifestações culturais, que gradativamente foram também

mostrando seu fracasso. Por um lado, o capitalismo sustentado pela tradição iluminista, pelo racionalismo, pelo individualismo e pela liberdade individual, *forçou*, por assim dizer, o surgimento de outras ideologias, especialmente a sustentada pelo *socialismo utópico*, que se apresentava como alternativa ao capitalismo. Propunha sociedades ideais, onde os problemas de então não estariam mais presentes.

A passagem do século XIX para o século XX, não obstante os percalços políticos, foi tranquila. O desenvolvimento apresentara descobertas significativas que impulsionavam a humanidade a um novo horizonte: comunicações, cinema, rádio, navio a vapor eram maravilhas que engrandeciam o orgulho humano. Porém, depois de 1914, as questões políticas dão sinal de que o período de paz vai ser interrompido, como de fato acontece, e não só pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), bem como o processo que naturalmente se seguiu, como a Grande Depressão (1929), Segunda Guerra (1938-1945) e a bipolarização do mundo com as consequentes e constantes preocupações, entre elas, a iminente guerra entre as potências dos dois blocos.

Esses aspectos se entrelaçam quando se recorrem aos dados históricos. No período do pós-guerra, a bipolarização do mundo entre os blocos capitalista e socialista e as ditaduras nas nações em desenvolvimento são questões que aprofundaram ainda mais os problemas sociais, pondo em crise uma geração inteira. “O projeto civilizacional moderno para a sociedade fracassara”. (BARROS, 2008, p.9.)

2.1.3 Crise do projeto civilizacional da modernidade

O capitalismo, aliado à fragmentação do pensamento e das ciências produziu, entre outras coisas, um modelo de sociedade que não se imaginava há poucos séculos. As mudanças que vemos no presente foram gestadas noutro contexto, especialmente a partir do racionalismo humanístico dos séculos XV, XVI e XVII.

Esse período marca o apogeu das grandes descobertas, cuja epopéia mais significativa foi a chegada dos europeus a outros continentes. Se não interessasse aos europeus outras rotas comerciais e a possibilidade de engrandecimento dos

recursos a serem consumidos no Velho Continente, é provável que as grandes navegações teriam demorado mais a chegar. O capital supera sempre a inércia da política e abre novas possibilidades de riquezas com seus efeitos e defeitos. O modernismo era uma máquina produzindo transformações:

Imagine uma maravilhosa máquina nova, forte e flexível, uma máquina que colher ao mesmo tempo em que destrói. É imensa e muito móvel, semelhante às modernas máquinas agrícolas, mas muito mais complicada e poderosa. Pensem nessa máquina espantosa correndo em campo aberto e ignorando as fronteiras familiares, enquanto sulca os terrenos e derruba as cercas num ritmo avassalador, ao tempo fascinante e assustador. (GREIDER, 1997, p. 11.)

Essa é a lógica dos avanços técnicos que chegou ao século XX e XXI, que não estava nos planos do processo de civilização moderna. Mas é fato, quando se produzem riquezas, corre-se o risco de deixar para trás alguma forma de prejuízo. A isso se alinha outra forma de ser da modernidade – o secularismo vai ganhando espaço na medida em que as críticas racionalistas chegam à religião e à fé. Produz-se, então, o ateísmo, comum ainda hoje em rodas de discussões entre pensadores, sociólogos, antropólogos e cientistas.

Mas não podemos nos furtar de salientar alguns aspectos positivos que o humanismo legou às gerações futuras. Sem dúvida, a sede pela ciência cresceu muito nos ambientes acadêmicos, que se multiplicam a partir da Renascença europeia.

Como uma reação natural ao espírito escolástico, que, durante a Idade Média, limitou as possibilidades humanas e criou um conceito de metafísica da vida, a Renascença foi um movimento de libertação, traduzido no estudo apaixonado dos modelos clássicos gregos e romanos e num ávido desejo de investigação no campo da ciência. Neste sentido foi uma verdadeira e profunda revolução espiritual. O humanismo da Renascença é acentuadamente pagão, mas está longe de ser um humanismo ateu. (BRIGHENTI, 2004, p. 29.)

Sem dúvida, um dos aspectos mais salientes do processo moderno de civilização era tornar a razão independente, mesmo diante da religião cristã profundamente marcada pelos valores tradicionais trazidos da Idade Média. O racionalismo se oferece como possibilidade para o indivíduo, uma vez que a religião o aprisionava. Tudo isso levou a Igreja a “abrir-se ao novo”, abrindo caminhos para o diálogo necessário com a razão moderna, que responde com o nome de “ciências”. Entretanto, o projeto “modernista” chega ao fracasso por causa dos seus próprios “desvios”, entre os quais, a razão individual, a técnica de produção e o consumo.

A razão técnica-instrumental da civilização industrial fez do mito do progresso o do paraíso na terra o seu fim, perdendo de vista o sistema de valores da cristandade e, conseqüentemente, um horizonte de sentido a altura da dignidade humana. (BRIGHENTI, 2004, p. 47.)

O projeto que a modernidade tinha para o mundo, baseado fundamentalmente na razão fracassou precisamente no passo do século XX, que ainda não terminou, uma vez que, passada já uma década, ainda as civilizações sofrem as graves conseqüências dos rastros que ele deixou. O processo subsequente trouxe, trouxe como resultado uma série de violências contra a vida, incluindo as promovidas por nações e grupos contra outras ou contra si mesmas. O problema mais grave gera-se entorno da generalização e banalização dos valores fundamentais da vida. (CARVALHO, 1999, p. 142.)

2.1.4 Violências e culturas de morte

Muitas formas de violências têm sido constante no mundo contemporâneo. E não apenas aquelas mortes provocadas por guerras e conflitos entre nações ou grupos armados. Em muitos casos, as diferentes formas de mortes estão presentes no cotidiano social, é a metaviolência, a violência tornada louca (MORIN, 2010, p. 59). A humanidade, sem exceção, é vítima desse cenário, mas os pobres são os mais atingidos, por inúmeras razões: não têm como se proteger, transformam-se em instrumentos *do mal*, perdem-se nos submundos das periferias. Ora, tais condições criam espaços cada vez mais assustadores nos meios sociais. Concretamente, pouco se tem feito para procurar pôr fim às estatísticas dessa cultura nefasta.

Se não bastassem as dificuldades por que passam grande parte das sociedades, nos ambientes mais pobres criam-se condições para o império da morte: vícios, tráfico de armas e de drogas, crescimentos de grupos que se engalfinham com violências extremas, aborto eutanásia, e assim por diante. O ser humano parece estar sedento de toda forma de violência. Por outro lado, sabe-se que em nenhuma circunstância a violência foi resolução para os problemas humanos.

Há uma lógica equivocada na sociedade que cultua essa cultura. Vida e morte co-habitam nos mesmos espaços e travam uma luta constante:

É já no presente século que podemos sentir o torvelinho agônico no qual as forças de vida e as forças de morte não somente se chocam, mas às cegas se lapidam mutuamente... hoje as forças de morte são mais velozes do que as portadoras de vida, as quais, no entanto crescem rapidamente. (MORIN, 2010, p. 47.)

Na encíclica *EVANGELIUM VITAE* (1995), João Paulo II expressava a preocupação da Igreja acerca do modo como a dignidade à vida é posta em plano inferior:

Precisamente por causa do mistério do Verbo de Deus que Se fez carne (cf. *Jó* 1, 14), cada homem está confiado à solicitude materna da Igreja. Por isso, qualquer ameaça à dignidade e à vida do homem não pode deixar de se repercutir no próprio coração da Igreja, é impossível não a tocar no centro da sua fé na encarnação redentora do Filho de Deus, não pode passar sem a interpelar na sua missão de anunciar o *Evangelho da vida* pelo mundo inteiro a toda a criatura (cf. *Mc* 16, 15). Hoje, este anúncio torna-se particularmente urgente pela impressionante multiplicação e agravamento das ameaças à vida das pessoas e dos povos, sobretudo quando ela é débil e indefesa. Às antigas e dolorosas chagas da miséria, da fome, das epidemias, da violência e das guerras, vêm-se juntar outras com modalidades inéditas e dimensões inquietantes. (EV, 1.)

O tom do documento é exatamente o que aparece na introdução. Fundamenta a argumentação nos valores do Evangelho e da doutrina católica para defender a dignidade da vida humana. Entretanto, apesar de todos os esforços, em todos os continentes os desrespeitos à existência continuam sendo praticados, quer por Estados e Nações, quer por grupos organizados, evidentemente sem anuência dos governos.

A ansiedade gerou muitos conflitos, e continua a gerar, e com eles as incertezas que, atualmente, fazem parte da *rotina* social. Não se pode, entretanto, atribuir à ciência e às técnicas as moléstias que infestam as culturas, sobretudo no tocante à violência.

2.1.5 Ciências, conflitos e incertezas

O século passado começou com muitas incertezas, medos, dúvidas, confusão, numa palavra: insegurança. Isso por conta da instabilidade que alcançara a Europa e alguns países da Ásia, como Japão e China. A paz e o progresso permanentes não se confirmaram, como sonharam os positivistas:

O desenvolvimento da ciência não propiciou a solução para os problemas humanos como acreditaram os positivistas. O conhecimento científico e tecnológico foi utilizado, por exemplo, na produção de armas de destruição em massa, provocando um cenário inimaginável no século anterior. O cientista estava longe de ser um novo sacerdote e a ciência uma nova religião. (CARVALHO, 2010, p. 10).

O mundo experimentou o caos provocado pelos avanços das técnicas e das ciências no século XX, sobretudo com as duas guerras e, posteriormente, a bipolarização do mundo. Não se quer negar, com isso, a importância das ciências e o seu esforço para o bem comum. Mas atualmente se constata que:

Há um desencanto com as ciências em geral, incluída a teologia. Por outro lado, vê-se que era necessário a razão se libertar dos mitos e das superstições ou de uma fé cega. Por outro, a ciência, a medida que foi superando o conhecimento ingênuo e empírico, orgulhosa de suas possibilidades, desembocou na pretensão da objetividade total ou da verdade absoluta (cientificismo), enveredando pelo beco sem saída da instrumentalização técnica da razão. (BRIGHENTI, 2000, p. 14)

Na verdade, há sempre algumas reticências acerca das ciências, sobretudo hoje, cujos valores mais elementares não se pautam pela vida em si mesma, mas pela objetividade prática dos resultados das atividades econômicas. Com isso produziu-se novas formas que afetam os povos em muitas dimensões. A V Conferência do Episcopado Latino-americano e do Caribe destaca esses aspectos:

Esta nova escala mundial do fenômeno humano traz conseqüências em todos os campos de atividade da vida social, impactando a cultura, a economia, a política, as ciências, a educação, o esporte, as artes e também, naturalmente, a religião... (DA, 35)

Mesmo com todo conhecimento à disposição da humanidade, veem-se muitos conflitos em curso em todos os continentes. Aumenta a escalada de violências entre as nações e entre os indivíduos, prova de que o momento presente é conflituoso. Ora, diante disso, as incertezas tornam-se um dos aspectos significativos da crise que se vive hoje. Estas incertezas são das sociedades e não apenas dos indivíduos em particular, porque tudo que afeta o indivíduo de algum modo também alcança a sociedade.

As dificuldades pelas que o mundo passa deixa, como resultado, a falta de perspectivas, de saídas que apontem para novas buscas, sinais para o futuro. E o dinamismo técnico exige que tudo precisa ser imediato. Não há espaço para reflexão, para o pensamento, porque o momento exige *pressa* – logo, o presente já é futuro. Isso, naturalmente provoca “desconforto” na sociedade:

O planeta vive, cambaleia, gira, arrotta, soluça, geme, sem contar com o amanhã. Tudo é feito e vivido em curto prazo. O futuro se apaga, visto que ele depende não somente das eventualidades e bifurcações (que talvez já tenham ocorrido...) mas talvez de um tudo ou nada... (MORIN, 2010, p. 34)

Este é um momento crucial da história humana, sobretudo porque está em crise a própria sociedade, com tudo que ela produz, através das ciências, das técnicas e do desenvolvimento alucinado que nos compete experienciar.

É evidente que as mudanças ainda estão em curso, e no contexto atual alcançam praticamente todos os aspectos sociais, e atingem até mesmo a Igreja:

As rápidas transformações ocorridas, sobretudo nos últimos tempos fazem com que, convivam no mundo de hoje – de modo especial nos países do Terceiro Mundo – o pré-moderno, moderno e o pós-moderno. Não como realidades superpostas, mas que interagem, se interpenetram. O fenômeno da globalização, que passou, sobretudo pela via da técnica (robótica) e dos meios de comunicação (informática), está operando profundas transformações, não só nas sociedades que estão na era do “pós” – pós-industrializadas, pós-modernas, pós-cristãs, mas também em todos os povos do planeta, com fortes incidências sobre igualmente sobre a Igreja e sua maneira de agir e de estar no mundo. (BRIGHENTI, 2000, p. 10).

Sem dúvida, um dos aspectos mais importantes que ocupou lugar na pauta cotidiana de discussão foi a globalização. Ela é a mostra das diferentes maneiras de se compreender o momento atual com seus aspectos mais particulares vistos a partir da economia-consumo. Mas essa não é uma questão exclusiva no nosso contexto. Ao serem criados os blocos políticos depois da Segunda Guerra, novas ideologia davam mostra de aparentes respostas às inquietações humanas.

2.2 A CRISE ATUAL COMO CRISE DE SENTIDO

O termo *crise*, de acordo com Aurélio Buarque de Holanda, tem mais de dez significados, entre eles se ressaltam três: **o econômico**: *ponto de transição entre*

uma época de produtividade e outra de depressão; no sentido genérico: fase difícil, grave, na evolução das coisas, dos fatos, das ideias; e sociológico: situação grave em que os acontecimentos da vida social, rompendo padrões tradicionais, perturbam a organização de alguns ou de todos os grupos integrados na sociedade. Uma sociedade em mudança mostra suas variações, seus problemas de ordem mais imediata, seus conflitos e diferenças, o que não significa que apresenta apenas aspectos negativos. Porém, a crise atual mostra tendências de que esta que nos cabe viver é de sentido.

2.2.1 Crise como mudança

Aqui entendemos crise como transformação, não simplesmente como algo negativo. Leonardo Boff, ao apresentar um breve histórico do termo *crise*, afirma:

Crise é uma descontinuidade e uma perturbação dentro da normalidade da vida provocada pelo esgotamento das possibilidades de crescimento de um arranjo existencial. Por uma decisão, cria-se uma purificação da vida e de sua compreensão, abrindo um novo caminho de crescimento e rasgando um horizonte de possibilidades que moldam um novo arranjo existencial. A crise então teve um final feliz. Não havendo decisão, não se dará também a purificação eficaz. (BOFF, 1982, p. 16.)

Então, podemos compreender que quando se fala de *crise* estamos também diante da possibilidade de mudanças, não necessariamente mudanças negativas, mas múltiplas transformações socioculturais próprias de um dado tempo. É o que experimentamos no nosso mundo contemporâneo.

A humanidade passa por transformações especialmente no que tange aos valores: morais, éticos, que envolvem todo comportamento humano. Apesar disso, é importante que se adiante: nem tudo que vive a humanidade hoje é negativo. Basta que se apontem as constantes preocupações mundiais acerca de temas ecológicos, a consciência de uma globalização não só econômica e comercial, mas também a de que estamos no mesmo planeta.

Entretanto, há tendências que apontam realmente para um momento de crise, e esta crise é de sentido. O contexto sociocultural em que vivemos apresenta um dado evidente a que não se pode ignorar: uma fase de mudanças que atingem a sociedade como um todo. É comum ouvir-se falar em “crise”, sem, no entanto, precisar o próprio conceito do termo. A situação atual apresenta aspectos relevantes que nos mostram que há, por certo, uma crise de sentido.

Uma crise é, em primeiro lugar, uma crise de sentido, e conseqüentemente do valor de todas as coisas. É todo sentido do mundo do passado, sobretudo, na sua forma moderna, que está sendo posto em questão [...] A crise cultural que vivemos é crise contra a razão, contra a ilustração, numa palavra, contra a modernidade [...] Nesta situação epocal, torna-se urgente uma reflexão sobre o sentido da reviravolta que a civilização ocidental viveu com as transformações da modernidade para nos perguntar nesta crise atual sobre sua significação para a vida humana (OLIVEIRA, 2001, p. 7).

A crise de sentido nasce das mudanças de paradigmas, transformações culturais que começaram a ocorrer com a revolução racionalista a partir do século XVI e XVII, e desemboca no nosso século com um peso muito grande, especialmente porque põe em cheque os valores fundamentais que a cristandade havia dado. A independência da razão e o crescente desenvolvimento científico conduzem o mundo à crise de sentido de hoje.

Cabe-se ao ser humano, em vista disso, adaptar-se ao contexto, sem perder de vista a missão a que é chamado, procurando conectar-se consigo mesmo e com a sociedade, de maneira que encontre equilíbrio na sua atividade, principalmente no que tange à qualidade de vida. Esse é o compromisso social indispensável para evitar o vazio da existência. (HOYOS GUEVARA, 2005, p. 210.) Contudo, é perceptível na sociedade atual enfatizar os aspectos materiais da vida, como tendência que ofusca a capacidade humana de avançar além dessa perspectiva, isto é, a transcendência.

2.2.2 Perda de sentido na modernidade

O que a sociedade experimenta é causa do impacto que a modernidade causou, com seus aspectos positivos e negativos. São aspectos positivos as facilidades que se vive em matéria de comunicação, transportes, relações humanas, ampliação de inúmeras técnicas facilitadoras da vida, a serviço da agricultura, da medicina e da indústria. Por outro lado, a mesma modernidade impôs certo mal-estar, sobretudo porque o mundo não estava preparado para “assimilar” tão fortes dinamismos. Com efeito, em todo âmbito cultural se nota constantes câmbios, que são demais repentinos, tal como a velocidade da técnica moderna.

No passado remoto, o homem era visto como um ser importante, distinto, indispensável no contexto universal. Nesse espaço este homem garantia o sentido de sua existência. Parecia que nada tirava o ser humano do seu destino: nascer em torno de um núcleo familiar, trabalhar, pois sua força de produção tinha espaço e era necessário, casar e ter filhos, e assim se alimentavam as razões da vida, aparentemente simples. Gradativamente isso foi se diluindo, por uma série de razões. O que preconizava a Igreja e o cristianismo dava lugar à “independência” do sujeito:

O interesse da modernidade desvia-se da objetividade dessas verdades ensinadas para a preeminência da consciência individual em face às pretensões eclesiais. O conteúdo da fé cristã tornava-se cada vez mais implausível. (LIBÂNIO, 2008, p. 118).

De uma estrutura relativamente segura, passava-se a uma condição demais subjetiva, profundamente marcada pelo racionalismo e os avanços que ele proporcionava no campo da técnica e das ciências. Avança uma onda de mudanças implacáveis como o próprio tempo, tirando ao ser humano as condições de vida que, no passado, lhe pareciam seguras. De muitos modos, esse sistema de vida foi posto em questionamento e, cedo ou tarde, certamente isso viria a termo.

Ao se olhar a história da reflexão humana, sobretudo no ocidente, pode-se notar que depois do Renascimento e com o Iluminismo as questões da vida humana foram questionadas, principalmente no que tange ao institucional. O equilíbrio alcançado na Idade Média agora (entre ser humano e mundo) vai se desfazer a partir do século XVI. Isso quer dizer: do Iluminismo para frente se constata a *desconstrução* do equilíbrio medieval. (BLANK, 2008, p.7).

Ora, embora se fale de independência da razão, o ser humano se constitui como tal a partir da relação e da consciência que tem de si mesmo no mundo e no meio em que está imerso. A modernidade produziu o rompimento do que estava estabelecido, inclusive no tocante à religiosidade, propondo apenas alguns aspectos como forma de análise, mas nunca de substituição. O sentido que havia antes foi quebrado, mas nada foi posto no lugar. O vazio ocupou o lugar do que fizera sentido para o ser humano no passado. Daí o desencanto muito comum entre as pessoas cuja existência parece diluir-se no oceano de diversidades:

A secularização e o desencanto de que nos fala Weber, que definiu a modernidade pela intelectualização, manifesta a ruptura necessária com o finalismo do espírito religioso, que exige sempre um fim da história,

realização completa do espírito divino ou desaparecimento de uma humanidade pervertida e infiel à sua missão. A idéia de modernidade não exclui a de fim da história como testemunha dos grandes pensadores do historicismo, Comte, Hegel e Marx, mas o fim da história é mais o de uma pré-história e o início de um desenvolvimento produzido pelo progresso técnico, a liberação das necessidades e o triunfo do espírito. (TOURAINÉ, 2009, p. 18.)

Gradativamente, a ideia de sujeito vinculada à religião foi cedendo, inflamado pelo espírito da modernidade. Nada está submetido à vontade de Deus, ou de um ser supremo, mas as leis de sua própria natureza. Ora, para os modernistas, nada deve obscurecer a razão, porque seria um entrave ao conhecimento. Na verdade, trata-se de identificar a modernidade com a razão *moderna*, considerando, naturalmente tudo que de avanços *chegou* à humanidade.

2.2.3 Perspectivas frustradas

A modernidade quis estabelecer possibilidade de resposta a questões humanas, e de algum modo há muito a se celebrar, embora seja necessário também considerar seus paradoxos. Se por um lado a intenção era alcançar o bem-estar das sociedades e a *felicidade* dos indivíduos, por outro aparece a acentuada ênfase no sujeito que vai gradativamente perdendo-se no universo da técnica. Transforma-se, ele mesmo, em objeto em vista da produção. A crise do humanismo acentua a frustração humana:

O valor do ser humano, sua natureza própria, sua dignidade, muitas vezes ficam diminuídos e fragilizados. As pessoas também foram instrumentalizadas, deixando de ser fim e tornando-se apenas meios para outras finalidades práticas (como a produção, o crescimento econômico, o desenvolvimento material, etc. (JULIATO, 2009, p. 32.)

Diante dos problemas maiores que afetam a humanidade, é importante considerar alguns aspectos, entre eles a busca por novas perspectivas que deem sentido à vida humana. Mesmo diante do que se constata: aumentos constantes dos problemas socioculturais, especialmente da violência e corrupção de toda ordem.

Fragilizada com a queda das ideologias do século XX, que semearam esperanças especialmente entre os mais pobres, a humanidade, de repente, se vê sem apoio e sustentação, sem motivo para o empenho de suas capacidades

produtivas em todos os sentidos. A esperança, que alimenta a força e a coragem se debilitara. O colapso do socialismo marcou a queda do último bastião de esperança para muitos – criava-se uma nova ordem, o triunfo do capitalismo raiava no horizonte.

Foi assim a primeira década do presente século, e as perspectivas não são animadoras, pelo menos para os próximos anos. As nações se preocupam o crescimento econômico e a ele se atrela o consumo desenfreado, como uma necessidade, na lógica do capitalismo. Isso é uma das causas do desequilíbrio como observa o Concílio Vaticano II: Uma tão rápida evolução, muitas vezes processada desordenadamente e, sobretudo a consciência mais aguda das desigualdades existentes no mundo geram ou aumentam contradições e desequilíbrios (LG, 8).

Os avanços técnico-científicos, além de não oferecem condições melhores à sociedade, ainda produziram mais desigualdades, com consequentes frustrações do indivíduo e da sociedade. Entretanto, não se pode perder de vista a esperança que está para além das simples condições sociais hodiernas ou temporais, ainda que essa seja uma tarefa aparentemente distante:

Para muitos, hoje, as esperanças históricas se esgotam. As grandes utopias sociais fracassaram. Fala-se da morte das utopias. O mundo fica entregue às forças da utilidade e aos mecanismos do poder. As esperanças se perderam no decorrer do complexo processo histórico, e cada vez mais pessoas ficam com os seus anseios históricos frustrados e desiludidos. Eles buscam desesperadamente novos motivos de esperança sem encontrá-los. (BLANK, 2001 p. 115)

É certo que a crise de esperança afeta diretamente o psicológico humano, daí afirmar-se que realmente há, no mundo presente, uma crise de sentido. Quando as esperanças se perdem qualquer empreendimento humano fica demais comprometido, quando não fracassa em suas estruturas fundamentais.

2.2.4 As crises e crise de sentido

Perguntar-se pelo sentido da vida foi sempre uma questão primordial no pensamento humano, em todos os tempos. O tempo nos toma o tempo, e sequer

paramos para pensar na importância de viver intensamente a cada dia. Tal deficiência do presente, deixa sua marca, vezes em forma de angústia ou de tristeza; de amargura e de dor.

Questionar sobre o sentido da vida e da existência humana não é questão recente. Isso é matéria de discussão de séculos de história, no Ocidente e no Oriente. Porém, hoje o sentido é propriamente questionado no âmbito material, existencial, terreno, por assim dizer. Diferentemente dos antigos, especialmente dos medievais, o sentido da vida se esvai, hodiernamente, com a esperança. Essa questão de interesse humano leva-o a reflexões profundas, que fazem com que, mesmo diante dos problemas mais elementares, este ser se lembre de que é uma criatura de primeira grandeza. É preciso, por isso mesmo, buscar respostas:

A questão do sentido da vida é fundamental na existência humana. Todavia, essa questão é com frequência relegada ao terreno do privado, do opinável e discutível, talvez pela carência de respostas precisas e de valor universal. Na vida prática, a maioria das pessoas absorvidas pelas preocupações do dia-a-dia, costuma dedicar-lhe escassa atenção. Por trás da vida agitada de nossos dias, esconde-se um enfraquecimento do sentido da existência. (GONZALEZ-QUEVEDO, 2007, p. 9.)

Embora se fale de crises em toda ordem: política, econômica, educacional etc., é natural que a evidência maior diz respeito ao sentido existencial do próprio ser humano. Não se há de negar que as sociedades sofreram muitos câmbios e deles resultaram muitas crises: políticas, econômicas, ideológicas, de esperança, e com esta, a crise de sentido. A crise é de sentido e de valor de todas as coisas (OLIVEIRA, 2001, p. 7) – tudo que o mundo do passado havia assegurado está agora em questão.

Então não é legítimo dizer que a crise de sentido é própria do século XX, ainda que tenha sido neste período que as grandes questões eclodiram. Para MORIN (2010, p. 20), é preciso que esse século seja visto em dois sentidos: por um lado os grandes desenvolvimentos científicos com seus avanços consumistas – há uma constante exigência do consumo, para que se produza mais (e se consuma mais); por outro lado, as duas grandes guerras com seus resultados catastróficos. Daqui resultam as grandes crises sociais. Então, para se compreender o referido século há de se pôr em *análise* o desenvolvimento aparentemente racional, e o os tormentos advindos com as duas guerras.

Pode-se dizer, então, que:

As duas idéias, uma de que a crise tornou-se modo de ser de nossas sociedades, a outra de que o desenvolvimento comporta nele mesmo um caráter “crísico”, devem ser associadas: é em seu movimento transformador acelerado que o desenvolvimento das nações carrega consigo destruições/desorganizações econômicas, sociais, culturais: o desenvolvimento não se efetiva sobre uma pilastra cultural, civilizatória, societária: o desenvolvimento é inseparável da destruição/trans formação desta pilastra, e é esse processo desorganizador/organizador que é de caráter “crísico”. (MORIN, 2010, p. 23).

O desenvolvimento com suas mudanças caracterizam um momento importante para a humanidade. Mas é preciso considerar que a base de sustentação cultural fora tirada e nada foi posto no lugar, a não ser as mobilidades e as fragmentações. Ora, mesmo a religião não ficou de fora da onda de transformações ocorridas na sociedade: “Também a religião evapora-se para cima; perde sua auto-evidência. Esta mudança abre para a fé a condição de possibilidade que praticamente não existia antes para ela” (BERGER & LUCMANN, 2004, p. 62).

No nosso contexto, pode-se constatar que a perda de sentido não vem pela falta de opções, mas pela fluidez como as coisas são – tudo se tornou efêmero, passageiro, como característica do conjunto de condições a que o “mercado do capital” nos submete. Tão grande é a urgência do mundo que as pessoas perdem as próprias referências, daí as angústias, as frustrações e os medos que marcam tão profundamente a falta de sentido para a existência. Em grande medida, a perda do sentido ocorre principalmente com os espíritos pessimistas que não têm força de alavancar mudanças interiores, acomodando-se nas condições que vivem ou estão.

2.2.5 Perda de referencial

Em muitos aspectos, desde o último quartel do século XX, especialmente, um mal-estar se instalou na sociedade, e muitas coisas contribuíram para isso: crise das grandes ideologias que marcaram a primeira metade do século: os nacionalismos, de direita ou de esquerda, como se costuma classificar, não atenderam as necessidades e os anseios sociais. O século anterior tinha deixado uma marca do

idealismo, o sonho da ciência apoiada na razão como fundamento de tudo, e como resposta às questões humanas.

Havia uma identidade do ser humano no mundo em que as coisas pareciam definidas e claras, e as mudanças tornaram-nas fragmentárias e confusas. Essa perda de referencial é o que caracteriza a sintomatologia da crise de sentido. A pulverização das bases sociais leva à crise da própria civilização:

Assim, no tocante as sociedades ocidentais a crise de civilização, a crise de cultura, a crise de valores, a crise da família, a crise do estado, a crise da vida urbana, a crise da vida rural etc.: são tantos aspectos do ser, doravante “crísicos” de nossas sociedades, que elas se sentem ameaçadas por esta crise, mas igualmente vivem dela. (MORIN, 2010, p. 24.)

Mas não apenas isso, como mostra o percurso da história. O idealismo do século XIX chega ao século XX com ares de totalitarismos, como se registra na história. Sem dúvida, muitos problemas por que passa o mundo atualmente ainda são heranças daqueles ideais. Mas por quê? O racionalismo errou quando tentou reduzir o ser humano à razão – o resultado não poderia ser diferente.

O ser humano é muito mais do que razão absoluta, como queria, de alguma forma, o racionalismo. A existência tem uma dimensão muito maior do que a razão, que empurrou a humanidade para uma complexidade nunca antes vista:

Marcados por circunstâncias tão complexas, muitos dos nossos contemporâneos são incapazes de discernir os valores verdadeiramente permanentes e de os harmonizar com os novamente descobertos. Daí que, agitados entre a esperança e a angústia, sentem-se oprimidos pela inquietação, quando se interrogam acerca da evolução actual dos acontecimentos. Mas esta desafia o homem, força-o até a uma resposta. (GS, n°4)

A Igreja expressa claramente a preocupação com os aspectos que as ciências e o desenvolvimento trouxeram para as sociedades, caracterizadas por mudanças de toda ordem, como aparece na GS:

Uma parte introdutória descreve a condição da pessoa humana no mundo moderno, indicando as mudanças profundas experimentadas pela humanidade, sejam as sociais, as psicológicas, as morais e as religiosas, as quais geram tensões e desequilíbrios. (FRANÇA MIRANDA, 2006, p. 41.)

Os anos que seguiram a Segunda Guerra foram decisivos para as mudanças apontadas acima, e naturalmente já indicava a emergência de novas ideologias.

Contudo, estas também foram gradativamente se diluindo. Em tudo, faltava a constância e as certezas como identificadores de uma nova sociedade.

Com o rompimento das esperanças, especialmente nos ambientes de Terceiro Mundo, era natural que a crise se estabelecesse de maneira mais premente. Na verdade, em muitos ambientes, as utopias foram pensadas à luz opaca dos sistemas políticos e isso, cedo ou tarde, deixaria o ser humano sem resposta para as questões mais profundas. Nunca antes, as sociedades pensaram sobre si mesmas sem a religião, e a modernidade apresentou essa perspectiva:

Somente na modernidade houve a tentativa insistente de pensar a vida e seu sentido sem deuses e sem religião. A modernidade representa um abalo no poderio da religião. Um momento ímpar de imaginar a vida a partir de outros critérios e perspectivas... Essa experiência, nunca antes vista e experimentada, tornou-se, no contexto europeu, não somente algo de setores da sociedade, tais como a política de Estado, círculos universitários e artísticos, mas também criou raízes na vida social mais amplas, chegando a redutos da individualidade, do estilo de vida, da visão familiar e do chamado senso comum. (MAGALHÃES & PORTELA, 2008, p. 29.)

No final do século XX, já estava muito claro que as sociedades precisavam de novos horizontes que lhe conferissem sentido às inquietações. As metas que pretendiam aquelas ideologias estavam comprometidas, e por assim dizer, com elas as severas posições da modernidade à religião: as tendências niilistas, anti-humanistas estavam expostas e nuas (QUEIRUGA, 2003, p. 24.)

2.2.6 Horizontes sem perspectivas

O que a sociedade esperava da modernidade não o teve, por isso os horizontes tornaram-se pouco claros. Os modos de vida tradicional agora não existem mais, então é preciso encontrar algo que o *substitua*, ou pelo menos conforto, uma vez que não pode retornar (GIDDENS, 1991, p. 14). O mundo de hoje é carregado de perigos, e em muitos países, em todos os continentes impera “a cultura da morte.” Parece que o ser humano perdeu a confiança no outro, e isso se deve, sobretudo, ao medo que nos impõem as circunstâncias: os metarrelatos desaparecem:

O mundo em que vivemos hoje é um mundo carregado e perigoso. Isso tem servido para fazer mais do que simplesmente enfraquecer ou nos forçar a provar a suposição de que a modernidade levaria à formação de uma ordem social mais feliz e mais segura. A perda da crença no progresso, é claro, é um dos fatores que fundamentam a dissolução de “narrativas” da história. Há, aqui, entretanto, muito mais em jogo do que a conclusão de que a história vai “a lugar nenhum”. (GIDDENS, 1991, p. 19.)

O progresso perde a sua importância quando é desacreditado, então mostra o quanto a sociedade se distancia de perspectivas que lhe deem sentido. Além disso, nota-se também que o pluralismo ofertado pela modernidade tão pouco ajuda a se encontrarem perspectivas, e em muitos casos confundem ainda mais. Forçado por tantas *possibilidades*, o indivíduo volta-se a si mesmo, tornando-se cada vez isolado, e, portanto, mais afastado do vislumbre de outros horizontes. A questão da individualidade e da escolha que compete a cada um torna-se cada vez mais difusa, pondo as pessoas em condições cada vez mais difíceis, no que tange à aquisição de esperanças.

Essa falta de perspectivas não surge da noite para o dia nem se gesta do nada. Origina-se nas transformações processadas pela sociedade que gradativamente enriquece seu poder produtivo, graças aos avanços científicos, mas, como todo progresso, há sempre parcelas a serem excluídas. Daí à perda de perspectivas é um passo muito curto. Quer isso dizer que devemos procurar as causas na própria estrutura social (BERGHER & LUCMANN, 2004, p. 31.)

Se no passado havia algo dado como seguro, e isso era fundamentalmente notado na cultura agrária, agora isso já não existe, entretanto outras possibilidades precisam ser criadas, mesmo com os problemas maiores que sentimos hoje: perda de referências, sistemas políticos que não favorecem os mais necessitados, porque visam lucros, multidões à margem do desenvolvimento e assim por diante. De uma cultura local a modernidade nos pôs igualmente na liberdade individual como na sociedade e na cultura de massa, então nos perdemos em nossa liberdade. (TOURRAINE, 2009, p. 99.)

Se as perspectivas criadas foram frustradas, de modo particular no século XX, com as catástrofes e os perigos subsequentes, como sugerem alguns autores (BAUMAN, GIDDENS, MORIN, QUEIRUGA), a humanidade ficou sem os horizontes sonhados, o que não significa, de nenhum modo, que não haja mais possibilidade de retomada de outras vias, nas quais estejam vinculadas ciência e esperança.

2.3 SINTOMATOLOGIA DA CRISE DE SENTIDO ATUAL

A crise de sentido é notada de muitos modos. O mais notável é o vazio, a falta de consistência, a noção de desenvolvimento, de progresso, tornou-se superficial, relativo. O alcance da ciência já não é visto como antes, já que ela não trouxe as certezas que a modernidade propunha. É certo que de alguma forma a esperança cristã perdeu sua força (ou pelo menos parte dela) na sociedade contemporânea, e sem essa dimensão o homem ficou mais exposto aos avanços técnicos e científicos com sua carga de indiferenças às tradições religiosas, principalmente. Hoje, em muitos contextos socioculturais, notam-se entre outras coisas as instabilidades nos mais diversos sentidos: relacional, econômica, moral, ecológico-ambiental, religiosa. Esses aspectos dão os sintomas da crise atual.

2.3.1 A superficialidade do contexto atual

Nada se vive com profundidade e intensidade, nem mesmo a fé. Nem o sentido de pertença à religião foi conservado (BERGER & LUCMANN, 2004, p. 63) porque até mesmo isso se mercantilizou. Então o cultivo espiritual, outrora dado pela religião e pela fé, esfriou; a razão tornou-se cada vez mais individualizada, prova da pulverização dos valores. Irrompe o fenômeno religioso, que também não leva o homem a uma experiência mais profunda de Deus.

Na verdade, procura-se o imediatismo que a fé supostamente permita. Daí a multiplicidade de denominações religiosas, e quase todas com grande aceitação nos meios sociais – não apenas nos mais pobres: “Os fiéis vêm-se diante de um ‘mercado do religioso’, em que cada um acha-se no direito de buscar, onde estão presentes aqueles produtos capazes de responder às próprias necessidades.” (BRIGHENTI, 2004, p. 91.)

Essa busca religiosa, na verdade, não traz sentido à vida, mesmo porque é, também, vivida superficialmente. O espírito humano precisa de experiências

profundas, e as “emergências contemporâneas” não permitem isso por uma razão muito simples: o presente é de *imediatismos*, e mesmo as experiências individuais também se sucedem umas às outras da mesma forma que os produtos nas prateleiras dum supermercado.

Os sintomas experimentados pelas sociedades são muitos e vão desde a parda do que era dado como base no passado ao perigo em que o mundo está atualmente, em vista, entre outras coisas, da autodestruição. Com isso se cria uma tensão muito grande entre as nações e os indivíduos. E não faltam argumentos que as justifiquem, com razão, apoiados em fatos do presente que remetem a tais conclusões. “Por um lado, o fim da humanidade talvez esteja próximo; por outro um novo nascimento da humanidade também é possível... Preparemo-nos para tudo, menos para um futuro radiante”. (MORIN, 2010, p. 53.)

Diante da situação em que o mundo se encontra, algumas saídas são possíveis, mas baseadas no entendimento entre os povos, ao se criar nova consciência acerca da importância do que é preciso ser feito para superar os problemas mais graves do presente. Em curto prazo, por certo, não há solução, a longo prazo sim, entretanto depende de valores outros que precisam ser postos em exercício – uma “comunhão de bens” capaz de deter problemas que atingem diretamente o ser humano dentro do mundo, como as questões de ordem mais profunda que chamem a atenção da comunidade humana: como a ecológico-ambiental, a fome e os conflitos entre nações e os povos.

2.3.2 Ausência de respostas

O mundo contemporâneo criou necessidades urgentes. A partir de 1989, os meios de comunicação passaram a ter uma importância muito mais significativa que antes. E não se trata do fim da Cortina de Ferro, mas do surgimento do mais eficiente veículo de comunicação – a Internet. Um paradoxo, por suposto: no mundo das comunicações em tempo real, parece ser o mundo do desentendimento – no campo diplomático, no científico, no político, no religioso. Do mundo onde as

comunicações evoluem e avançam com tamanha rapidez, faltam respostas às questões mais importantes da vida humana.

Procura-se resposta para as crises em todos os segmentos da sociedade, no mundo do trabalho, das relações pessoais, da religião, e assim por diante. Toda resposta supõe valores, e como estes não se enraízam, é natural que a dificuldade para as respostas de que o mundo precisa se distanciem. E mais, é difícil encontrar resposta porque somos amordaçados pelo medo, especialmente da violência: não apenas da violência das guerras, mas da individual, da psicose, da loucura.

A experiência da violência tornada louca e a experiência de cada um e de todos. É nas metrópoles mais civilizadas que o drogado carente se arrasta por terra e passa a perna na velhinha para roubar-lhe a bolsa. É em toda parte que doravante as crianças brincam e morrem sob a bomba “preta” ou “vermelha” [...] a luta contra a violência tornada louca será inicialmente encabeçada por aqueles que praticaram a violência guerreira até a ignomínia, a violência revolucionária até o absurdo, a violência terrorista até a repugnância. (MORIN, 2010, pp. 59-60.)

Então, num contexto em que os valores da comunhão cederam lugar às mais diversas formas de violência contra a vida humana, as respostas para as crises de sentido estão longe de ser encontradas. A isso se acrescentam, por outro lado, as dificuldades de sobrevivência, dada a falda de trabalho, de perspectivas de futuro a homens e mulheres em todos os continentes. É difícil viver com esperança quando se experimenta constantemente nos limites da “ausência de tudo”, sobretudo de esperança.

As conquistas da modernidade no plano pessoal e coletivo não garantem, por certo, respostas aos problemas mais fundamentais da vida. Na prática, os direitos de expressão são garantidos, mas os de perspectivas, de esperança, não. Isso prejudica, de algum modo, a forma como o indivíduo deve procurar, sobretudo através da mensagem cristã, respostas para suas angústias. Não devemos, por outro lado, deixar de considerar que a razão crítica expôs muitas verdades das instituições que outrora não podiam ser conhecidas. Mesmo assim, ainda se tem respaldo acerca das instituições religiosas:

Em tempo de pós-modernidade, sem negar tais direitos, cresce uma atitude anímica de descrédito das instituições em geral: Igrejas, partidos políticos, sindicatos e academias. Mais: qualquer vinculação a compromissos estáveis e perenes de natureza religiosa ou ideológica são percebidos e rejeitados como ameaça à própria individualidade, autonomia, independência. (LIBÂNIO, 2008, p. 133.)

Não há respostas prontas às questões humanas. Mas cabe ao homem procurá-las, mesmo que isso seja demorado e incerto. Diante disso, o desespero ou a desesperança não seria a melhor receita, embora não se conheçam “as configurações culturais, sociais, econômicas e religiosas de tão radical realidade, que rompe com todos os esquemas do presente.” (QUEIRUGA, 2006, p. 6.)

O ser humano, em qualquer parte, se sente inseguro com relação às suas próprias perspectivas, e quase não existem perspectivas de futuro, logo o que seria razão para acreditar em si mesmo e no seu futuro dá lugar às incertezas, que mais bem caracteriza a frustração do presente.

2.3.3 Frustração e medo

A novidade diante do que se tem observado é medonha. Não se sabe o que pode acontecer no dia seguinte. Por toda parte, escutam-se vozes de desilusão provindas das mais diversas fontes. Com os meios de comunicação transmitindo mensagens de todo mundo em tempo real, é natural que qualquer acontecimento extraordinário do outro lado do mundo nos assuste “do lado de cá”. A modernidade não nos trouxe segurança, e ainda mais nos permite uma integração real com o universo, de maneira que ficamos escravos da tecnologia. Ora, é natural que as novidades que ignoramos nos assustem, ainda mais quando não temos quaisquer perspectivas de explicação.

Grande parte dos programas científicos apresentados em documentários tem uma mensagem de cunho pessimista. E talvez esse pessimismo tenha razão de ser. Fala-se com frequência dos perigos que o globo corre, então com fogo, com água, com fumaça, com bombas, com guerras etc. Se depois de tantos sofrimentos a humanidade ainda não aprendeu, então parece mesmo se descortinar um “fim catastrófico”. A isso, soma-se a irrupção do fenômeno religioso, frequentemente com mensagens apocalípticas.

É evidente que as desilusões experimentadas pelo homem atualmente, suas angústias e seus medos, surgem como resultado da falta de fundamentos e perspectivas. Essas questões aumentam ainda mais a desilusão e a perda de

perspectivas de futuro, gerando uma atmosfera de pavor e desespero. Falta, a tudo isso, a base de sustentação social que a modernidade rompeu. Sem o elemento “tradicional”, vê-se o caos se estabelecer:

Não se pode perder de vista a “tradição”, sob pena de mergulhar-se num caos. Nada mais caótico do que um mundo, como o atual, em que as liberdades individuais são os únicos parâmetros de conduta (BRIGHENTI, 2004, p. 48.)

O fracasso e a decepção frustram as expectativas humanas, recrudescendo ainda mais a sensação de medo em relação ao amanhã. Ora, no mundo onde o consumo desenfreado é uma “obrigação”, aos que não podem viver essas condições a desilusão passa a ser constante. Por este viés, se compreendem os desesperos de homens e mulheres que vivem no movimento do universo do consumo:

A vontade pode intensificar-se tanto, a ponto de transformar-se numa verdadeira cobiça pelo prazer. Assim, inicia-se um círculo vicioso, incentivado ainda mais pela propaganda que marca a sociedade atual de consumo [...] A partir do momento em que a pessoa entra nesse trilho, o seu vácuo existencial só começa a aumentar. A expectativa de conseguir o prazer visado é frustrada, e essa frustração, por sua vez, faz crescer o vácuo existencial (BLANK, 2008. p. 49.)

Por isso, qualquer que seja o medo, quando frustra as perspectivas, deixa marcas muito negativas na vida humana. Isso piora ainda mais a condição já abalada da existência. Na prática, a instrumentalização do homem, sua objetivação em vista da produtividade, leva-o cada vez mais ao vazio, o que aprofunda as angústias, as frustrações e os medos.

2.3.4 Vazio existencial

Sem dúvida o que marca mais o presente é o vazio existencial próprio da cultura fragmentada e pulverizada por muitas e variadas ofertas no amplo mercado de opções. Neste “comércio” tudo se oferta, menos certezas que sejam firmes e seguras, algo definitivo, por assim dizer. Isso porque a crise do nosso tempo é crise “globalizada” da humanidade, sob todos os aspectos. A vida humana está sobrecarregada de compromissos que a dinâmica da própria existência exige. Cada

vez mais isolado, o ser humano se esvazia de tudo que lhe dá sentido, mas o isolamento não é uma opção, é a ausência dela. Ora, se existem muitas possibilidades de escolha, existem tantas quantas oportunidades de errar, e nesse dilema, desaparecem as opções, diferente do que ocorria no passado:

Enquanto que, no passado essas decisões por grande parte eram predeterminadas pelos valores da tradição e do costume. Hoje o homem deve tomá-las sozinho. Ele encontra-se naquela situação de solidão existencial, da qual Jean-Paul Sartre fala. A consequência desta nova situação é o aumento assustador das possibilidades de errar. Os antigos parâmetros que deram segurança desapareceram e a pessoa está sentindo cada vez mais a sua insegurança diante das exigências da vida. (BLANK, 2008, p. 36.)

O ser humano, com o desenvolvimento, com os avanços, com as conquistas se sente só diante das mais simples necessidades de sua existência. De fato, o que se constata não está apenas na ordem social, ou em níveis de governos, mas, sobretudo no indivíduo e no seu entorno mais próximo. São inúmeras as circunstâncias que levam as pessoas ao desencanto com a própria vida: fanatismos, desapontamentos ideológicos, frustrações pessoais dos mais diversos aspectos, a banalidade da existência – daí a ausência os fracassos pessoais e o vazio de sentido. Os ideais mínguam, as esperanças se esvaem, as possibilidades se esgotam a vida também se esvazia.

O vazio existencial no contexto contemporâneo é uma contradição: há uma preocupação frequente de se manter a saúde do corpo, mas a alienação em forma de vazio persiste. Há, por certo, um empobrecimento da pessoa no que diz respeito à capacidade de traspasar condições adversas e transformá-las em condições de esperança. “O homem está privado de sentido totalizante para a sua vida e frustrado em suas necessidades mais profundas como ser humano” (PAGOLA, 1996, p. 145). Aliado a isso estão outros aspectos próprios do nosso tempo: a “comercialização” das relações pessoais e o descontrole diante do consumo exorbitante que crassa nas sociedades contemporâneas.

Isso não quer dizer que o ser humano deve deixar de acreditar em si mesmo, ao contrário, num cenário de incertezas a *convergência* de esforços precisa ser maior que os fracassos, para que renasçam ideais humanísticos que levem a superação das incertezas.

2.4 CARACTERÍSTICAS DA CRISE ATUAL

Não se pode negar que a crise de sentido na qual a sociedade está imersa diz respeito ao momento cultural específico. A universalização dos aspectos culturais faz com que os “sintomas” da crise sejam também globalizados. A fragmentação do ser humano em várias direções também é própria do tempo presente, bem como a subjetivação a que estamos sujeitos. Somos filhos de uma época e imersos no meio cultural. Como características da crise de sentido que vive a humanidade hoje, destacam-se: a perda das perspectivas humanas com o fim das grandes ideologias do século XX; a frustração humana diante do fracasso da razão e do racionalismo; a busca incansável por novas formas de sentido que resultou na fragmentação da sociedade, por causa do individualismo; a fragmentação da verdade; e por fim o declínio das metanarrativas. Dado o fato da globalização e com ela a internacionalização de toda forma de meios e culturas, muitos aspectos sobressaem-se como marcas da característica da crise atual.

2.4.1 O fenômeno da secularização

Houve um tempo em que a vida e as relações culturais se organizavam entorno do mítico, do religioso, mas a modernidade pôs um limite a isso a ponto de o poder outrora ordenador da sociedade passar não apenas a ser questionado como também contestado, não aceito. Cumpre aqui distinguir: entende-se por secularização autonomia do temporal frente ao religioso, e da razão frente à fé, é a *autonomia* das coisas ou das realidades terrestres. Ora, se Deus cria o mundo do nada, como diz a Sagrada Escritura, parece lógico que haja uma diferença entre Deus e criação (mundo), mas não propriamente uma *rivalidade*. O *mundo* (criação) é razão da Aliança, símbolo do amor de Deus por suas criaturas. Diz-se que a secularização é o processo pelo qual a autoridade passa do poder religioso para o laico; já o secularismo tem conotação negativa, principalmente porque reduz tudo ao

material, é a *mundanização* da sociedade; é o modo de viver que não comunga com as orientações religiosas do reino de Deus, mas se opõe a ele, isso quer dizer, ruptura com a religiosidade. A religião perdeu espaço em âmbitos sociais que se asseguravam nos valores fundamentais da fé, do misticismo:

Com o advento da modernidade, propondo a subjetividade e a racionalidade (esclarecimento) como pilares para a existência, esse modo começa a perder espaço e credibilidade. Com isso, vai caindo fora e se perde o poder de convencimento da instância externa ao homem (Deus). Surge o que hoje se chama de secularização. (SEIBT. 2008, p. 61.)

No passado, havia uma preocupação do ser humano com a ordem metafísica, com a transcendência, com o espiritual. Isso era um modo do qual a religião não podia dispensar. Hoje a vida é vista de maneira diferente, e as mudanças culturais se caracterizam não mais pelo transcendental ou metafísico, mas pela condição real, material do homem e do seu entorno. Isso quer dizer que a secularização segue um processo histórico, e não necessariamente significa opor-se radicalmente à religião, até pode dialogar com ela, muito embora não seja este o tom.

Pode-se compreender de diversos modos o fenômeno da secularização. Na prática, o secularismo se concretiza como um dos sinais dos tempos modernos e pós-modernos. De modo geral, ao se falar de secularismo, está se falando de um diferente da religião, mais do que isso, oposto a ela.

Os diversos aspectos da secularização aparecem como um declinar da religião; revela uma conformidade com este mundo e um movimento de horizontalização, desviando a atenção do mundo sobrenatural para a realidade intramundana; manifesta uma perda da influência pública da Religião sobre a sociedade: provoca uma transposição de crenças e instituições para fenômenos da criação e da responsabilidade puramente humana. Implica uma dessacralização do mundo. (LIBÂNIO, 2005, p. 88.)

Constata-se, atualmente, em diversos segmentos culturais uma intensa campanha de separação do que “é do mundo” e do que “está no mundo”. São comuns as discussões acerca do elemento religioso em detrimento do secular. Então, secularismo, de maneira simplificada, pode ser compreendido como o que se diferencia do religioso, em alguma medida, numa linha de oposição. É importante ressaltar que o secularismo se dá também noutros segmentos sociais, não só no religioso. A economia e o próprio capitalismo se secularizam quando empurram sociedades humanas para trás, para o primitivismo, porque afastar o homem da

participação no que as sociedades produzem é uma forma de secularização do trabalho, e neste caso é muito próximo do sectarismo ou da segregação (GREIDER, 1997, p. 380.)

De qualquer modo, a secularização é entendida muito mais neste âmbito do que é do mundo, no sentido *mundano*, em relação ao religioso, diferente do profano. Por isso, nota-se uma divisão clara nos dois aspectos. A modernidade dividiu o mundo entre o secular e o religioso quando rompe com a condição de cultura local, agregada à religião ou a instituições:

A modernidade, segundo Weber, rompe a aliança e a unidade entre o céu e a terra. Isso desencanta o mundo e elimina a magia, mas também destrói as cosmologias racionalistas e põe fim, efetivamente ao reinado da razão objetiva. (TORRAINE, 2009, p. 102.)

No século XX, a secularização não retrocedeu, ao contrário foi ganhando espaços, especialmente nos anos 60 e 70 desse século. Nos anos 80 e 90, com os meios de comunicação aperfeiçoados e marcados pela velocidade, a secularização tornou-se um problema central para a Igreja e para o cristianismo, sendo hoje discutidos em meios católicos e não católicos. Então, a questão não se torna apenas teológica, mas global: “Como tema da secularização, não se evoca apenas uma questão teológica setorial, e sim a questão global do lugar que a fé cristã, o cristianismo e a Igreja ocupam na sociedade” (GIBELINI, 2002. p. 24)

2.4.2 Ateísmo universalizado

O ateísmo é uma questão comum também muito discutida hoje especialmente em ambientes acadêmicos. Os mais inflamados defensores do ateísmo procuram se opor a tudo quanto as religiões fizeram ao longo da história. Procuram, por outro lado, salientar a importância da ciência, como se religião e ciência fossem duas grandezas antagônicas, impossíveis, sob quaisquer aspectos de comungarem os mesmos valores. Para a ciência é preciso evidência, que os ateus não vêem nas religiões. E quando falam de religiões não estão falando apenas no cristianismo, mas em toda forma de religiosidade que “ofuscam” a razão.

Com o problema das mudanças culturais, cedo ou tarde esse embate iria acontecer. A questão de fundo é que dá a impressão de que Deus tornou-se “inimigo” do progresso e do desenvolvimento. Então tudo que põe em questão os avanços modernos, por isso considerado contra a ciência, deve ser contestado. É neste contexto que o ateísmo ganha força.

Para muitos, Deus acabou parecendo como inimigo do progresso e da plenitude humana. Como se recordará, Feuerbach o expressou de forma lapidar: “para que Deus seja tudo, o homem tem que ser nada”. O resultado foi sua proposta de antropologização radical, que, de certo modo, constitui o que se poderia considerar a inauguração oficial do ateísmo. (QUEIRUGA, 2003, p. 110.)

A partir deste modo de pensar, as religiões “portadoras de Deus” passaram a ser vistas como algo negativo ao desenvolvimento e às ciências. Nos ambientes acadêmicos, sobretudo europeu, o ateísmo teve espaço, mas não nos meios populares. O povo, de modo geral, não olha para a questão do ateísmo tão pouco o tem como prática. Então se pode dizer que esta é uma questão contemporânea, que marca o momento de crise que se vive, mas não experimentada pelas massas. Isso vem à luz por causa das reflexões feitas por intelectuais.

Mas não é tão simples entender como o novo humanismo aparece com a face de ateísmo. Em primeiro lugar, temos de considerar que os valores fundamentais da modernidade estão na independência do sujeito e da razão, por isso o homem não pode estar atrelado a qualquer vínculo que o limite. O homem tem que procurar a sua glória e o seu triunfo, não o de Deus. É o antropocentrismo levado ao extremo, diferente daquele do humanismo renascentista.

Com isso, o pensamento de Nietzsche chegava a um ateísmo radical. Deus não existe, o céu está vazio. Para ele o ateísmo não é o resultado de alguma coisa, menos ainda de um acontecimento da vida particular. É uma evidência instintiva. A religião é uma “alienação da personalidade”, uma negação da grandeza do ser humano. Ela o impede de ser fiel à terra, isto é, de realizar todas as suas possibilidades. Deus é nada mais do que a impotência de sua própria vontade. (BRIGHENTI, 2004, pp. 42-43.)

Alguns filósofos introduziram essa discussão por causa da forma como Deus era visto em algumas culturas, até mesmo no Ocidente: um Deus opressor, violento, agressivo, que “não defende o mais fraco e o mais pobre”. O caminho da revelação judaico-cristã mostra aspectos de Deus demais humanizados, violento, amedrontador. Para o ateísmo, Deus não pode existir porque anula a possibilidade

de realização do homem. Então há um dualismo Deus-homem, com a existência de um excluir o outro:

Aos olhos dos filósofos ateus, o homem só pode ser ele mesmo se Deus não existir. Senão, Deus é que é tudo, e o homem não é nada. Então Deus se mostra como o rival do homem, ao qual ele se recusaria a dar lugar. Se Deus é criador, o homem não o pode ser. Ou se quiser sê-lo, deverá eliminar Deus. (MORIN, 2003, p. 74.)

Quando esses filósofos propõem a morte de Deus, na verdade estão proclamando o triunfo da razão humana, agora muito mais universalizada pela possibilidade do alcance dos meios. Assim, o homem pode viver a condição de sua liberdade e autonomia, ao tirar a Deus do horizonte. Feuerbach, Marx Engels, Freud, Nietzsche e Sartre exercem um fascínio no pensamento ateu moderno.

Mas é possível encontrar resquícios desse pensamento no positivismo que preconizava a importância de o homem se ater sempre aos fatos e às experiências concretas, que é a ciência. Então, nestas perspectivas Deus e a religião se tornam desnecessários, e às vezes, mais que isso, tornam-se um problema por poderem impedir o progresso humano. Dizia Comte “a verdade, seja ela qual for, só pode vir da ciência e exclusivamente dela” (MORIN, 2003, p. 43).

2.4.3 Indiferenças e busca do prazer

Três aspectos podem parecer muito semelhantes e aparecem como características da crise atual: as indiferenças, perda dos valores que serviam como referência e surgimento de uma cultura sem Deus. Quando o homem se faz indiferente a tudo é porque já perdeu o sentido de sua própria vida – não há esperança no horizonte de sua existência. Isso se mostra de diversas formas: perda gradativa dos valores-padrões que a humanidade tinha e perdeu na modernidade; no surgimento de uma nova cultura em que nem Deus nem o outro são referência. De algum modo, podemos entender essa ausência de “ser com o outro” como uma característica da crise por que a sociedade passa. Salienta-se que não se trata daquela *indiferença* presente nos exercícios inicianos – aquela que se dá da profunda liberdade para que o cristão ame melhor.

Sob o ponto de vista do conceito de indiferença pensada como característica da crise de sentido refere-se ao próprio desleixo da vontade, do desejo de transformação e construir *com e para* o outro.

O pluralismo é um fato concreto: os meios de comunicação orientam as massas a buscarem todas e quaisquer formas de atração que convenha. Não há limite para novas aquisições, quanto mais o indivíduo possa consumir ainda melhor. Os tempos de mudanças também o são de indiferenças. Isso é notado nas diversas formas de mercantilismo, inclusive o religioso. Cria-se, então uma ausência de sentido para a vida.

É exatamente esse vácuo sem sentido que hoje ameaça uma faixa considerável dos integrantes das sociedades pós-modernas. Nas ofertas advindas da indústria, a busca de sentido é substituída pelas promessas do prazer. Diante delas e diante de todos aqueles que propagam a ideia de que o último objetivo da existência humana é a busca pelo prazer, Viktor Frankl lembra uma outra verdade: não é a vontade pelo poder nem a vontade pelo prazer, mas a vontade pelo sentido que caracteriza a existência humana. (BLANK, 2008, p. 46.)

Há, sem dúvida, uma constante preocupação com o prazer, e disso resulta uma série de problemas psíquicos que empurram ainda mais o homem para o vazio: procura pela perfeição física, corrida para as homeopáticas, terapias etc., que também são formas diferentes de consumo. Ser indiferente é optar por estar à margem dos aspectos humanos. O que passa com o outro só interessa a ele mesmo, daí a percepção de que a independência do indivíduo, de alguma forma, o deixa indiferente. É a autossuficiência que o impede de ver o outro e por ele se empenhar, como é comum nos ambientes da cristandade.

Os valores fundamentais da existência humana não eram relativizados nem comercializados, e o prazer não existia em vista *deste mundo*, mas no outro, naquele prometido por Cristo (Mt 25, 31ss). Sem a perspectiva da *civilização* cristã, a sociedade que viu triunfar o racionalismo (com a proclamação da razão salvadora) viu também uma série de contra-valores, entre elas o hiato que produziu entre ricos e pobres, e a conseqüente prova de que o conhecimento transformou as relações em interesse mercadológico.

3 EM BUSCA DAS CAUSAS DE UMA MUDANÇA DE ÉPOCA

As mudanças socioculturais processadas especialmente no mundo ocidental têm suas causas, e algumas são mais perceptíveis, mais claras, mais plausíveis, como a evolução técnico-científica, de modo particular o das comunicações, os avanços na produção de bens de consumo, nos meios de transportes e avanços no que tange às políticas internacionais. Neste contexto é importante que se compreenda as causas mais significativas que afetaram a humanidade a partir do século XIX. Do mesmo modo, é relevante também se observarem algumas de suas consequências, uma vez que é impossível apresentá-las de maneira completa.

Neste capítulo, buscam-se as causas e as consequências mais importantes que apontam para uma época de conflitos, avanços, conquistas. Para isso, são apresentadas as causas mais significativas do contexto atual que apontam para uma sociedade em mudança. Neste particular, destaca-se a perda de identidade, própria do tempo em que se dá demasiada importância às subjetividades. Outro elemento importante deste item é a complexidade cultural, dado o fluxo efêmero por que passamos no contexto atual. Isso naturalmente aponta a continuidade e a descontinuidade, nada parece ter constância – de relance tudo é posto fora de uso. O dinamismo *mecânico* da existência relativiza os bens e as experiências, inclusive o próprio ser humano é relativizado neste contexto.

Outro item aqui apresentado, diz respeito às razões da crise atual, entre elas a universalidade dos meios, que faz com que o mundo todo se integre de maneira simultânea. O que passa numa extremidade do mundo pode ser visto na outra. Universalizaram-se os meios, mas não se incluiu no processo do desenvolvimento a humanidade como um todo. Outro aspecto importante é a efemeridade das coisas, tudo passa com a mesma velocidade que a técnica avança, apressando ainda mais a febre do consumo, muito comum no mundo contemporâneo. As transformações apontam as diversidades culturais, e nessa diversidade está o conflito que a comunidade humana experimenta.

Procura-se, igualmente, apresentar as implicações que estão intrinsecamente unidas ao processo de desenvolvimento e ao contexto atual. A essas mudanças

todos estão submetidos, de modo que elas se tornam um imperativo para a humanidade. São responsáveis pelas multiplicidades de “doutrinas”, que por sua vez também não trazem certezas, de modo que o ser humano continua sem resposta às seus inquietantes questionamentos.

Diante das transformações socioculturais, emergem novas necessidades, entre as quais sobressai a cooperação global, de maneira que seja possível a colaboração mútua entre povos e nações, e a partir disso, procurar-se a comunhão de intentos, que seja útil e necessária à humanidade. Ora, é importante que se analise também a contribuição cultural, como uma forma de “ecumenismo”, no qual se tenha em pauta o que é importante à sociedade do presente e do futuro.

As mudanças culturais aceleram o desenvolvimento, e daí irrompem as novas realidades, que são analisadas no final deste capítulo. De modo geral, é possível constatar nessas irrupções a complexidade dos fenômenos que as mudanças trazem cuja característica mais importante é a instrumentalização dos valores fundamentais, entre os quais os da própria religião. Emerge em meio a essa complexidade os diferentes modelos de sociedade, uma vez que há muitas possibilidades oferecidas por um universo tão plural como o nosso. Com isso, emerge também o fenômeno religioso – o mundo pluralista admite a multiplicidade das experiências religiosas, dentro ou fora das comunidades eclesiais. Na modernidade, o sujeito faz experiência de tudo que lhe convém, de modo que o fenômeno religioso caracteriza apenas uma forma a mais de experiências individuais.

No contexto presente, o sujeito criou em torno de si uma série de circunstâncias que justificam a busca do novo, sem possibilidade de fazer uma leitura crítica do mundo em que está imerso. Destaca-se a complexidade cultural na qual o fluxo da existência marca as diversas condições que apontam, de algum modo, a perda de referência. E não é apenas o indivíduo que está “sem base”, mas a própria sociedade. Diante desse problema, aparece a falta de continuidade nos projetos culturais do mundo atual, ou seja, desaparece a linearidade e daí as constantes rupturas, que não permitem a necessária experiência de aprofundamento das realidades socioculturais.

Procura, em seguida, analisar as razões da crise atual, apontando os elementos que podem ser significativos para a compreensão do momento cultural

em que estamos imersos. Parte-se da consideração de que a universalidade dos meios (novos ideais, utopias, progressos, conquistas...) não trouxeram as certezas esperadas, ao contrário, plantaram novas frustrações. Em vista disso, o progresso sempre mais acentuado fez com que a corrida pela novidade desse mais efemeridade à vida e às suas relações. Entretanto, há luzes no contexto atual, como a facilidade de adaptação do ser humano aos novos tempos, graças à flexibilidade na compreensão do outro; grupos sociais antes estigmatizados são aceitos socialmente e em muitos contextos as diferenças são vistas como riquezas. Novas ideias de criação, de invenção e de renovação são facilmente propagadas e aceitas. De algum modo, a pluralidade cultural enriquece a humanidade, bem como as múltiplas ofertas de possibilidades.

Portanto, apesar das sombras, há razões para otimismo porque existem valores a serem vividos que, mesmo não oferecendo certezas, apontam pistas que podem significar transformações socioculturais. O que estiver ao alcance humano que seja útil a qualidade de vida pode ser bem-vindo, porque possivelmente diminuirá a crise de sentido que incide diretamente na vida das pessoas.

3.1 AS CAUSAS MAIS PROFUNDAS DE UMA SOCIEDADE EM MUDANÇA

O dado que se constata diz respeito às alterações sofridas pela cultura cujos resultados estão presentes: são outros comportamentos, atitudes diferentes daquelas que estavam postos antes da modernidade. Querendo ou não tais aspectos afetaram a estrutura social em todos os níveis, do rural ao urbano, e a rapidez com que o processo avançou deixou marcas indesejadas. As conquistas da ciência, embora se reconheçam seus méritos, restringiram-se a poucos setores, excluindo outros.

Descortinam-se, no mundo atual, transformações dinâmicas que em muitos aspectos não podemos acompanhar. Por certo, um dos aspectos próprios do contexto presente, seja mesmo o da subjetivação, a constante preocupação do sujeito consigo mesmo; o consumismo, a banalização dos aspectos fundamentais da existência, como a violência gratuita e a banalidade da vida. Essas mudanças, não

passaram despercebidas pelo Concílio Vaticano II. Por outro lado, as conferências realizadas pelo episcopado latino-americano também continuou, depois do Concílio, chamando a atenção para os problemas dessas mudanças.

3.1.1 Perda de identidade

A identidade influencia nas relações dos indivíduos com a sociedade de que faz parte. Por ela, o ser *identifica* algo como seu e age por dentro, consciente de sua responsabilidade. Ora, no contexto atual é possível que os novos processos trazidos à pauta, principalmente pelas múltiplas informações, tornem difícil dar contorno à identidade cultural dos grupos e dos indivíduos. Essa perda de identidade é, na prática, uma crise da subjetividade. Por certo, isso se deve, em grande parte, ao sistema capitalista que ampliou seus limites de domínio sobre os grupos sociais de todo mundo, em vista de mais lucros.

Neste contexto, entende-se *subjetividade* como o que é *relativo ao sujeito, individual, pessoal; o que é válido para um só sujeito; e superficial* significa *pouco profundo, pouco sólido, desprovido de profundidade* (DICIONÁRIO AURÉLIO, 1996).

Quando se observam as atividades humanas, notam-se com relativa facilidade as constantes mudanças, e naturalmente quase sempre provocadas por necessidades de se imporem as novidades que surgem repentinamente. O indivíduo do contexto contemporâneo cria falsas necessidades, por isso corre a procura do novo, do que está em voga, e em muitos casos, não há qualquer leitura crítica diante disso. É a imposição de uma ditadura do consumo. O sujeito não está satisfeito com o que *é*, como *é* e com o que *tem*, de modo que transita no mundo em busca das novidades que estão em exposição em toda parte. Esse processo trouxe a ânsia e com elas as incertezas. Ora, assim, o sujeito se torna *ator* e não *agente* no mundo onde está imerso:

O indivíduo não é senão a unidade particular onde se misturam a vida e o pensamento, a experiência e a consciência. O sujeito é a passagem do *Id* ao *Eu*, o controle exercido sobre o vivido para que tenha um sentido pessoal, para que o indivíduo se transforme em ator que se insere nas relações sociais transformando-as, mas sem jamais identificar-se completamente com nenhum grupo, com nenhuma coletividade. (TOURAINÉ, 2009, p. 220.)

Desse modo, o sujeito embora faça suas escolhas na liberdade, há por certo uma avalanche que o arrasta, obrigando-o a determinadas opções. Assim, a liberdade do sujeito/indivíduo tão cara à razão, torna-o ainda mais escravo de circunstâncias. Em meio a tudo, fragmenta-se a vida social e seus valores, que deixam de ser observados ou vividos em detrimento do que aparece como *novidade*, e no *supermercado* de opções, o *novo* está na ordem do dia. É o relativismo que passa dos bens de consumo à pessoa, ao consumidor.

À perda da *segurança* individual e da identidade se dá, por paradoxal que pareça, por causa das inúmeras condições oferecidas ao sujeito pela indústria atual – engenho cultural. São tantas as escolhas que já não restam escolhas: “o significado social mais profundo dessa revolução industrial global é que as pessoas já não têm livre escolha no que se refere à identidade.” (GREIDER, 1997, p. 378.). Por outro lado, em países mais pobres a realidade é outra: a busca é mesmo pela sobrevivência. Então, o sentido que se procura não está apenas no horizonte transcendental, mas no esforço pela vida do ponto de vista material – a luta empenha grande sacrifício em cuja pauta não estão as “inúmeras opções que a indústria oferece”.

Diante disso, é necessário que a humanidade se reencontre em vista de um progresso positivo que inclua o homem, oferecendo-lhe, acima de tudo, condições legítimas que prezem os valores fundamentais da vida. É a construção do mundo novo e da sociedade nova que supera o individualismo (GS, 30). Entretanto, esse é um ideal que para chegar a ele é preciso ainda percorrer muitos caminhos, muitos deles demais íngreme, como enfrentar condições adversas de exclusões, criação de espaços em que todos tenham a oportunidade de vida, condições de trabalho e de progresso que de fato *tenha* sentido para todos.

3.1.2 Complexidade cultural

As forças de transformação marcam as tendências de uma fase na história das civilizações, tão complexa que o fluxo dinâmico da vida é alavancado, de algum modo, pelo tecnicismo. Podemos notar que durante o século XX e início do XXI

muitos “eventos” dinamizaram as culturas, e a máquina chegou ao topo como marca de triunfo técnico-científico. As sociedades e as instituições mais tradicionais foram afetadas, inclusive a Igreja. É natural que nos câmbios que se processam a própria sociedade se sinta perdida, daí a complexidade:

As grandes mudanças vão além dos negócios governamentais, meramente, e desestabilizam a ordem política estabelecida tanto nas sociedades primitivas quanto nas adiantadas. Tudo surge como novo e estranho. Nada mais parece seguro. (GREIDER, 1997, p. 11.)

A Igreja também reconhece essas mudanças, e aponta alguns problemas de ordem social que elas acarretam. Sem dúvida, os maiores responsáveis pela mudança de época são as ciências e seus avanços: tecnologias, informações em tempo real, mercados e blocos comuns. A isso se acrescentam outros problemas, especialmente criando um abismo ainda maior entre as classes sociais. As formas de relação, não apenas entre os Estados, mas entre os indivíduos são se alteram:

Multiplicam-se assim sem cessar as relações do homem com os seus semelhantes, ao mesmo tempo que a própria socialização introduz novas ligações, sem no entanto favorecer em todos os casos uma conveniente maturação das pessoas e relações verdadeiramente pessoais («personalização»). (GS, 6.)

Em grande medida, os conceitos também mudam, bem como a linguagem, as ideologias, as utopias. A ideia de sujeito e mesmo de Deus também muda, e não apenas do ponto de vista conceitual, mas ideológico. Nada foge às mudanças do mundo contemporâneo, por isso a própria tradição e a autoridade são postos em dúvida, porque “o indivíduo só está submetido às leis naturais” (TOURAINÉ, 2009, p. 20).

A arte procurou mostrar essa rede complexa com os movimentos que precederam o modernismo literário. O Futurismo foi dos movimentos de vanguarda do início do século XX que apresentou uma série de artes que mostravam sinais de uma sociedade em mudança constante, precisamente com a velocidade da técnica; mas nada tão evidente como a complexidade como as mudanças se realizavam. Mostrou o mundo da máquina, da mecânica, das engrenagens, dos engenhos humanos – isso parece uma indicação inequívoca do que viriam a ser as gerações seguintes. A sociedade criou urgência no processo de produção em todos os

sentidos, mudando sua própria estrutura: de uma sociedade agrária e rural, passa-se, em tão curto tempo, a uma sociedade urbana.

A *ideologia* desse dinamismo se percebe na produção em série de toda forma de bens de consumo que sejam duradouros ou temporários: “À medida que a industrialização avançava, surgia uma nova ética utilitarista que atendesse as suas necessidades” (GORRINGE, 1997, p. 98). Com efeito, o homem não pode se iludir subestimando ou ignorando as mudanças, mas procurar compreendê-las no âmbito em que elas se concretizam. E são tantas: na economia, na política, na religião, na ciência, na comunicação, na moral, nos costumes, na relação do indivíduo com o seu grupo.

Os avanços técnico-científicos cada vez mais sofisticados produzem uma série de problemas que não afetam apenas a vida do indivíduo, mas são nocivos ao próprio mundo em que todos vivem. Disso resulta um custo muito alto para a sociedade de modo geral, inclusive atinge as classes mais pobres de maneira muito arbitrária. (GREIDER, 1997, p. 88.)

Os aspectos apontados acima dão a dimensão do que chegou o mundo atual por via das mutações empreendidas a partir da última metade do século XX, e que ainda estão em andamento. Quando se fala de avanços científicos, fala-se naturalmente do progresso alcançado em todos os âmbitos do conhecimento. A equação parece uma *lógica* simples: o desenvolvimento empreende as mudanças, e estas por sua vez são etapas essenciais a toda forma de avanços que dão atualmente o ritmo da sociedade.

3.1.3 Continuidade versus descontinuidade

Emerge do dinamismo próprio do nosso tempo a necessidade de viver num mundo cheio de transformações e necessidades urgentes. Na prática, não se pode conceber uma linearidade porque todo processo cultural é suplantado por outro. De fato:

Estamos vivendo uma fase da história da modernidade caracterizada por uma liquidez que é experimentada como permanente movimento, flexibilidade e inconstância de formas, uma “impermanência geral das coisas”, como define Maffesoli. (ESPERANDIO, 2007, p. 43.)

Numa sociedade em mudança ocorrerem transformações é comum, talvez o incomum no contexto atual seja o *modo como* isso acontece. Com isso, cria-se também a incerteza acerca do futuro, o que intensifica ainda mais a angústia do indivíduo neste contexto. Ora, nada é contínuo, a não ser o câmbio veloz com que cada “arranjo” entra e sai de cena. É a lei do desenvolvimento:

A evolução não obedece às leis nem aos determinismos prepotentes. Não é mecânica nem linear. Nela não existe um fator dominante que permanentemente promova a evolução. O futuro seria facilmente predizível se a evolução dependesse de um fator predominante e de uma casualidade linear. (MORIN, 2010, p. 15.)

A vida no contexto contemporâneo é marcada pela relatividade, pela falta de linearidade e, sobretudo, pelas circunstâncias imprevisíveis. Essas inconstâncias são os dividendos que o homem paga pelos avanços promovidos no contexto atual.

3.2 AS RAZÕES DA CRISE ATUAL

A história do século XX está marcada por uma série de aspectos que caracterizam, em grande medida, o alcance do projeto de civilização sonhado há séculos. Resultam desse processo, então, no mesmo período, por um lado as conquistas científicas, tecnológicas, das telecomunicações; por outro, os pontos negativos, dos quais a história não pode fugir, como as guerras, os nacionalismos, as segregações e as ditaduras depois geradas por conta da bipolarização do mundo. Na raiz da crise contemporânea estão entre outros aspectos: a fragmentação cultural que obriga uma nova visão – na prática passa-se de unidade mais ou menos assegurada à pulverização que obriga a ver-se a humanidade através de um novo enfoque. O que no passado era restrito a um pequeno grupo social hoje está universalizado, graças aos meios de que se dispõe. A isso se acrescenta, também, a fluência com que o *novo* chega, obrigando a comunidade a entrar no ritmo desse fluxo. Por um lado, o ser humano tem mais opções de escolha, e na sua liberdade ele opta pelo que lhe parecer mais conveniente, geralmente o mais fácil e o mais provisório. Daí resultam as instabilidades do nosso momento.

3.2.1 Universalidade dos meios

Por certo, a primeira metade desse século, com as duas guerras, e a segunda, com a Guerra Fria, não poderia ter dado ao mundo outra coisa senão um vazio que, em muitos aspectos, diz respeito ao sentido mesmo da existência.

O século XX não trouxe ao mundo novas ideias, visões ou utopias capazes de dar sentido à história [...] o progresso desse século disseminou ruínas e vítimas e nenhum futuro histórico conseguirá jamais abonar tantos sofrimentos, como nenhum futuro melhor jamais nos poderá assegurar que esse sofrimento não foi em vão. No lugar da credibilidade do futuro do século XIX, surgiu, no século seguinte, total incapacidade de dar sentido à história. Puderam-se empregar as conquistas da ciência e da técnica para exterminar a humanidade – aquilo que se pode, antes ou depois se faz –, fica-nos difícil sentir entusiasmo pela internet ou pela tecnologia genética. (GIBELLINI, 2005, p. 35).

Diante do que a humanidade viveu nesses dois momentos cruciais de sua história e a posterior incerteza, as novas ideologias surgidas até como resultado das dúvidas e incertezas, deixariam frustrações ainda maiores. Analisando assim, parece fácil estabelecer e entender as razões do sofrimento humano, que encerra atualmente a crise de sentido.

Sob o ponto de vista cultural nada mais pode estar restrito a um determinado grupo ou a uma determinada região. Os meios de comunicação avançados universalizaram toda forma de cultura. Isso não quer dizer que os povos e nações vivam melhor e em paz, pelo contrário. O fato é que o que se podia ocultar ao grande público no passado, hoje já não se pode fazer. Findam-se os segredos, expondo até mesmo os Estados, estremecendo as relações internacionais. O indivíduo, por sua parte, perde as referências, e daí o sentido no seu agir:

O homem de hoje perdeu o horizonte de segurança que lhe normava a ação dentro do mundo, dando-lhe sentido. Mais que nunca, o homem experimenta que não só as coisas estão sujeitas à mudança – como pensavam os antigos, os forjadores primeiros deste mundo em crise – mas

que o próprio mundo ou o sentido último que enche de significado tudo o que está no mundo, muda, conhece uma história. (OLIVEIRA, 2001 p. 5)

Quando se fala de “homem” não significa apenas o ser em algum lugar, mas o ser de qualquer lugar. A facilidade, por outro lado, trazida pela universalização dos meios de cultura favorece o conhecimento e ajuda a formar a consciência do indivíduo de maneira mais “completa”, porque ele pode ter a visão do todo. Mas não elimina as complexidades, ao contrário. Os meios avançados que caracterizam a revolução das comunicações têm resultados nocivos: apressa a dinâmica do universo e intensifica as angústias que não se restringem mais a determinadas regiões do planeta. Sem dúvida, os resultados positivos são infinitamente mais importantes.

A época atual apresenta, como se constata, uma redução de tempo e espaço, contração que dão à vida necessariamente mais dinamismo:

No presentismo, tempo e espaço contraem-se especialmente em razão do avanço tecnológico, com implicações em vários campos. Na comunicação, por exemplo, o uso da internet relativiza as fronteiras do tempo-espaço e possibilita comunicação em tempo real, aproximando os mais diversos pontos do planeta. (ESPERANDIO, 2007, p. 59.)

Com as comunicações universalizadas e ao alcance de todos, tornou-se mais comum as opiniões compartilhadas no mundo. Entretanto, nem todos os povos têm as mesmas condições ou estão preparados para assimilar os resultados da “revolução midiática”. Claro está que, ao receber informações que veem de toda e de qualquer parte, cada povo precisa ler com entendimento crítico e formar sua opinião. Se a evolução do final do século XIX e início do século XX “ampliou a globalização da indústria, mas envolveu apenas uma pequena parte da população do mundo, a atual recruta pessoas aos bilhões”. (GREIDER, 1997, p. 17.)

3.2.2 Efemeridade das “formas”

Os meios de comunicação deram emergência à vida humana, por isso o tempo tornou-se prioridade em tudo, e com ele as demais circunstâncias. Tudo precisa ser visto e vivido em tempo recorde. É natural que isso interesse muito ao

comércio, que por sua vez apressa em grande medida toda forma de consumo, o que implica outro grande problema: a questão do zelo pelo meio ambiente. É relativamente simples entender como a evolução, em tão pouco tempo, alcançou as dimensões profundas que vemos hoje.

Existe uma cultura do consumo que torna as coisas passageiras em vista de substituí-las por outras mais “atuais”. A cada dia o mercado apresenta algo novo, miraculoso, capaz de dar mais sentido aos espíritos consumistas, sedentos de novidades. A opulência é um espetáculo exibicionista:

Na modernidade o mundo inteiro é uma experiência de consumo. E tudo é exibição: o surgimento dos shoppings, das galerias, das lojas de departamentos, de exposições internacionais, de museus, de novas formas de entretenimento... O mundo é uma cornucópia de experiências e bens possíveis de consumo produzidos pelo progresso moderno, para o mundo moderno, e o consumidor é o público que paga para ver o espetáculo e a experiência da modernidade. (SLATER, 2002, p. 23.)

As políticas estatais, em toda parte, especialmente no Ocidente, fazem campanhas pelo consumo. Quando mais se consome, mais se produz, e esta equação para uma nação significa riqueza. A diversidade de produção é uma possibilidade a mais para o lucro do produtor. Ser consumidor é fazer escolhas, e o período atual favorece muito esse espetáculo multiforme de demonstrações: na política, na economia, na religião. O ser humano no contexto atual é um consumidor de “bens” e “ideologias”. Criou-se, assim, uma nova identidade para os indivíduos e para a sociedade.

Na pós-modernidade, ou o contexto atual da nossa civilização, “a sociedade parece um baile à fantasia, onde as identidades são criadas, experimentadas e usadas à noite e depois trocadas para o baile seguinte...” (SLATER, 2002, p. 38)

Como tudo é efêmero, então nada tem profundidade, o que deixa ao ser humano algo de insatisfação, de vagueza. A variabilidade até pode permanecer por algum tempo, mas não subsiste a vida inteira, logo é preciso que se construa algo sólido, que dê certeza ao espírito humano, e isso não pode ser dado pelo material, exclusivamente.

Quem achou o sentido da vida não está mais frustrado. Quem descobriu o rumo de sua existência tornou-se feliz. Mas pessoas felizes não podem ser convencidas de que precisam comprar cada vez mais produtos; que

necessitam de novas roupas, de novos carros, de televisores maiores, de panelas mais sofisticadas e de papel higiênico perfumado. No entanto, a propaganda cria exatamente essas necessidades artificiais e promete que a sua satisfação fará felicidade e sentido para a vida. (BLANK, 2008, p. 51.)

De modo geral, a mesma busca de “identidade” se constata em outros hemisférios do horizonte humano, como a religião, por exemplo. O que demonstra ser também ser isso uma das causas da mudança pela que estamos passando.

3.2.3 Transformações e diversidades culturais

O momento de transformação ainda está em curso. As sociedades procuram, de algum modo, algo que o identifique, então “estar em constante mudança” é um aspecto cultural do presente. Os câmbios são apontados, produzem diversidades sociais, embora este seja o século em que mais os povos procuram unir-se sob algum aspecto. “A humanidade torna-se uma sem deixar de ser diversa” (MORIN, 2010, p. 38). Pode até soar como um paradoxo, mas quanto mais a humanidade se diversifica, mais se “federaliza”. Isso se constata principalmente quando se olha a formação dos blocos econômicos. Uma vez unidas as economias, unem-se também os intentos que as fazem sempre mais potentes e determinantes no presente.

As diversidades culturais não constituem solidez no que tange a garantias de estabilidade, como se tinha no passado. Naturalmente, isso torna as coisas mais vulneráveis. É o resultado do que foi principiado há mais de um século. No passado havia uma cultura homogênea em que os valores eram compartilhados e aceitos, e a consciência humana estava submetida à “obediência”. No contextual atual tudo é diferente – o que se dava pronto no passado já não é comportado pelo indivíduo do presente, dada a pulverização sociocultural:

Hoje vivemos numa cultura diferente, fragmentada, pluralista. Vivemos a etapa final de um processo iniciado há séculos atrás, quando os diversos setores da realidade ganham autonomia própria, com autocompreensão e normatividade específicas. Assim, progressivamente, os âmbitos político, cultural, científico, econômico, religioso passam a constituir fontes de sentido próprias, dando fim a uma visão do mundo por todos aceita e profundamente marcada pela fé cristã. (FRANÇA MIRANDA, 2006, p. 61.)

O que não muda, parece não ter espaço no cotidiano. Ora, daí resulta a grande dificuldade de a Igreja “falar” a mesma língua dessa nova ordem. Porque a Igreja do passado é a mesma de agora, a doutrina, os dogmas, o ensinamento, o Direito Canônico têm a mesma base do que tinha antes. De fato, o presente faz desaparecer as “forças de controle social e cultural – família, escola, Igreja, direito” (TOURAINÉ, 2009, p. 273.)

O problema grave das mudanças advém das desordens provocadas por elas, gerando uma confusão não apenas no âmbito pessoal, mas também no coletivo, como bem observa o Concílio Vaticano II:

Uma tão rápida evolução, muitas vezes processada desordenadamente e, sobretudo, a consciência mais aguda das desigualdades existentes no mundo, geram ou aumentam contradições e desequilíbrios. Ao nível da própria pessoa, origina-se com frequência um desequilíbrio entre o saber prático moderno e o pensar teórico, que não consegue dominar o conjunto dos seus conhecimentos nem ordená-los em sínteses satisfatórias. Surge também desequilíbrio entre a preocupação da eficiência prática e as exigências da consciência moral; outras vezes, as condições colectivas da existência e as exigências do pensamento pessoal e até da contemplação. Gera-se, finalmente, o desequilíbrio entre a especialização da atividade humana e a visão global da realidade. (GS, 8.)

A dinâmica das transformações é tão intensa e veloz que causa conflito no modo como as pessoas vivem o cotidiano. Isso prova como o próprio ser humano não consegue acompanhar as transformações culturais a que está submetido. Por outro lado, é de se admitir que na confusa situação em que nos encontramos, com as múltiplas ofertas que nos são apresentadas, ficamos realmente perdidos, sem destinos, e, por isso, sem horizontes. A atividade humana só tem sentido quando ordenada ao próprio homem (GS, 35).

3.3 CONSEQUÊNCIAS E IMPLICAÇÕES

Consequências e implicações estão relacionadas. De alguma forma, implicação é também consequência, entretanto aqui se trata de apresentar de que maneira as consequências implicam na busca de sentido. Ora, o modelo de cultura que se tem em curso, com a profusão de novidades sob muitos aspectos, não apenas tecnológicos, implica numa necessária *crise* de avaliação do que é ou não

necessário para a vida. Então, vive-se um drama, justamente porque as mudanças de agora são mais amplas, alcançam dimensões mundiais, o que torna a necessidade de se procurarem saídas de maneira mais urgente.

3.3.1 Imperativo das mudanças

As consequências do modelo de civilização que vivemos levam à análise:

A crise atual, portanto, não é apenas uma crise de indivíduos, governos ou instituições sociais; é uma transição de dimensões planetárias. Como indivíduo, como sociedade, como civilização e como ecossistema planetário, estamos chegando a um momento decisivo. (CAPRA, 2006, p. 30.)

Mesmo o Concílio Vaticano II reconhece que o mundo vive um momento de transformação. É certo que não sabemos, com precisão, no que elas implicam, mas se pode adiantar que, entre elas, está a evolução da ciência, a preocupação com a natureza – como se observa atualmente a tentativa de se criar uma consciência “universal” acerca do meio-ambiente.

De modo geral, ao se traçarem algumas linhas sobre as implicações dessas mudanças, podemos notar: o avanço do conhecimento técnico-científico, a preocupação com a extensão das conquistas (inclusive a espacial), como as novas descobertas – entre elas a genética, a clonagem, as células-tronco; a biologia conheceu nos horizontes; o avanço das telecomunicações e assim por diante. (ZILLES, IN: Revista Trim. Vol. 35, n. 35 p. 698).

Alguns autores apontam para o consumismo como resultado da soma de muitos aspectos produzidos na cultura ocidental nos últimos cem anos. O consumismo não implica apenas o interesse do indivíduo por *ter* ou *consumir* alguma coisa, mas vai muito além disso. Uma análise mais apurada chegará a um ponto crucial do feito: os bens são usados para marcar relações. Então, o ser humano perde seu lugar para o objeto, a que o mercado dá mais importância. (FEATHERSTONE, 2007, p. 35).

Não se pode pensar que o progresso retrocede ou volta atrás. Isso é fato! Então, é preciso que a sociedade entenda esse particular e procure caminhos e alternativas para os problemas. Ora, se por um lado, a ciência e a técnica produziram um mundo de dinamismos, é necessário que se criem mecanismos que

dê ao homem as condições suficientes para que ele não seja visto como um elemento a mais no mundo das diversidades e fragmentações. Entretanto, não neguemos que o momento é de mudança que implica em outras vias alternativas, que podem ser significativas à humanidade. Por outro lado, sob alguns aspectos há resistências a essas mudanças, mesmo as atuais.

As grandes modernizações, tanto na Europa quanto nas Américas apelaram mais frequentemente ao fogo que à razão, impuseram a escravidão, o trabalho forçado, as deportações, a proletarização. Mas foi assim que se criou a sociedade moderna que produz sua própria modernização não mais pela força impositiva da razão e das instituições que a realizam, mas pela proliferação das demandas e das ofertas, pela livre iniciativa e a extensão do mercado. (TOURAINÉ, 2009, p. 274.)

É comum as mudanças provocarem inconveniências, sob o ponto de vista humano. De modo geral, quem mais perde com isso são as instituições estabelecidas, cujos fundamentos mais significativos se rompem por força das circunstâncias adventícias. De fato, os valores se dissolvem, e instituições outrora firmes também se pulverizam: Igreja, Família, Escola e até mesmo o Estado. O que está posto pela razão é irreversível, e cada vez mais se constata a “autonomia das realidades criadas” (QUEIRUGA, 2006, p. 13).

A Igreja não nega a importância dos avanços técnico-científicos, sem admitir, contudo, a imposição do mundo que deprecia os valores fundamentais, instrumentalizando o ser humano, como se fosse apenas “força de produção ou de consumo”, não vendo a imagem do Criador:

Por isso, a Igreja de Cristo, confiando no desígnio do Criador, ao mesmo tempo que reconhece que o progresso humano pode servir para a verdadeira felicidade dos homens, não pode deixar de repetir aquela palavra do Apóstolo: «não vos conformeis com este mundo» (Rom. 12, 2), isto é, com aquele espírito de vaidade e malícia que transforma a actividade humana, destinada ao serviço de Deus e do homem, em instrumento de pecado. (GS, 37.)

O ser humano não é visto como *imagem e semelhança de Deus* no mundo onde a ordem é *produzir para consumir*. Sob essa ótica este ser é visto como objeto, que pode ser utilizado e no fim de suas forças, simplesmente descartado, substituído por outro, este até que produza e assim por diante. Assim, ele é instrumentaliza pelo

outro, como um imperativo necessário em vista da produção – e isso é prática do nosso contexto atual.

3.3.2 Multiplicidades de “doutrinas” e as incertezas do contexto atual

A vida contemporânea é obrigada a se submeter a uma série de condições nem sempre claras para os indivíduos. Nesse cenário, facilmente se perdem as referências e as seguranças tão fundamentais e indispensáveis a nossa cara existência. Quando o espírito da modernidade semeou a independência do indivíduo, começavam aí as multiformes vias de fragmentações, pondo fim as certezas que davam base aos fundamentos da vida.

O grande progresso trazido pela década de 1970 tem sido o reconhecimento da incerteza. Este é o primeiro sentido que encerra o termo “crise”: o aparecimento da incerteza lá onde tudo parecia seguro, regrado, regulado, e, portanto, predicável. (MORIN, 2010, p. 19.)

As incertezas a que o autor se refere não dizem respeito apenas ao que estava posto, mas também a tudo que parecia justo, seguro e firme, como as próprias ideologias com que muitos sonhavam nas últimas quatro décadas do século XX. Cada um apostava nas suas “cartas” como tábua de “salvação definitiva” para a humanidade. Mas o progresso pareceu desumanizador.

As verdades desapareceram, foram gradativamente dando lugar a dúvidas e incertezas. Agora o indivíduo, no uso de sua liberdade, não precisa mais acreditar numa doutrina dada e estabelecida. Por isso, pode criar sua própria “condição de verdade”, embora tendo por base as leituras mais antigas. Isso ocorre no campo da economia, da filosofia, da psicologia, da religião, da física e das ciências de modo geral. É a “nova consciência” do homem contemporâneo. (CAPRA, 2006, p. 289.)

No que concerne à religião esse imperativo é ainda mais evidente:

A perda da auto-evidência, com todas as suas conseqüências sociais e psicológicas, é mais acentuada – como era de se esperar – no campo da religião. O pluralismo moderno minou o monopólio das instituições religiosas. Querendo ou não essas instituições são fornecedoras de mercado de opções religiosas. O povo freqüentador de igreja transforma-se em um número de membros que, em muitas igrejas pode ser contado nos

dedos. A pertença a essa ou aquela Igreja já não é auto-evidente, mas resultado de uma escolha consciente. (BERGER & LUCMANN, 2004, p. 61.)

A busca de que o homem tem necessidade sem dúvida é uma tentativa de preenchimento de um vazio, sem deixar de ser, também, de algum modo, individualismo. Este aspecto do mundo contemporâneo precisa ser superado, como quer a Igreja (GS, 29). Devemos refletir, entretanto, que são próprias de um mundo em mudanças constantes as diferentes formas de “ofertas”, e todas elas se apresentam como possibilidade de solução para os problemas que o ser humano enfrenta.

3.4 A EMERGÊNCIA DE NOVAS NECESSIDADES

O quadro apresentado pelo projeto de civilizacional moderno não respondeu aos questionamentos fundamentais do ser humano, especialmente no que diz respeito ao sentido de sua existência, sua vocação e sua missão. Na prática, esse projeto não preencheu as novas exigências humanas, entre elas a mais fundamental, a de sentido.

3.4.1 Cooperação global

A visão social enfatizou, por um lado, a ideia da vida como luta constante pela existência, e isso foi muito promovido nos últimos anos, de modo mais incisivo a partir do final do século XIX, por outro lado, ficou esquecido o fato de que toda luta se dá em um contexto mais amplo de cooperação (CAPRA, 2006, p. 32).

De qualquer forma, esses aspectos concorrem para conquistas importantes, como por exemplo, a organização social, através de sindicatos, cooperativas e mais recentemente as organizações não governamentais de maior alcance. Entretanto, isso não responde às questões de fundo, que mais dizem respeito ao sentido da existência humana. É preciso, pois, olhar o ser humano com outra ótica, interrogar

sobre quais são suas necessidades, de maneira que algumas possíveis respostas lhe sejam dadas de modo concreto.

Certamente alguns “projetos” que ajudam a humanidade estão em curso. Veem-se com frequência grupos que se empenham na solidariedade humana e ambiental, propondo novas formas de “economia” dos recursos naturais e, inclusive por isso, diminuição do excesso de consumo. Pensa-se numa maneira de conservação universal do planeta, em promoção dos direitos humanos, e busca conjunta de soluções para os problemas mais gerais que atingem a humanidade como um todo. Com isso, pouco a pouco, pessoas, grupos e governos abrem caminho para que essas necessidades sejam não apenas discutidas, mas postas em prática, já com certo atraso.

Se a necessidade humana está, hoje, voltada para o supérfluo, é preciso pensá-la de maneira diferente, posto que quaisquer excessos põem em risco o que é comum a toda a humanidade: a condição de vida. Embora não seja essa a preocupação universal, é importante entender que há, sem dúvida, uma discussão em torno da ética do cuidado com o planeta. Essas necessidades humanas, em última análise, voltam-se para o ser humano, *com paixão*. O sofrimento humano, e do universo de modo geral, é uma preocupação particularmente das religiões, daí a “ecumene” universal que abrange a humanidade no tocante aos aspectos culturais em que vive imerso (GIBELLINI, op. cit. p. 363.)

3.4.2 Comunhão de intentos

É notável que a comunidade humana tenha apresentado muitas preocupações e questionamentos com o fim de alcançar o bem de todos. Ultimamente a questão ambiental chama atenção de muitos que, honestamente, se empenham para que a natureza seja liberta de muitas formas de violências, atentados, degradações. Este é um efeito da globalização, que adquiriu dimensões universais em todos os sentidos:

Para além de sua ambigüidade e reais efeitos negativos, a globalização rompe com os nacionalismos estreitos, os etnicismos e culturalismos, e leva

à consciência planetária, que nos faz sentir cidadãos universais, responsáveis por todos e por tudo. (BRIGHENTI, 2001, p. 10)

Não podemos negar que a globalização, ampliando os horizontes trouxe aos indivíduos as condições de entender o mundo não apenas por blocos ou por “amostragem”, mas como um todo. Melhor ainda, fez com que muitas questões outrora restritas a setores de Estados, agora podem ser discutidas pela grande massa. Há, sem dúvida, maior consciência acerca dos problemas globais, especialmente aqueles que afetam diretamente a saúde do planeta. Isso é um dado do nosso contexto atual. Uma visão de mundo como um sistema é uma figura que representa a necessidade de uma integração universal em favor da vida do Planeta:

Na ordem estratificada da natureza, as mentes humanas individuais estão inseridas nas mentes mais vastas dos sistemas sociais e ecológicos, e esses, por sua vez estão integrados no sistema mental planetário – a mente de Gaia –, o qual deve participar, finalmente, de alguma espécie de mente universal ou cósmica. (CAPRA, 2006, p. 285.)

Como Capra, muitos veem o planeta como um sistema que está integrado, e é preciso que se crie uma consciência da integridade do *corpus* como se fosse um organismo vivo formado por membros que o compõem, com a ideia de que ou nos salvamos todos ou nos perdemos todos. O mundo viu, estarrecido, as mudanças climáticas que desde o século XX causam estupor aos mais otimistas. De repente, a questão da conservação do meio ambiente entra para a pauta de discussões até mesmo dos governos dos países mais ricos. Não há dúvida de que isso é um avanço positivo conquistado graças à mundialização cultural.

O mundo globalizado, com a consciência que tem hoje dos direitos humanos defendidos especialmente por instituições e governos, não permite, como no passado, o abuso de autoridades, sejam elas civis ou militares, totalitárias ou democráticas. Os organismos internacionais tratam de informar aos quatros ventos qualquer forma de autoritarismo que ponha em perigo os direitos individuais – daí os protestos universalizados. Isso assegura, por um lado, que nacionalismos ou ideologias não ponham em risco a integridade e a soberania das nações.

Entretanto, dois problemas estão em curso e cuja solução não se tem vislumbrado, especialmente nos recantos onde a pobreza impera com mais força: a violência generalizada e a questão do terrorismo internacional. A isso se acrescenta a questão da fome, outro grave problema do nosso tempo. São problemas

socioculturais cujas soluções requerem a comunhão de intenções da humanidade no contexto contemporâneo. São problemas que estão provavelmente nas estruturas sociais, mas que requerem respostas possíveis:

Quando numa sociedade ocorrem freqüentes crise subjetivas e intersubjetivas de sentido, de modo a se tornarem um problema social em geral, não devemos procurar as causas no sujeito em si nem na suposta intersubjetividade da vida humana. O mais provável é que as causas estejam na própria estrutura social. (BERGER & LUCMANN, 2004, p. 31.)

Por isso, o desafio é compreender a realidade desafiadora que se vive e apontar e mostrar as possíveis vias que levem a à convergência para o bem da humanidade – globalizem-se, então, a cultura e seus valores, dentre os quais o de pôr em primeira ordem a comunidade humana:

A interdependência, cada vez mais estreita e progressivamente estendida a todo o mundo, faz com que o bem comum - ou seja, o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição - se torne hoje cada vez mais universal e que, por esse motivo, implique direitos e deveres que dizem respeito a todo o gênero humano. Cada grupo deve ter em conta as necessidades e legítimas aspirações dos outros grupos e mesmo o bem comum de toda a família humana. (GS, 26.)

Percebe-se hoje que em muitos espaços socioculturais há uma preocupação com os mais diversos aspectos da vida humana, que vão desde as condições ambientais, ecológicas, até questões de ordem filosóficas, como a moral e a ética. Essas conotações dão ideia de que há interesse comum na busca de condições que deem sentido à existência de cada pessoa.

3.4.3 Ecumenismo “cultural”

Nunca na história da civilização houve tantos compromissos de se compreenderem as culturas. Isso se deve, sobretudo, à facilidade dos meios de comunicação e de transportes. Entretanto, há ainda muitos “guetos” que precisam ser analisados, porque destoam da realidade comum que se vive hoje. A integração de culturas é naturalmente uma riqueza para o mundo, embora isso não se tenha dado na história de modo pacífico. Contudo, hoje isso é possível, ainda que no

aspecto religioso o “diálogo efetivo” seja mais difícil, por questões óbvias. A Igreja reconhece a cultura como um fator determinante, mesmo quando necessita de “ajuste”:

A cultura, assim como as demais realidades humanas, possui um “valor próprio”, está a serviço “da vocação integral do homem” e também se viu atingida pelo pecado (AA 7). Em contrapartida, ela goza de liberdade para se desenvolver e de autonomia para atuar, desde que respeite os direitos da pessoa e da comunidade humana (GS 59). Na medida em que não satisfaz essa condição, se tornando um obstáculo à realização última do ser humano, a cultura deve oferecer correções e aperfeiçoamentos (LG 17; AA 7). (FRANÇA MIRANDA, 2006, p. 25.)

Os estudos empreendidos especialmente pelas ciências trazem muitas esperanças às culturas de modo geral. Mas mesmo assim há muitos problemas que as ciências precisam combater unidas. Se por um lado houve um avanço nos modos de produção, por outro, a fome ganhou escalas ainda maiores que antes. Logo, é importante que as técnicas estejam a serviço do bem-comum. Quando esses “desníveis” acontecem é porque a modernidade precisa corrigir seu curso. “A maior parte dos mega-projetos que a técnica torna possíveis não é fruto do consenso democrático, ao contrario, prescinde dele” (GIBELINI, 2005, p. 41.)

Recentemente viu-se a necessidade de Estados e Sociedade reunirem forças para combater um inimigo comum, que atendia como crise financeira. Na verdade, a extensão dessa crise ainda não se conhece. O fato é que ela foi produzida por instabilidade do mercado financeiro e se gestava desde a última década do século XX. Em 2008, o problema alarmou o mundo, e de repente os governos compreenderem a necessidade de injetar vultosos recursos, o que foi feito em todos os continentes. Quer isso dizer que um governo sozinho não contorna mais uma crise no mundo atual, dependendo, por isso, de auxílios internacionais. De fato, essa necessidade “ecumênica” transcende todos os setores, especialmente o econômico, afinal “é o mercado que equilibra a sociedade” (VISENTINI, 2008, p. 245.)

O contexto atual exige que a sociedade em geral esteja em constante diálogo no sentido de se procurar saídas para os mais graves problemas que hoje o mundo atravessa. Não pode haver maior ideologia do que a utopia do cristianismo, que põe o homem acima de qualquer plano, por mais universal ou global que seja. Por isso, os esforços devem ser feitos por todos, para que se chegue à comunidade humana sonhada pelo Concílio:

Subjacente a todas estas exigências, esconde-se, porém, uma aspiração mais profunda e universal: as pessoas e os grupos anelam por uma vida plena e livre, digna do homem, pondo ao próprio serviço tudo quanto o mundo de hoje lhes pode proporcionar em tanta abundância. E as nações fazem esforços cada dia maiores por chegar a uma certa comunidade universal. (GS, 9.)

Os aspectos comuns que dizem respeito ao desenvolvimento precisam comungar princípios que deem à humanidade senão certezas pelos menos garantias relativas de experiências e de existência dignas. Trata-se, na verdade, de uma *fórmula* universal de compreensão da realidade que leve em conta o homem e o meio em que vive, isto é, o universo.

A nova visão da realidade, de que vimos falando, baseia-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Essa visão transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais e será explorada no âmbito de novas instituições. (CAPRA, 2006, p. 259.)

Sem dúvida, uma realidade integrada, como sonha o autor, é uma utopia, uma espécie de ecumenismo que abrange todos os setores da vida em sociedade, e que também veja o planeta como o espaço de todos, e que precisa ser zelado e não somente explorado. Essa visão integral também pode ser vista nas políticas ambientais desenvolvidas nos últimos anos e amplamente divulgadas por autores como Capra e Al Gore.

3.5 A IRRUPÇÃO DE NOVAS REALIDADES

As mudanças aceleradas pelo desenvolvimento tecnicocientífico fez surgir novas realidades às quais não deixam de apresentar suas complexidades. Isso passa pela globalização, pelo tecnicismo que exclui os mais pobres, pela revolução midiática e pelo religioso. Essas novas realidades emergem e cobram da sociedade uma forma diferente de comportamento. Por si mesmas as transformações culturais são complexas, com outros modelos e realidades diferentes daquelas que estavam asseguradas ou que pareciam estáveis.

3.5.1 Complexidade dos novos fenômenos

Diante das novas necessidades emergem as novas realidades, entre as quais a irrupção do fenômeno religioso, algo novo na história recente, especialmente no Brasil. Esse fenômeno, contudo, não é diferente dos outros aspectos que são oferecidos às experiências humanas atualmente.

Mesmo as expressões de cunho especificamente religioso apresentam certas características ambíguas e turvas. Constatase, pois, que o indivíduo moderno, marcado pela cultura individualista e pela mentalidade utilitarista, tende a reinterpretar os conteúdos simbólicos das religiões tradicionais em sua própria perspectiva. Deste modo, busca na religião o que a cultura atual não lhe oferece, movido principalmente pelo seu próprio bem-estar. (FRANÇA MIRANDA, 2006, p. 148).

Assim a religião é instrumentalizada, vivida, experimentada de maneira utilitarista, sem fincar raízes que ofereça estabilidade ao ser humano que procura sentido para sua existência. Isso pode apontar para uma possível interpretação, qual seja: a sociedade secularizada não consegue responder aos anseios da sociedade no passe da transição em que estamos imersos.

As perspectivas culturais que apontam as condições do presente acenam para outras necessidades de que a humanidade carece. No final do século passado era perceptível que novas realidades estavam no limiar dos nossos horizontes. As transformações naquela época aceleravam o processo técnico-científico, sem, no entanto, apontar, com certeza, o destino seguro.

O século das tecnologias estava na aurora: comunicações avançadas, economias globalizadas, humanidade perplexa diante das mudanças pouco absorvidas. A humanidade admira suas conquistas, mas se debate em angústias (GS, 3) por não saber seu (das técnicas e de si mesma) destino. Esse indivíduo, dotado de conhecimento técnico-racional procura, por todos os meios, dar sentido ao seu empenho, daí o surgimento de novas realidades com a qual o mundo moderno se defronta.

Depois do fim das grandes ideologias produzidas pelo idealismo do século XIX e postas em prática no século XX, com o fracasso catastrófico produzido, tanto do ponto de vista humano como ambiental, no final desse século irrompe nas maneiras de ver o mundo, de pensar o indivíduo, agora independente, movido pela sua razão e seu destino.

Em finais do século XX, a realidade social e a história das sociedades, nações e continentes abrem problemas científicos para os quais os conceitos, as categorias, as leis ou interpretações disponíveis parecem insuficientes [...] Aos poucos, os debates sobre o individualismo metodológico e holismo metodológico defrontam com as dimensões multinacionais, internacionais, mundiais ou propriamente globais das relações, processos e estruturas. (IANNI, 2008, p. 168.)

A complexidade social tornou-se *ordem* em todos os setores: político, econômico, social e religioso. Então, o ser humano é chamado a interpretar as novas realidades que irrompem no início do século XXI, sem deixar para trás as do passado. Novos paradigmas, portanto, emergem como fenômeno da cultura humana, e outras experiências são encampadas, entre elas a religiosa, que se contrapõem às tradicionais. (BRIGHENTI, 2000, p. 14)

3.5.2 Diferentes modelos de sociedade

Modelos de sociedade se sucedem no processo histórico das sociedades, e no nosso contexto isso não é exceção. Aquele modelo antigo, que parecia estável naturalmente daria lugar a outro certamente diferente, com suas particularidades, pecados e virtudes. A autonomia, a autoridade, o poder e o privilégio de que o cristianismo ocidental gozava já não vão existir, de modo que a sociedade terá que conviver com esse dado. Mas esse secularismo é parte do processo histórico, do desenvolvimento, da complexidade dos novos tempos, e põe o ser humano em contato simultaneamente com vários aspectos culturais e nenhum deles deve ficar de fora do cristianismo, daí tornar ainda mais difícil a tarefa da Igreja. (FRANÇA MIRANDA, 2006, p. 26.)

As mudanças produzidas no contexto do século passado, especialmente da segunda metade em diante, esfacelaram um universo que parecia o *modelo*. Hoje se

conhecem conceitos que no final do século passado ainda não estavam em uso – ou foram criados ou tirados do nosso léxico passivo e passaram para o ativo. A história segue seu curso, e a sociedade cria condições e novos modelos porque:

Compete a cada tempo apostar em seu ensaio de dar resposta minimamente significativa a suas interrogações precisas: só assim suscitará atitudes e promoverá a práxis que lhe ajudem nas urgências de seu respectivo momento (QUEIRUGA, 2006, p. 5)

Em muitos aspectos, as próprias transformações produzidas foram dadas *no* e *para* o progresso. “Mas o ideal do progresso é vazio, seu valor final é o de realizar condições em que sempre seja possível um novo progresso” (VATIMO, 2007, XIII.) – a própria noção de progresso desaparece. A emergência de substituição do que estava dado no passado pela novidade do presente é uma imposição contemporânea que nasce na modernização aqui entendida como “transformação radical de todas as condições externas da existência humana” (BERGER & LUCMANN, 2004, p. 58).

As possibilidades advindas com as ciências e as técnicas apressaram as mudanças em todos os âmbitos: social, científico, político e religioso. Desestabiliza, desestrutura, desregulariza porque está promovendo mudanças, e toda mudança cria essas condições. O problema é quando, de modo geral, a sociedade não está preparada para lidar com os câmbios produzidos uma vez que eles transgridem as normas vigentes, conhecidas e vividas. As novidades são filhas das mudanças:

As inovações/criações produzem transgressões que podem ampliar-se e potencializar-se em tendências, que tanto podem infiltrar-se na tendência dominante e modificar sua orientação quanto substituí-la. (MORIN, 2010, p. 16.)

No presente, nada tem firmeza, a solidez desaparece e a vida se torna uma experiência pouco profunda. É um momento especial que a sociedade está vivendo, cujo valor fundamental é a tolerância (TOURAINÉ, 2009, p. 198). Isso, entretanto, não parece estar na sociedade das grandes cidades. Se por um lado, as sociedades contemporâneas não toleram as intransigências políticas, administrativas, por outro parecem tolerar as violências que ocupam páginas e mais páginas nas ocorrências policiais.

Então, a violência é também resultado da produção humana. Essa nova experiência de violência é de todos e de cada um (MORIN, 2010, p. 59), e por isso precisa ser combatida por todos e em toda parte, pelo indivíduo e pelo Estado.

As realidades que se descortinam trazem as insígnias no pluralismo cultural que perpassam toda forma de sociedade. De fato, as “identidades” das ideologias, quer partidárias quer econômicas ou religiosas já não existem, e isso é visto de modo mais claro precisamente na fragmentação do cristianismo: “A fé cristã que parecia como chave de leitura dominante e onipresente acaba relegada a ser mais um setor dessa sociedade pluralista” (FRANÇA MIRANDA, 2006, p. 123).

A Igreja, por sua parte, acredita que as mudanças culturais a que as sociedades estão submetidas em todo tempo e lugar, não podem afetar o fundamento da vida humana, que é Cristo, no qual precisamos procurar as respostas de que precisamos às questões mais fundamentais da existência:

A Igreja, por sua parte, acredita que Jesus Cristo, morto e ressuscitado por todos (5), oferece aos homens pelo seu Espírito a luz e a força para poderem corresponder à sua altíssima vocação; nem foi dado aos homens sob o céu outro nome, no qual devam ser salvos (6). Acredita também que a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontram no seu Senhor e mestre. E afirma, além disso, que, subjacentes a todas as transformações, há muitas coisas que não mudam, cujo último fundamento é Cristo, o mesmo ontem, hoje, e para sempre (7). Quer, portanto, o Concílio, à luz de Cristo, imagem de Deus invisível e primogênito de toda a criação (8), dirigir-se a todos, para iluminar o mistério do homem e cooperar na solução das principais questões do nosso tempo. (GS, 10.)

É assim que a Igreja procura esclarecer os caminhos do homem do nosso tempo: sem negar as transformações socioculturais não deixa de salientar que o fundamento último e alicerce das realidades humanas estão na verdade de Cristo.

3.5.3 O fenômeno religioso

O fato de as religiões terem alcançado tão grande popularidade no meio social atualmente não é um acaso. O novo modelo de sociedade que a modernidade quis pôs o ser humano como medida de si mesmo e do universo:

Já não seria mais o cimento da coesão cultural-social ditado pela religião que daria o sentido ordenador da realidade e do social, como suas mediações, mas doravante a própria racionalidade, a própria independência de escolha racional centrada no indivíduo autônomo. (MAGALHÃES, 2008, p. 150)

As experiências humanas passam necessariamente pelo indivíduo. O pluralismo cultural permite ao homem experiências variadas, que inevitavelmente levam ao relativismo. “O pluralismo causa a crise de sentido da modernidade (BERGER & LUCMANN, 2004, p. 51) porque desorienta o indivíduo posto que não lhe oferece algo estável. Se houvesse estabilidade, certamente o indivíduo teria condições suficientes para se orientar. Na ausência desta tão necessária base, o homem perde não apenas a orientação, mas também a própria identidade. A própria identidade religiosa se pulveriza. Então, falar-se em Ocidente cristão atualmente não é a mesma coisa que no passado.

O mesmo vale para a identidade católica comum aos países neolatinos. Isso quer dizer que a quebra de uma referência, mesmo que esta seja aparentemente substituída por outras, já não é mais referência, é mesmo perda de identidade. É claro que para a Igreja Católica compreender essas mudanças é ainda mais difícil por causa de sua doutrina, dogmas, ensinamentos, linguagens, mesmo considerando os avanços alcançados com o Concílio Vaticano II. Para as igrejas protestantes a questão é difícil, mas nem tanto, uma vez que na compreensão dos reformadores, o protestantismo é moderno por excelência.

O fenômeno religioso não é novo, é próprio de uma sociedade em mudança. No caso do contexto, pode-se dizer que a modernidade representou um abalo nas tradições religiosas, especialmente no Cristianismo Ocidental. A modernidade quebrou a hegemonia e o poder da Igreja, fragmentou-a, tentou excluí-la ou mostrá-la desnecessária.

Somente nos últimos 300 anos da vasta história humana é que parte da humanidade, a europeia, tentou ver-se e interpretar sem se reportar à tradição religiosa ou a ideias religiosas. Esta experiência, nunca antes vista e experimentada, tornou-se, no contexto europeu, não somente algo de setores da sociedade, tais como a política de Estado, círculos universitários e artísticos, mas também criou raízes na vida cultural mais ampla, chegando a redutos da individualidade, do estilo de vida, da visão familiar e do chamado senso comum. (MAGALHÃES, 2008, p. 29.)

Esse fenômeno marcou uma época porque foi muito abrangente, atingindo não apenas a religião, mas os demais setores da sociedade. Por outro lado, a

quebra do poder da Igreja unida à emergência do protestantismo de matriz americana, deu ao fenômeno religioso novo aspecto: a superficialidade. Então, perdeu-se o sentido de *confissão*, pelo menos do ponto de vista como os cristãos entenderam, desaparece. E faz sentido: *confessar é dar a vida, entregar-se pela fé*. No sentido *evangélico neopentecostal*, o sentido de *confissão* virou *pertença*: “A expressão americana por outro lado provém da linguagem de consumo (e também das linguagens das ciências econômicas)” (BERGER e LUCMANN, 2004, p. 63).

Os evangélicos avançaram muito especialmente no Brasil entre as camadas mais pobres cujas necessidades de toda ordem são gritantes, e esses grupos oferecem respostas às necessidades do povo (BRIGHENTI, 2001, p. 23), ainda que não haja identidade definida: com muita frequência os adeptos migram de uma denominação a outro sem maiores dificuldades. Mas, de qualquer modo, há experiências de fé vivida por esses grupos cristãos.

As experiências religiosas não se restringem ao cristianismo ou às religiões históricas. Emergem, no contexto contemporâneo, novas experiências com diversas formas de *crença*. São formas com as quais não estamos habituados, dada a novidade como têm aparecido.

Uma das expressões mais fortes desse tipo de experiência religiosa é a *New Age* ou Nova Era, que, num tempo relativamente curto, se difundiu em muitas partes do mundo, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa. Mas, sua presença já é sensível e influente também na América Latina e em nosso país. Seu público abrange uma gama heterogênea, que vai desde professores universitários, passando pelas classes médias, até pessoas simples do povo, tanto do meio urbano como do rural. Trata-se de pessoas geralmente ligadas a instituições ou grupos religiosos, que aderem a uma espécie de sincretismo religioso. (BRIGHENTI, 2001, p. 25.)

A questão do fenômeno religioso é abrangente e significativo, é um sintoma de que as sociedades procuram novas perspectivas e novas formas de identidade. Mas as muitas formas de ofertas e possibilidades se tornam distantes porque subjetivam e fragmentam ainda mais as experiências humanas.

4 A RELEVÂNCIA DA MENSAGEM CRISTÃ DIANTE DA CRISE DE SENTIDO

A mensagem cristã tem um papel relevante na sociedade, e não apenas sob o ponto de vista doutrinário, teológico, mas no que tange ao sentido da vida humana, ponto central na mensagem do Evangelho. A vida em abundância pleiteada na mensagem do cristianismo tem alcance no seio da sociedade, especialmente diante das experiências vividas pelo ser humano no contexto atual.

Neste capítulo, procura-se mostrar a relevância da mensagem que o cristianismo pode oferecer à sociedade atualmente. Parte-se dos dados da realidade do Cristianismo no contexto atual, procurando analisar as condições de evangelização, os desafios, daí se chega à mensagem cristã como horizontes de sentido. Do mesmo modo, expõem-se, em seguida, os valores contidos na mensagem cristã, seus aspectos fundamentais, alcances e, posteriormente se apontam as perspectivas de esperança e a partir disso, as possíveis respostas que o cristianismo pode dar à humanidade no que diz respeito ao sentido da nossa existência.

Em primeiro lugar, procura-se analisar o Cristianismo ante as realidades emergentes, apontando os aspectos mais importantes. Como foi em outras épocas de crise cultural e social, o Cristianismo sempre teve uma posição muito relevante, embora neste contexto contemporâneo ele próprio sofra com as transformações. Então, procura-se verificar: a) a realidade de ser cristão no mundo, sabendo que na realidade complexa do presente, as tradições herdadas da cristandade não respondem mais às necessidades humanas, daí ser necessária uma ação diferente na maneira como levar a mensagem do evangelho; b) o testemunho: o Cristianismo não pode se conformar com o mundo presente, as formas de agressões à vida, às indiferenças etc. porque não é essa a mensagem fundamental do evangelho. Então o testemunho, como o mesmo Cristo se *oferece*, por certo confere sentido às experiências humanas, mesmo dentro da complexidade cultural que se tem hoje; c) fé libertadora – na confusão própria de uma sociedade em mudança, a fé precisa ser um elemento de libertação, somente assim pode *ser* sentido para o ser humano atualmente.

A seguir, apresenta-se mensagem cristã como horizonte de sentido à vida humana, partindo-se, sobretudo, do elemento essencial: a fé. Sem ela a mensagem cristã também não teria sentido. Ora, importa que esta fé seja verdadeiramente autêntica, aquela que ilumina a vida de maneira que dê esperança e sentido ao ser humano. A autenticidade da fé precisa fundamentar-se na esperança. Esta esperança que é também certeza e confiança nos mistérios de Deus. Essa esperança cristã precisa estar no cotidiano do ser humano, no horizonte da história pessoal, o que possivelmente dará condições para enfrentar as realidades do presente. Por mais enevoadada que esteja a vida humana, a esperança pode dar-lhe perspectivas, porque fortalece a estrutura psíquica, física e espiritual de pessoa. Apresenta-se a caridade como uma das possíveis respostas, porque nela mais fundamentalmente se expressa o amor de Deus. Por isso, ela (a caridade) se torna um dever do cristianismo, posto que se espelha no próprio Cristo.

Destacam-se, igualmente, os valores humanos contidos na mensagem cristã, uma vez que esses valores estão inscritos nos aspectos mais relevantes das democracias modernas. Quer isso dizer que ao se tomarem os valores maiores do cristianismo como elemento chave, destaca-se: a) a dignidade humana: felizmente hoje defendida em muitas *frentes*, sejam elas religiosas ou laicas; b) os valores do evangelho como universais: mesmo no mundo secularizado, é importante que se reconheça que os valores humanos estão contidos na mensagem do Cristianismo, e que são relevantes para a vida humana, principalmente em momentos de mudanças nos quais o ser humano sofre a perda de referencial. A utopia do reino também é importante para conferir sentido à nossa vida – e essa utopia aponta para a possível libertação das amarras que escravizam a humanidade.

Por fim, no último item deste capítulo, as possíveis respostas que o Cristianismo pode dar às novas questões humanas. Destacam-se, neste particular, aspectos como a pluralidade cultural com suas características mais importantes que são as diversidades. Mostra-se a importância do exemplo de Cristo, modelo primordial para o Cristianismo e que pode ser relevante à humanidade quando procura saída para a crise de sentido. Outro ponto importante apresentado é a comunhão humana: a humanidade pode ter em comum muito mais o que une do que o que divide, e neste particular, o Cristianismo pode ser ponto importante, posto que sempre se pauta pela comunhão do ser humano com Deus e consigo mesmo.

Por isso, o diálogo com o diferente é, possivelmente, um elemento importante para a construção de um horizonte de sentido.

4.1 O CRISTIANISMO ANTE ÀS REALIDADES EMERGENTES

Mesmo diante das questões suscitadas no modernismo, as preocupações do Cristianismo não se fundamentam puramente no que apresenta o contexto atual. São muito mais antigas e mais profundas. Como muitas religiões, o Cristianismo se volta para questões profundas, como o problema da morte, isto é, a finitude; o problema da vida em si mesma com tudo que ela implica; e o problema a convivência: de que maneira a humanidade vive. Como parte da sociedade, o próprio Cristianismo também passa pelo mesmo processo de crise. Hoje não se pode, por exemplo, pensá-lo como no tempo Crístandade que reunia um *poder*, que sob todo aspecto, o distanciava do povo. Atualmente vê-se mais engajado no compromisso social, comprometido efetivamente com os mais necessitados.

Certamente a mensagem cristã é de esperança dada a partir do testemunho de Cristo e dos cristãos, especialmente os que mostraram e mostram mediante a sua prática e exemplo de amor fraterno que vai ao extremo. Ora, é diante do mundo em que o individualismo crassa que este amor se apresenta como diferencial – tem e dá sentido à existência humana.

O Cristianismo se apresenta como possível resposta às questões da falta de sentido para a vida dos seres humanos quando enfrenta os maiores problemas que atingem a humanidade, espelhando-se em Cristo e nos seus ensinamentos, no compromisso de levar a mensagem de esperança da qual tanto carece a sociedade atual. Essa esperança não esbarra nas promessas oferecidas pelo mundo, mas as transcende, porque está acima delas, mesmo com as adversidades:

É verdade que para o cristão é uma necessidade e um dever lutar contra o mal através de muitas tribulações, e sofrer a morte; mas associado ao mistério pascal, e configurado à morte de Cristo, vai ao encontro da ressurreição, fortalecido pela esperança (GS, 22).

O papel do cristianismo no contexto contemporâneo não difere do que levou a termo no passado. Presente no mundo como realidade histórica, a Igreja vive imersa na cultura humana, sujeita às influências que as mudanças provocam na sociedade. Mesmo assim, ela precisa ser mensageira da mensagem de Cristo, isto é, tem que *estar* no mundo *como* Igreja que tem um compromisso social, cultural e não apenas religioso. Para isso, dois elementos são importantes: ser testemunha do que crê, de Cristo, e expressar, na prática quotidiana a liberdade que a fé é capaz de encarnar.

4.2 SER CRISTÃO NO MUNDO

O cristianismo não está fora do mundo, está nele para transformá-lo, para *fazer* diferente. Se não for assim, será uma sociedade ou uma instituição como outras tantas, mas que não teria um papel tão relevante quanto deve ser para o mundo. Diante dos problemas que a sociedade enfrenta como comunidade que acredita o Cristianismo precisa iluminar com a luz do evangelho as realidades socioculturais, embora também ele precise de luz. Para ser resposta às questões fundamentais da existência humana, precisa enfatizar, de algum modo, os aspectos mais importantes e humanizadores, como a esperança, o amor fraterno e a caridade. Na verdade, diante das realidades presentes, na que “a esperança do Reino de Deus foi substituída pelo reino do homem” (SS, 31), visto, sobretudo, nas mais diversas formas de individualismos, a caridade é o mais singular exemplo de prática do amor cristão.

A realidade presente e complexa por sua natureza, não deixa à parte nem a história nem o valor que o cristianismo trouxe à humanidade. Por outro lado, as tradições herdadas da cristandade parecem não responder aos anseios dos féis que procuram viver a sua fé. O novo paradigma precisa de uma ação diferente da que a Igreja tem mostrado como portadora da verdade cristã. Entretanto, o desafio é grandioso e ganha vulto cada vez mais expressivo. Aquele Cristianismo que vigorou no passado onde havia as tradições firmadas na autoridade, na doutrina ou nos dogmas, já não responde. Por outro lado, não pode negar a mudança, tão pouco

resisti-la. Há de se abrir canais de interação dentro desse universo de maneira que nessas realidades tenha lugar a mensagem do cristianismo.

De qualquer modo, e em quaisquer épocas, o cristianismo tem que ser testemunha do amor de Deus expresso na história humana com a encarnação, vida, paixão, morte e ressurreição de Cristo. É esse o centro da mensagem cristã e por isso o modo como o Cristianismo deve se apresentar à humanidade diante dos novos paradigmas.

Assim, nós, os cristãos, precisamos tomar consciência de que, inseridos no contexto cultural moderno de superação de uma postura dedutiva e essencialista diante da verdade, a própria *mensagem* revelada só será digna de crédito quando acompanhada pelo testemunho por sua verificação histórica. (BRIGHENTI, 2006, p. 90.)

Novas perguntas, hoje, são feitas pela humanidade e, por isso, novas respostas cabem ao Cristianismo dar-lhe, com a autoridade da fé professada em Cristo, testemunhando o amor-caridade, exemplo maior de expressão dos que aderem à sua mensagem. O Cristianismo tem diante de si o maior dos desafios por que tem passado em toda sua história, porque no mundo fragmentado, com tantas opções e ofertas, fazer com que a humanidade faça uma opção radical pela mensagem de Jesus Cristo é uma tarefa desafiadora.

O cristão não pode renunciar à essencialidade do ser *de* e *em* Cristo. O mundo contemporâneo oferece possibilidades de escolha que mesmo os mais apegados ao evangelho têm dificuldade em discernir o que *é* e o que *não é* adequado ao cristão. Não se pode perder de vista o essencial da fé cristã, por isso é importante que a Igreja esteja atenta às mudanças para dirigir os cristãos no caminho que seja verdadeiramente experiência de fé em Cristo. O cristão consciente precisa pensar na transformação do mundo a partir da realidade em que está imerso, sabendo que o reino de Deus não se realiza sozinho nem *baixa* do céu com a imediatez de um milagre extraordinário. A vocação do cristão, mormente no contexto atual, requer discernimento profundo acerca de sua práxis. A esperança não é passiva, exige compromisso e engajamento. É assim que o cristão converte o mundo:

Não se conformar com este mundo assim como ele se apresenta, não só significa transformar-se em si mesmo; significa transformar também o mundo ao mesmo tempo. É nisso que se baseia a fé do cristão que se compreende como seguidor de Jesus Cristo. (BLANK, 2008, p. 121.)

Ser cristão no mundo implica num compromisso, que é pela fé em Cristo transformar as realidades, dando-lhes sentido *ser sal, ser luz*. Ao se converter, a pessoa tem diante de si um compromisso, que é converter o mundo. Assim, ver-se que a mensagem de Cristo faz efeito no meio do mundo, transformando-o. O Cristianismo é universal sem deixar de ser local, e isso facilita o seu esforço em ser ponto de resistência aos problemas mais graves trazidos pela globalização. Solucionar os problemas regionais ou locais é o esforço da Igreja quando propõe condições de transformação através de sua ação evangelizadora. Isso não dispensa, contudo, a conversão de cada um dos filhos da Igreja, porque na conversão a comunidade se fortalece para enfrentar as questões mais profundas que levam grande parte dos homens à perda de sentido.

Por ser universal, ela [a Igreja] pode atuar amplamente na cultura e na economia globalizada; por ser local, essa situação se fará também a partir do local, onde o global cultural já foi relido pelo local e o global econômico foi sentido localmente. Daí a importância única das Igrejas locais num discernimento crítico e numa tomada de posição lúcida com relação aos benefícios e malefícios da globalização como, aliás, já se deu por parte do episcopado canadense e mexicano [...] Cada vez experimentamos mais conscientemente a dificuldade de um discurso universal, que satisfaça a todos, das as condições peculiares de cada região. Cada vez mais sentimos que devemos respeitar os diferentes contextos em que a fé cristã é professada e vivida. (FRANÇA MIRANDA, 2006, p. 89.)

É nesses ambientes, com as diversidades culturais próprias de cada lugar que o cristão deve ser *essencialmente cristão*, isto é, jamais perder a essencialidade de sua fé, pela qual o mundo é transformado. É no respeito às diversidades que os valores fundamentais se concretizam, e então a fé dos cristãos fazem efeito:

O que só se poderá fazer se os indivíduos e grupos cultivarem em si mesmos e difundirem na sociedade as virtudes morais e sociais, de maneira a tornarem-se realmente, com o necessário auxílio da graça divina, homens novos e construtores duma humanidade nova. (GS, 30.)

A mensagem de Cristo não se perde no tempo e, certamente, tem muito a dizer no mundo atual. Por isso, é necessário que a Igreja saiba *como* fazer o anúncio do Evangelho, adaptando a linguagem de modo que verdadeiramente fale ao coração da humanidade, e a partir dos exemplos de vida cristã, das múltiplas experiências ser modelo e inspiração para a humanidade. Assim, o sentido para a existência terá mais fervor.

Ante às realidades emergentes, sejam elas quais forem, o Cristianismo precisa apresentar a mensagem de Cristo que nos vem *da graça e por graça* é libertadora.

4.2.1 Experiência de fé libertadora

Neste particular, a evangelização das CEBs cumpre um papel significativo. Nos lugares mais pobres e explorados, nas zonas rurais e urbanas, essas comunidades levaram sementes de esperança, ensinaram uma consciência que traria mais tarde, perspectivas de libertação efetiva, sobretudo porque é uma presença na luta pela justiça. Isso também contribuiu, talvez em menor medida, para a vivência de uma nova espiritualidade, aquela que faz do cristão um *ser engajado* nas questões sociais. Hoje as questões são outras, é verdade, mas é importante que a fé continue sendo compromisso para a libertação de qualquer forma de opressão.

O ser humano, especialmente no contexto contemporâneo, vive uma condição confusa, cheia de preocupações, incertezas. A fé tem dimensão social, e se enraíza na verdade da mensagem cristã precisamente quando liberta. Se não liberta é porque não é cristã. Então, diante das realidades emergentes, a mensagem da Igreja, que deve ser a mesma de Cristo, também liberta e constrói novas perspectivas de sentido para a vida humana.

A salvação, em sua dimensão histórica, é libertação de tudo quando agride a vida. Não basta acenar para um futuro melhor. Hoje, cada vez mais, busca-se fazer a experiência do presente daquilo que se espera da fé. (BRIGHENTI, 2001, p. 35.)

Ao pôr sua tenda entre nós, Deus, em Jesus Cristo, assume a nossa condição humana, por pura gratuidade, e nos eleva à condição de filhos, herdeiros da promessa ao povo de Israel. Então os limites da graça divina se ampliam, porque a universalidade ensinada por Jesus determina o alcance da salvação: judeus e gregos, escravos e livres, como ensina São Paulo.

A graça nos conduz à unidade pelo Espírito Santo. Ele distribui todos os dons necessários para se acolher e viver na graça de Deus. O Espírito é distribuidor de

dons. Dons variados que servem ao bem comum. Só assim se distingue singularmente como sendo ação do Espírito Santo. Não se compra, não se vende, é gratuito, é para o enriquecimento da comunidade. Tudo que o cristão faz de bom é visto como ação do Espírito Santo: amor, alegria, paz, longanimidade, mansidão, fidelidade etc. O espírito opera unidade na diversidade, cujos dons maiores são o amor e a liberdade. Evidentemente, o discernimento que a comunidade faz pra saber que está sendo guiada pelo Espírito Santo, não se dá de forma milagrosa, mas no cotidiano. O Espírito intervém na comunidade, mais na sua vivência ordinária – à leitura da vivência da comunidade e discernindo os rumos que o Espírito Santo lhe mostrava (e mostra ainda hoje). Esse amor cristão parece fazer falta ao mundo no contexto de cada ser humano que sofre à ausência de valores fundamentais. Por isso, importa que o Cristianismo seja referência especialmente de esperança na construção de possíveis saídas para a crise da humanidade.

Neste sentido, é importante entender o significado da gratuidade de Deus. É pela gratuidade do amor de Deus que experimentamos a vida no Espírito divino, que nos renova e faz novas todas as coisas. Ao se *autocomunicar* na história, nada destrói a bondade ou compromete a liberdade e a vontade de Deus em assumir a nossa história para transformá-la, modelá-la, redimi-la.

Ora, constata-se que não há condições de o ser humano viver fora do mundo e da história, por isso vive constantemente imerso na graça. Pela liberdade de amar, Deus nos eleva à salvação, chamado a que respondemos, também na liberdade, pela fé/confiança e esperança ao mesmo tempo. Configurando-nos com Cristo, temos nele e dele a graça necessária à santidade e à vida definitiva com Deus, que começa aqui e agora.

O amor de Deus verdadeiramente liberta e dá ao homem sentido na medida em que põe em evidência os valores fundamentais da vida que precisam ser levados em conta por toda comunidade humana:

«Todos estes valores da dignidade humana, da comunhão fraterna e da liberdade, fruto da natureza e do nosso trabalho, depois de os termos difundido na terra, no Espírito do Senhor e segundo o seu mandamento, voltaremos de novo a encontrá-los, mas então purificados de qualquer mancha, iluminados e transfigurados, quando Cristo entregar ao Pai o reino eterno e universal: «reino de verdade e de vida, reino de santidade e de graça, reino de justiça, de amor e de paz» (24). Sobre a terra, o reino já está misteriosamente presente; quando o Senhor vier, atingirá a perfeição. (GS, 30.)

O discurso da liberdade deve fazer efeito no mundo presente, uma vez que estão presentes na pauta de discussão cotidiana os valores culturais da democracia, dos direitos humanos e da ecologia, e por certo a graça de Deus não está fora deste universo. Se a experiência não se tornar libertação, então não está a responder às questões de sentido:

A fé verdadeira vê a atuação do Espírito, não somente na forma extraordinária, mas sempre e em todas as situações humanas onde o bem é buscado, a virtude praticada, o amor vivido, o homem respeitado e Deus venerado, seja nas instituições esclerosadas, seja na liturgia formalizada ou seja no gesto quotidiano da oração familiar e particular. (BOFF, 1985, p. 240.)

Assim, no entendimento cristão, a fé está no horizonte de sentido, porque aponta, não obstante as questões do nosso tempo, para a liberdade humana, que procura, com responsável empenho saídas para a falta de perspectivas. Por outro lado, o cristianismo teve sempre um olhar de esperança não apenas para os aspectos do passado ou do futuro, mas como uma espécie de *horizonte*, capaz de abranger o ser humano e a sua história.

A fé em Cristo nunca se limitou a olhar só para trás ou só para o alto, mas olhou sempre para frente, para a hora da justiça que o Senhor repetidas vezes prenunciara. Esse olhar para adiante conferiu ao cristianismo sua importância para o presente (SS, 41).

A humanidade no curso da história tem visto o compromisso do Cristianismo com a vida, e não apenas com a vida do ser humano em si mesmo bem como o que está no seu entorno. Evidentemente, a mensagem do Cristianismo para fazer efeito no mundo atual precisa se expandir, alcançar as mais diversas formas de comunidade humana, conhecer seus problemas, propor-lhes soluções realizáveis. Isso é um desafio que se tem pela frente e que precisa ser levado a efeito. Momentos importantes da vida dos cristãos precisam tornar-se mais visíveis ao mundo, como as celebrações dos momentos mais significativos da vida dos que acreditam em Cristo: as celebrações dos mistérios mais importantes da nossa fé.

4.3 A MENSAGEM CRISTÃ COMO HORIZONTE DE SENTIDO

Os problemas vividos pela humanidade no contexto atual são resultados de atividades humanas experimentadas no passado e no presente, e que não tiveram êxito no tocante às respostas de que o ser humano precisava. Muitas expectativas foram criadas nos anos que antecederam as práxis das grandes utopias, e durante a fase que perduraram. Mas o esforço humano no que concerne ao sentido existencial, por certo ficou sem resposta. Na história da civilização ocidental, especialmente a partir da Europa, a sociedade sempre se viu marcada profundamente pelos ideais da mensagem cristã, da qual a esperança foi e deve ser a espinha dorsal. Entretanto, as transformações socioculturais mudaram os cenários onde a mensagem do evangelho tinha mais alcance. É precisamente neste espaço que ela precisa chegar com vigor e eficácia, para conferir sentido à existência humana. Nota-se, por outro lado, que não apenas a mensagem cristã pode ser portadora de mensagem de sentido.

Considera-se, igualmente, que a busca pela mensagem do Evangelho pode ser *embaçada* pelos imediatismos próprios do nosso tempo. O desejo é uma marca profunda da alma humana, e pode-se marcar a profundidade do *ser* pelo desejo de procurar as novidades. Mas é importante que se busque algo mais pleno, que não esteja exclusivamente no âmbito do efêmero, e sim que aponte para a essência da vida. Essa tarefa, embora necessária, é difícil principalmente porque exige compromisso e esforço da parte da dos que creem.

4.3.1 A fé como elemento essencial à vida humana

O desafio que emana do contexto fragmentado deve levar o cristão a viver a sua fé e expressá-la de maneira autêntica, não obstante as dificuldades existentes numa sociedade pluralista e secularizada (FRANÇA MIRANDA, 2006, op.cit., p. 194.). É precisamente neste contexto sociocultural que precisa fazer sentido a mensagem cristã com seus valores fundamentais que sempre, em todo tempo e lugar, devem suscitar esperança. O cristão precisa assumir uma realidade nova, aquela em que, mesmo nas diversidades, não deixa de ousar em crer no Evangelho. É por ela que o cristão se encoraja, com afirma Libânio: “No seguimento de Jesus

Cristo, o homem, no mundo de hoje, pode viver, agir, sofrer, morrer verdadeiramente como homem: em ventura e desgraça, vida e morte, amparado por Deus a serviço dos homens.” (LIBÂNIO, 2008, p. 156.)

Ora, é preciso, pois, procurar esse “sentido objetivo”, no qual está sedimentada a razão maior da existência humana. Essa é uma tarefa constante que precisa ser empreendida a cada dia, e dimensionada pela fé. É isso que faz a diferença entre os que creem e os que não creem. Não podemos pensar o sentido da vida sem o aspecto fundamental da fé, especialmente na fé-experiência, fundamentalmente vivida por muitas comunidades humanas do passado e do presente.

Diante do sofrimento humano, das asperezas por que passam os indivíduos especialmente num período de mudanças e incertezas, é indispensável que a fé esteja na ordem do dia. Com efeito, apegar-se a Deus transcendente, entregar-se a ele é um passo decisivo para que as condições adversas não ponham o homem no abismo da ausência de sentido. Como ser em busca de sentido, o homem quer saídas para seus dilemas, muito embora nem sempre isso seja possível.

Nesse sofrimento revela-se o verdadeiro ser daquilo que é a pessoa humana. É só ela que formula indagações sobre o sentido da vida. Ela, além disso, até pode negar que tal sentido exista. No entanto, essa negação e a subsequente perda de sentido da sua própria vida jogam o ser humano num vácuo existencial sem precedentes. (BLANK, 2008, p.45.)

Com efeito, boa parte da sociedade está neste abismo, empurrada pelos problemas da pós-modernidade, de modo particular pelas diversas ofertas que as técnicas proporcionam. Se no passado, quando se abatiam as crises sobre as sociedades se procuravam saídas na religiosidade, no transcendente, hoje se procura no prazer, e dos mais variados matizes. O prazer está na ordem do dia. Quanto se procura esse prazer fundamentalmente material, mais os indivíduos se perdem na ausência de sentido para sua própria existência. Então, há de se procurar alternativas que deem sentido real, positivo, que seja de fato enriquecedor para o *animus* humano. O ser humano, entretanto, não pode conferir, por si mesmo, valor a sua existência

É pelo mistério de Cristo que a humanidade encontra “sal e luz”. Assim, faz sentido ser de Cristo, viver na perseverança e na esperança dos que acreditam na mensagem que redime o homem das mais duras condições. O cristão não produz

sentido para sua vida, mas o encontra em Cristo, graças ao mistério de sua vida plenamente humana e divina. É mediante a fé que se encontram forças e condições de lutar contra os mais diversos problemas do contexto de mudanças socioculturais que a sociedade experimenta atualmente. Porém, é preciso que se viva com profundidade os valores que a fé dá à humanidade, de maneira que se possa de uma condição negativa transformar em recomeço, atitude nova que transforme as frustrações em perspectivas de vida. “A fé ilumina todas as coisas com uma luz nova, e faz conhecer o desígnio divino acerca da vocação integral do homem e, dessa forma, orienta o espírito para soluções plenamente humanas.” (GS, 11.)

4.3.2 A esperança como fundamento da existência

O termo *esperança* no que diz respeito à teologia tem muitas conotações. No *Dicionário de Teologia: conceitos fundamentais da teologia atual*, depois de apresentar o modo de compreensão no AT, vol. II, define *esperança* como sinônimo de *esperar, perseverar e confiar*. É a esperança do bem, dos que confiam em Deus e na salvação; *é uma ajuda para a situação de cada momento que se vai transformando em uma esperança de ajuda escatológica que porá fim a toda necessidade, e se apresenta como uma virtude cristã autônoma, mas que mostra melhor um aspecto característico da totalidade da vida cristã, que nasce da fé e é concebido ainda como unidade*. Na prática, a esperança cristã se fundamenta na certeza do amor de Deus, evidenciado na salvação que já chegou, mas para nós ainda não completamente. Neste sentido, esperança se caracteriza como confiança em Deus, de modo que não conta com as possibilidades humanas.

No Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia, *esperança cristã é o porvir enquanto meta; é certeza e mistério*. Vê-se que a esperança cristã não se firma na razão, mas na fé e na confiança em Deus. Assim, esperança, fé e confiança estão no horizonte metafísico, para além do plano terreno.

A história da humanidade mostra como a esperança é fundamento de muitas conquistas. Esperança na força empenhada nas transformações; no compromisso conjunto da sociedade em superar os momentos de crises mais profundas; no

dinamismo das transformações e nas descobertas científicas. A esperança deve fundamentar-se na verdade da fé.

O horizonte que se tem em vista não deve obscurecer a esperança, tampouco minuar as perspectivas do ser humano, que deve buscar sempre o apoio na mensagem do evangelho, mantendo viva a esperança e a fé. As dificuldades são reais, e diante das múltiplas formas de materialização do ser humano, a Igreja procura apontar a raiz do problema mais grave, como adianta o Concílio:

Tudo quanto existe sobre a terra deve ser ordenado em função do homem, como seu centro e seu termo: neste ponto existe um acordo quase geral entre crentes e não-crentes. Mas, que é o homem? Ele próprio já formulou, e continua a formular, acerca de si mesmo, inúmeras opiniões, diferentes entre si e até contraditórias. Segundo estas, muitas vezes se exalta até se constituir norma absoluta, outras se abate até ao desespero. Daí as suas dúvidas e angústias. A Igreja sente profundamente estas dificuldades e, instruída pela revelação de Deus, pode dar-lhes uma resposta que defina a verdadeira condição do homem, explique as suas fraquezas, ao mesmo tempo que permita conhecer com exactidão a sua dignidade e vocação. (GS, 12.)

Vê-se, hoje, felizmente, um compromisso mais efetivo dos homens e mulheres na tentativa de encontrar pistas e soluções para que o sentido da existência humana seja resgatado e posto em evidência. Grupos dos mais variados setores, na esfera pública ou particular, eclesial ou laica, procuram caminhos e alternativas de maneira que a vida em abundância seja verdadeiramente proclamada e vivida.

O mundo atual exige dos cristãos uma consciência muito clara do que é crer e esperar na mensagem de Cristo. Em muitos ambientes, o fundamento da esperança se obscureceu dadas as tantas dificuldades de se viverem os valores fundamentais do Cristianismo e do Evangelho. A fé nos faz escutar a revelação divina e a esperança nos impulsiona a respondê-la, com liberdade e com responsabilidade.

A liberdade na busca de sentido não se limita a dizer “sim” ou “não”, mas faz parte do próprio processo de revelação. Em última instância, só existe revelação quando esta for resultado da cumplicidade de duas liberdades: a liberdade de Deus em querer comunicar-se e a liberdade do ser humano em querer acolher, na vida, aquilo que ele não conhece, mas aspira intuitivamente, sustentado pela graça. (BRIGHENTI, 2006, p. 63.)

As descobertas facilitaram a divulgação do materialismo que se oferece com sentido para a vida humana. Um engano, certamente, mas é fato. Então, responder ao chamado divino tornou-se mais custoso ao ser humano pós-moderno. A

revelação é apenas uma oferta a mais em meio a inúmeras outras, daí a dificuldade de o homem abraçá-la com todas as suas forças, como reconhece o Concílio: “A própria civilização actual, não por si mesma, mas pelo facto de estar muito ligada com as realidades terrestres, torna muitas vezes mais difícil o acesso a Deus.” (GS, 19.)

Imerso na cultura e no contexto, o homem tem dificuldade de manter viva a esperança que fortalece seus vínculos com Deus, mesmo no sofrimento. Para o homem de esperança, embora na mais extrema dificuldade seja possível encontrar saídas. O cristão que procura viver sua fé não se conforma com as circunstâncias e procura transformá-las. A esperança dá ao homem uma nova visão de futuro, sem ignorar, naturalmente, os problemas por que passa:

A visão prospectiva da realidade está marcada por atitude otimista, mas não ingênua, pois a consciência crítica a leva a estar sempre com os pés no chão. Está aberta ao dinamismo da história e, portanto, ao novo, sempre discernindo com serenidade e ciência. Visto que crê e busca um futuro melhor, é altamente criativa e transformadora. (BRIGHENTI, 2000, p. 20.)

Com efeito, o homem contemporâneo comprometido com a busca de sentido para o mundo, empenha-se em mostrar a sua fé, que se fundamenta na esperança como uma certeza possível. De fato, para a vida de cada um a esperança cristã é verdadeiramente transformadora porque dá a justa medida para que este compreenda que só em Deus está a plena resposta para as inquietações humanas (GS, 41).

4.3.3 A caridade como possível resposta à crise de sentido

A caridade expressa o amor gratuito de Deus revelado à humanidade na vida e ação de Cristo. Não há maior forma de caridade do que a de Cristo que por amor entrega a sua vida pela salvação humana. Mas isso não está em vista apenas da salvação eterna, deve ser manifestado pelos seguidores dele, que precisam dessa força na sua atividade cotidiana. A caridade, neste sentido, torna-se uma *virtude* que mostra à humanidade as diversas formas de se encontrar sentido na vida – como no serviço aos outros, especialmente àqueles que mais precisam. Então, diante dos

problemas de egoísmos, de hedonismo, a postura cristã deve ser fundamentada na caridade. Por acreditar no amor de Deus, o cristão vive e expressa sua fé que existe *no e com o outro*.

O amor do próximo, radicado no amor de Deus, é um dever antes de mais para cada um dos fiéis, mas é-o também para a comunidade eclesial inteira, e isto a todos os seus níveis: desde a comunidade local passando pela Igreja particular até à Igreja universal na sua globalidade. A Igreja também enquanto comunidade deve praticar o amor. Consequência disto é que o amor tem necessidade também de organização enquanto pressuposto para um serviço comunitário ordenado. (DC, 20.)

A caridade é um *dever* dos cristãos, que a partir de Cristo, iluminada por ele, quer exprimir a forma mais perfeita do amor-caridade. Neste sentido, a Igreja tem muito a oferecer à sociedade: empenho pela justiça, a defesa dos mais necessitados, o esforço pela vida, pelo meio ambiente, sempre naturalmente guiada pela fé. Na caridade cristã se concretiza a lógica da fraternidade pela qual o mundo vê o rosto de Deus.

É pela caridade que os cristãos mostram ao mundo o seu caráter de ser *em* Cristo, e como afirma o Concílio: “a espera de uma nova terra não deve amortecer, mas antes avivar, a preocupação de aperfeiçoar a terra. (GS, 39.) A humanidade deseja que algo novo, diferente do que lhe foi dado particularmente na pós-modernidade – um mundo de egoísmos, de individualismos ao qual o cristianismo sempre combate com as lições da caridade.

O amor na verdade — *caritas in veritate* — é um grande desafio para a Igreja num mundo em crescente e incisiva globalização. O risco do nosso tempo é que, à real interdependência dos homens e dos povos, não corresponda a interação ética das consciências e das inteligências, da qual possa resultar um desenvolvimento verdadeiramente humano. Só através da *caridade, iluminada pela luz da razão e da fé*, é possível alcançar objetivos de desenvolvimento dotados de uma valência mais humana e humanizadora. A partilha dos bens e recursos, da qual deriva o autêntico desenvolvimento, não é assegurada pelo simples progresso técnico e por meras relações de conveniência, mas pelo potencial de amor que vence o mal com o bem (cf. *Rm12, 21*) e abre à reciprocidade das consciências e das liberdades. (CV, 9.)

A caridade vista como aspecto fundamental da vida humana é a expressão mais concreta do amor de Deus que nos é dado em Cristo. Diante do mundo e suas fragmentações, o amor cristão propõe algo transformador, não necessariamente

novo, mas renovado, capaz de ser para o homem e para o mundo sinal de esperança. Por certo, o exercício do amor de Cristo faz eco em todo tempo e lugar, mesmo no seio de uma humanidade dividida e pulverizada pelo pluralismo em marcha. Terá alcance a mensagem da boa-nova da Igreja se o estandarte da caridade estiver adiante.

4.4 OS VALORES HUMANOS CONTIDOS NA MENSAGEM CRISTÃ

Mesmo diante das questões que a humanidade vive, é necessário reconhecer muitos avanços sob o ponto de vista humano e humanitário. Por certo, os valores humanos exercidos pela humanidade, ainda que inconscientes ou não professados, são aspectos da mensagem cristã assimilados pela cultura ocidental, especialmente. De que maneira a humanidade pode viver concretamente esses valores nas ciências, nas políticas, no desenvolvimento, na economia? Na verdade, é preciso mostrar que esses valores trazem em si mesmos aspectos fundamentais que alicerçam a nossa esperança. Então, os problemas sociais de ordem mais amplas que provocam a ausência o vazio social, diminuem. (GIBELLINI, 2005, op. cit., p. 42.)

Naturalmente o Cristianismo enfrenta problemas no universo contemporâneo, e não só é criticado especialmente nas atitudes que a Igreja tomou e toma frente aos problemas mais graves nos quais a humanidade, de modo geral, está envolta. Ora, não se pode negar – a história é testemunha – que o Cristianismo e sua mensagem legaram à humanidade muitos valores, hoje proclamados em muitas nações. Valores como o fortalecimento da comunidade humana, ação política justa e solidária, compromisso e cuidado com o bem comum e, sobretudo, o exercício da caridade, são valores humanos relevantes que estão presentes na mensagem cristã, importantes para a humanidade, independentemente de credo. São valores universais assimilados pela sociedade, mas que nascem da mensagem do Cristianismo.

4.4.1 Dignidade humana

Toda mensagem cristã deve conter, necessariamente, os valores mais fundamentais da existência humana. No mundo onde se radicalizam aspectos com as mais diferentes formas de violência contra a vida, em primeiro lugar a mensagem cristã deve salientar a dignidade humana.

A questão do mal é um problema que atinge a humanidade desde sempre, então depois de problemas graves pelos quais o mundo passou, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, não é possível esquecer o que representaram os principais campos de concentração – isso se faz desafio perene para a mensagem cristã (QUEIRUGA, 2006, p. 17), sem falar nos problemas graves de execuções sumárias que padecem os jovens em muitos ambientes onde o tráfico impera; a isso se acrescentam dois outros grandes problemas humanos: a fome e as mortes programadas (abortos). A mensagem cristã precisa, em primeiro lugar, defender o direito à vida, especialmente nos ambientes onde as mais diversas formas de violência estão tão banalizadas que já nem se tem mais esperança. Porém, é onde mais precisa que a Igreja faça valer a voz em favor da vida.

A cultura de morte, que marca nossa situação, não tem a última palavra. Deus tem um plano para a obra da Criação e para a humanidade, em especial para os mais pobres. Esse plano é seu reino de vida. Fazer sua vontade é engajar-se na continuação da obra de seu Filho, colocando-se a serviço da “vida em plenitude” para a pessoa inteira e para nossos povos. (BRIGHENTI, 2008, p. 16.)

Com efeito, não obstante os problemas pelos quais o mundo passou a inda está passando, a Igreja não pode deixar que os valores do evangelho sejam esquecidos pelas sociedades. Então, para cumprir seu papel precisa imitar seu divino mestre, consciente de que Deus não nos abandona e quer que a vida seja proclamada. A Igreja tem como missão evangelizar os povos para que vejam em Cristo a liberdade de filhos de Deus. Para isso, é necessário que a atitude da Igreja seja a mesma de Jesus, daí o seu caráter missionário, como Cristo é missionário do Pai: “Na generosidade dos missionários se manifesta a generosidade de Deus, na gratuidade dos apóstolos aparece a gratuidade do Evangelho (DA, 31)”.

Toda realidade missionária é desafiadora, principalmente no contexto atual em que as tradições religiosas estão tão afetadas com escândalos de toda ordem. Entretanto, a mensagem de Cristo não se deve confundir com as limitações humanas a que a sociedade deve sempre abominar.

No contexto globalizado, é importante que a Igreja não se afaste do seu caráter missionário, sem desprezar os valores das culturas e sem impor a mensagem de Cristo, de maneira que as promoções humanas, que nas áreas sociais, políticas, econômicas e culturais sejam feitas conforme o próprio evangelho de Cristo.

4.4.2 Os valores do Evangelho e universais

É possível integrar os valores fundamentais do Cristianismo e os valores universais hoje muito propagados nas sociedades modernas, mesmo nos meios mais secularizados. Se a sociedade mantiver os vínculos culturais do Cristianismo, pondo em realce os fundamentos humanísticos, sem dúvida vai construir uma solução para os mais graves problemas humanos, porque:

O Cristianismo tem condições de apresentar o vínculo como realização humana e como resposta a desestruturação doentia de uma personalidade totalmente sem compromisso com nada e com ninguém. (QUERUGA, 2006, p. 134.)

Se por um lado em tão pouco tempo as economias e os mercados se universalizaram, por outro também as culturas tornaram-se mais conhecidas de todos, graças aos avanços dos meios de comunicação. Isso facilitou a globalização de valores humanos como a defesa do meio ambiente e, sobretudo, as tentativas de tornar os povos partícipes das políticas através das democracias. Com mais eficácia, tais prerrogativas ocorrem no ocidente, mas não deixa de ser um avanço, porque tudo que se passa no mundo é conhecido simultaneamente, o que permite a mobilização das opiniões mundiais, que de modo geral defendem a liberdade humana. Por seu lado, como a Igreja não está unida a nenhum governo por sua missão, facilita as suas relações com outras nações, atuando como mediadora:

Porque a energia que a Igreja pode insuflar à sociedade actual consiste nessa fé e caridade efectivamente vividas e não em qualquer domínio externo, atuado com meios puramente humanos. Além disso, dado que a Igreja não está ligada, por força da sua missão e natureza, a nenhuma forma particular de cultura ou sistema político, económico ou social, pode, graças a esta sua universalidade, constituir um laço muito estreito entre as diversas comunidades e nações, contanto que nela confiem e lhe reconheçam a verdadeira liberdade para cumprir esta sua missão. Por esta razão, a Igreja recomenda a todos os seus filhos, e também a todos os homens, que superem com este espírito de família próprio dos filhos de Deus, todos os conflitos entre nações e raças, e consolidem internamente as legítimas associações humanas. (GS, 42.)

A mensagem cristã da que a Igreja é portadora pode priorizar, acima de tudo, os valores fundamentais da vida, como ensina Cristo. Dessa forma, sem *ferir* as culturas e sem *impor* o evangelho em que acredita mostra a essência da verdade primeira, que é a humanidade tida, primordialmente, como valor mais elevado e que precisa sempre e constantemente ser defendido. Atualmente tornou-se mais fácil e rápido levar as palavras de conforto da mensagem cristã graças aos meios de que dispomos no contexto contemporâneo.

Outro elemento importante que se salienta neste ponto, é a preocupação que a humanidade desenvolveu recentemente acerca da defesa da Terra. Com efeito, nisso também está a mensagem cristã. A própria comunidade científica se apressa para informar o mundo dos graves problemas que corremos, e um dos problemas, a poluição, é causado pelo próprio homem. Então, as comunidades se organizam em formas de associações para defenderem o universo, o que faz com que o homem tome consciência dos riscos que causa ao planeta.

4.4.3 Utopia do Reino de Deus no contexto contemporâneo

Os mistérios de Cristo, sua encarnação, missão, paixão, morte e ressurreição mostram que o Reino de Deus já está na história humana, de modo que concretamente ele se cumpre aqui. Naturalmente não se nos parece tão claro, sobretudo quando olhamos a história e percebemos que, mesmo depois da vinda de Cristo, as *diferenças* e *indiferenças* continuam. Isso, contudo, não pode apagar o ânimo do Cristianismo que precisa continuar sendo o *agente* principal para tornar

possível a realização do reinado de Cristo. Esta utopia tende a ser uma resposta justa, segura e firme para a questão da crise de sentido.

O reino de Deus já chegou, está presente no mundo e na história! Ora, para a Igreja a mensagem de Cristo deve ser sempre esta: a esperança alimenta a perseverança dos que acreditam. Mas há os que não acreditam, que não devem ser “julgados por fora”, eles estão no mundo e fazem parte da história. A utopia do Evangelho não se confunde com as ideologias que se alimentavam no materialismo e levou a pós-modernidade ao vazio em muitos aspectos.

Se não houver perspectivas de esperança, a mensagem de Cristo se esvazia, e se o esforço do Evangelho não estiver em vista da libertação, também não constrói e não é útil à humanidade. A mensagem deve trazer e mostrar a presença fundamental da experiência do homem *em* e *para* Deus. Com isso, sem dúvida, as perspectivas de sentido da vida avançam e ultrapassam os limites da desesperança e da apatia que se tem visto atualmente. É neste aspecto que a Igreja precisa ser *mãe* e *mestra*, pondo o homem no centro de suas preocupações:

Uma correta conjugação entre razão e coração é a medida para toda instituição, sobretudo para a Igreja, que tem a missão de prolongar a missão do próprio Jesus na história. Não há razão para ter medo das razões do coração, quando se busca ser extensão do coração de Jesus. (BRIGHENTI, 2001, p. 37.)

A utopia da mensagem cristã é a libertação. Libertação de tudo quanto possa causar ao homem prejuízo em detrimento de sua plenitude humana. De fato, é na vivência da fé que se alcança a plenitude do humano, e pela experiência do encontro *com* Deus o homem se completa, sem o limite posto pelo puramente físico. Entretanto, o mundo atual pede uma vivência de fé consciente, de maneira que vincule o homem e suas atitudes com a esperança que se abre sempre para o futuro, quando a promessa de Deus se realiza. É fundamentada nesta esperança que tem sentido a utopia cristã. “A esperança cristã ultrapassa qualquer esperança humana que sempre pode nos decepcionar, já que ela está fundamentada em Deus” (FRANÇA MIRANDA, 2006, p. 198).

A utopia de crer, de imaginar que a humanidade pode se inspirar em Cristo e fundamentar-se nele é uma realidade vivida na experiência dos cristãos. Por ela, eles saem da condição em que estão e encontram força, condições e apoio para buscar algo mais profundo. Esta utopia é fascinante, mas implica em compromissos,

com os quais nem sempre o ser humano procura se identificar. (ZILLES, 1993, p. 129). Na história recente do Cristianismo na América Latina, as CEBs desempenharam um papel importante, em duas dimensões: pela inspiração na Palavra de Deus lida e refletida, tornaram-se luz nos ambientes pobres e esquecidos da sociedade, do meio rural ao urbano; por outro lado, criam organizações que fortalecerão os movimentos sociais empenhados na defesa dos direitos humanos e no combate às opressões. Essa forma de “anunciar” o Reino de Deus, precisa ser retomada, fortalecida e fomentada nos meios socioculturais para fortalecer o compromisso dos cristãos.

4.5 RESPOSTAS POSSÍVEIS DO CRISTIANISMO ÀS NOVAS QUESTÕES

O caminho para possíveis respostas do Cristianismo às questões fundamentais da vida humana, no contexto atual, foi *mapeado* em muitas ocasiões pela Igreja, como se nota especialmente nos documentos do Concílio Vaticano II e nos das Conferências do Episcopado latino-americano. Em Santo Domingo, viu-se a ideia da Nova Evangelização como aspecto importante para fazer conhecida a mensagem de Cristo, mas se viu também a necessidade de a própria Igreja (e o Cristianismo) se evangelizar.

4.5.1 No pluralismo sociocultural o exemplo de Cristo

A mensagem cristã se fundamenta no próprio Cristo, que viveu numa sociedade cheia de contradições, diferenças, interesses particulares, interesses políticos e religiosos. Mesmo assim, sua posição atraiu a muitos para a mesma missão que ele havia começado. Esta missão ainda não terminou e o Cristianismo precisa dizer ao mundo qual é o projeto do seu mestre. O novo mandamento do amor dentro da diversidade cultural é marca distintiva da mensagem do Cristianismo. Então, diante das novas realidades, enfrenta as necessidades do mundo

contemporâneo: “Novas pobreza, desequilíbrio ecológico, problemas da paz, violação dos direitos humanos fundamentais no respeito à vida, o desafio das potencialidades tecnocientíficas.” (LIBÂNIO, 2008, p. 145.)

As possíveis respostas que a mensagem de Cristo, através da Igreja, pode dar, hoje, devem partir deste ponto: o testemunho da unidade. Se vivendo a unidade no grupo social devido a uma série de fatores, a vida não é tão fácil, pior será na fragmentação do indivíduo e do grupo. Assim, é necessário que a unidade (fraternidade) entre os homens seja via e perspectiva de resposta (eficiente) à crise atual:

Toda evangelização parte do mandato de Cristo a seus apóstolos e sucessores, desenvolve-se na comunidade dos batizados, no seio de comunidades vivas que compartilham a sua fé e se orienta ao fortalecimento da vida de adoção filial em Cristo, que se expressa principalmente no amor fraterno. Depois de nos perguntarmos o que é a Nova Evangelização, podemos compreender melhor que ela tem seu ponto de partida na Igreja, na força do Espírito, em contínuo acesso de conversão, que busca testemunhar a unidade dentro da diversidade de ministérios e carismas e que vive intensamente seu compromisso missionário. Só uma Igreja evangelizada é capaz de evangelizar. As trágicas situações de injustiça e sofrimento de nossa América, que se tornaram mais agudas depois de Puebla, pedem respostas que só uma Igreja sinal de reconciliação e portadora de vida e de esperança que brotam do Evangelho poderá dar. (SD, 23.)

É na práxis de cada dia que o Cristianismo, mediante os cristãos, de qualquer estrado social pode, certamente, oferecer respostas aos dramas vividos pela humanidade no contexto atual. Os cristãos, por sua própria índole de fé, são evangelizadores. Em primeiro lugar, precisam se fortalecer com os valores de uma espiritualidade profunda, que lhes recorde constantemente o *ser de Cristo*. Fundamentados na esperança e na graça, mostram, através de suas experiências de fé as razões por que vale a pena crê.

Contudo, é um desafio no mundo contemporâneo ser *missionário* da mensagem de Cristo, porque se convive com as diversas formas de cultura, no mesmo tempo e lugar, então a inculturação torna-se ainda mais difícil, embora necessária.

A Igreja é também objeto de inculturação, no sentido de sujeito de sua auto-inculturação. Consequentemente no interior do cristianismo, poder haver diferentes matrizes culturais, o que desqualifica toda pretensão de um cristianismo monocultural ou de uma teologia universalizante. (BRIGHENTI, 2001, p. 13.)

Na aproximação com as mais diversas formas de cultura, mesmo em meio ao secularismo e as indiferenças à religião, a mensagem de Cristo está no horizonte da humanidade, porque está encarnada, de algum modo, na sociedade do passado e do presente.

4.5.2 Comunhão humana

As religiões, no que diz respeito à comunhão humana, deveriam concorrer com um papel fundamental. Entretanto, sabe-se que, em muitos períodos da história, foram causas de desentendimentos, confrontos, práticas de injustiças. É certo que as tradições religiosas procuram levar os seres humanos ao diálogo interior, e isso os leva a reflexões mais profundas, sobretudo no que tange à compreensão de que todos fazem parte de uma comunidade humana e não de uma *seita*. Assim, a sociedade é chamada à comunhão de maneira que uns possam ver os outros não como *excomungados*, mas como filhos do mesmo Criador. Pela vida e a prática de Cristo, os cristãos deveriam conhecer bem esse caminho.

A solidariedade cristã é a solicitude dos discípulos de Jesus, que sem temer, imersos no mundo de incertezas e dúvidas, não se desapegam da força do próprio Jesus que caminha com os seus. Na comunhão, os homens se reconhecem como filhos do mesmo Deus. Mas como falar de Deus quando se vive em crises, inclusive crise de fé? A resposta talvez esteja no modo de ser dos cristãos – viver a experiência religiosa a partir da realidade que se tem, sendo testemunha da esperança em que se acredita. Os discursos hoje são ineficientes, é preciso muito mais que isso: *ser*, não *dizer*; é preciso anunciar com o próprio testemunho de fé, porque a sociedade não comporta sentenças vazias de sentido para a existência humana.

A crise de fé é, sem dúvida, a mais profunda do cristianismo em nossos dias. O advento de uma sociedade pluralista, agitada por aceleradas mudanças socioculturais, constitui um fator inesperado e problemático, ao menos para um cristianismo acostumado ao aconchego da cristandade. Desse modo, a transmissão da fé, tão óbvia em tempos passados nos

países marcados pela fé cristã, se tornou um problema sério para a Igreja. (FRANÇA MIRANDA, 2006, p. 201.)

Atualmente a busca desenfreada por realizações pessoais tornou-se um imperativo, e no individualismo imediatista a fé tem pouco espaço, ainda mais quando deve ser vivida e fortalecida na comunidade. Ora, a fé cristã como experiência de fé em Cristo parte de dentro de cada um, mas não para si mesmo, senão para o bem de todos. Por isso, em primeiro lugar, é preciso que a comunhão do homem com Deus e com os outros seja efetivamente decisivo, porque se constitui numa das respostas mais significativas que a Igreja precisa mostrar ao mundo.

A comunidade eclesial é uma comunidade de fé, de opção pessoal, de compromisso com a existência de Cristo. Essa fé leva ao testemunho (*martyria*) nas palavras e na vida, se concretiza no serviço ao próximo (*diakonia*) e se expressa e realiza no culto (*liturgia*). Essa realidade não pode ficar escondida pela estruturação jurídica, pela burocratização, pelas tradições humanas, pelos pronunciamentos e medidas que mais visam à própria instituição do que à salvação do Povo de Deus. (FRANÇA MIRANDA, 2006, p. 204.)

A comunhão manifestada ao mundo é a expressão de fé-experiência, que se apresenta ao mundo em forma de valor fundamental do Cristianismo e que faz diferença ante às opções que as técnicas têm constantemente trazido à sociedade. Logo, a tarefa pastoral da Igreja é também *ser* luz e sentido no vazio obscurecido da falta de sentido muito comum ao homem do contexto presente.

A humanidade precisa encontrar um novo sentido para a vida, e isso passa obrigatoriamente pela experiência dos indivíduos em cada cultura, o que exige da comunidade humana como um todo, mais disposição para compreender e agregar as individualidades. Facilmente são aceitas as ideias que se assemelham entre si, mas as no confronto com o diferente nem sempre é pacífica de aceitação (LIBÂNIO, 2008, p.118).

Toda forma de esforço humano deve ser feita para unir a humanidade no sentido de combater as injustiças e promover o bem comum, a vida em abundância a que todos têm direito. A humanidade precisa ser notada como uma comunidade que sofre, independentemente do lugar onde esteja.

Por isso, prestamos atenção aos sinais do mundo de nossa vida, aos traços de um durável sentimento, de uma impávida disponibilidade de modo a não evitar a dor dos outros, vivemos e celebramos o amor exclusivamente como

autorrealização narcisística nas alianças e nos projetos de base da compaixão, que se subtraem e se opõem à atual corrente da cultivada indiferença e de consagrada apatia. (GIBELLINI, 2005, p. 364.)

Essa é a comunidade humana que tem marcas do amor de Deus expresso na mensagem de Cristo, na sua vida e no seu testemunho. Infelizmente nem sempre se entende assim. Há, em muitos âmbitos, perspectivas diferentes, aquelas que se creem únicas, *superior*, com as qualidades e os requisitos exclusivos que devem levar a sociedade à *redenção*. A mensagem de Jesus e sua entrega na cruz dão a dimensão do valor da fé que deve unir os seres humanos entorno dos ideais mais importantes que elevam a vida. Para isso valem o sacrifício de todos, com os quais é necessário procurar constantemente o diálogo.

4.5.3 Diálogos com o diferente

Dialogar com o diferente é reconhecer suas riquezas e potencialidades, e isso não *põe em risco* a identidade do outro. Dialogar é acolher a diversidade, é renovar-se, engrandecer-se. Resistir à *novidade*, como se observou no passado e em alguma medida ainda se nota, é esclerose, *medida* nociva ao cristianismo e à fé. Talvez tenha sido esse um dos aspectos que levou parte do cristianismo ao *indiferentismo*.

O Cristianismo, desde as comunidades primitivas, soube se abrir ao diferente e se lançar em outras culturas. Por isso, traz dentro dele mesmo essa condição *intrínseca* de dialogar com as diferenças, e sem perder suas *referências* fundamentais *vive* e *convive* na comunidade humana, afirmando ser o universal em Cristo, rompendo com as barreiras culturais do seu tempo (QUEIRUGA, 2003, p. 146).

No encontro com o outro, o Cristianismo se enriquece e se fortalece também, sem a pretensão de ser a única verdade, como foi no passado:

Imersa num mundo cada vez mais pluralista, cabe à Igreja aprender a conviver e a agir em colaboração com o diferente, que não é necessariamente um inimigo ou um herege, tal como para a Igreja da Cristandade. É instância para o exercício da caridade, fonte de enriquecimento e caminho para o grande outro. (BRIGHENTI, 2004, p. 125.)

O diálogo do Cristianismo com as outras formas de representação cultural-humana é, por si mesmo um valor necessário, porque leva em conta não apenas os aspectos que as outras religiões têm, bem como as ciências e as técnicas. Neste sentido, é importante considerar que as religiões, sobretudo, procuram pelo diálogo servir melhor as grandes causas humanas que estão em discussão: tem-se, portanto compromissos comuns, e entre eles o “destino histórico do ser humano” (GIBELLINI, 2005, p. 320).

Os meios de comunicação facilitam a divulgação de novas formas de *profissão* ou *crença* religiosa, que interessam a muitos que preferem o diferente, e procuram-no, em alguns casos, de maneira apaixonada. Por um lado, isso pode ser um sinal de chamado de atenção: o Cristianismo precisa dialogar consigo mesmo e empreender diálogos com outras formas de práticas religiosas. Quer isso dizer que como horizonte de sentido, o Cristianismo não pode prescindir do universal: “O Cristianismo traz dentro de si essa dupla dimensão: situar-se no regional e propor mensagem universal” (LIBÂNIO, 2008, p. 146).

O diálogo com as religiões impele o Cristianismo a refletir sobre si mesmo e seu papel na comunidade humana. Por outro lado, para que esse processo produza efeitos positivos, não se impõem condições ou “emitir juízos sobre as verdades salvíficas professadas pelos fiéis, às quais só têm acesso os que creem” (FRANÇA MIRANDA, 2006, p. 282)

As instituições religiosas guardam esses aspectos positivos que procuram ver o ser humano como uma criatura privilegiada no universo, e isso precisa ser salientado no diálogo do Cristianismo com as outras religiões. São aspectos que dão sentido à existência humana:

As reservas de sentido objetivadas e processadas pela sociedade são “conservadas” em reservatórios históricos de sentido e “administradas” por instituições. O agir do indivíduo é moldado pelo sentido objetivo, colocado à disposição pelos acervos sociais do conhecimento e comunicado por instituições através da pressão que exercem para seu acatamento. (BERGER & LUCMANN, 2004, p. 2004.)

Ser horizonte de sentido é papel singular das religiões, e no Cristianismo isso se faz mais visível, especialmente para as comunidades humanas em que o sentido da existência se distancia. Isso, contudo, não dispensa a abertura tão necessária às outras formas de profissão de fé.

5 A CONTRIBUIÇÃO DA IGREJA NA RECONSTRUÇÃO DA ESPERANÇA

A esperança move o ser humano na perseverança que busca razões de sentido. Uma sociedade sem esperança vive sem perspectiva, não encontra, por isso, motivos e coragem para lutar e transformar as condições sociais e se conforma com entorno. No contexto em que, em grande medida, a esperança se encerra no plano físico, material, puramente humano, a exclusão que o sistema produz deixa cada vez mais as marcas da frustração e da desesperança. Neste capítulo, procura-se mostrar como a ação evangelizadora da Igreja pode ser relevante na reconstrução da esperança.

Neste capítulo, pretende-se apresentar o testemunho-serviço da Igreja que pode ser resposta às questões de sentido. Na prática do amor cristão se evidencia, como se observa ao longo da história, a caridade como um dos esteios do testemunho eclesial. Analisa-se esse testemunho a partir da consideração de que a Igreja é uma comunidade que está no mundo, por isso vive e sente o mesmo problema sociocultural, entretanto, nota-se que, por ser universal, pode entender melhor as questões humanas de maneira mais ampla.

Procura-se, igualmente, mostrar que a Igreja só pode ser testemunho no mundo quando é *serviço* ao outro. É assim que ela emerge como força importante para a comunidade humana. Mas é um grande desafio porque a Igreja, ao testemunhar a vida, ao estar a serviço da vida, defendendo-a em todos os aspectos, possivelmente encontrará resistência de muitos setores. Porém, *estar a serviço* do ser humano implica o compromisso maior da Igreja.

Estar a serviço da comunidade humana, mostrar-lhe o valor da mensagem de esperança, empenhar-se para tornar todas essas coisas *experiência* é o modo mais eloquente de a Igreja ser testemunha dos valores mais elevados da vida. Ao ser sal e luz, a Igreja pode fomentar na cultura contemporânea a busca constante pelo sentido da vida, levando a humanidade a compreender que a existência não se encerra no aqui e agora simplesmente, mas nos valores mais importantes da vida, como o empenho pela justiça, a paz, a liberdade e a comunhão. Pode-se, desse modo, encontrar a razão da vida e construir perspectivas de futuro para o mundo.

A seguir, a ação evangelizadora como esteio na construção da esperança, de modo que novos horizontes sejam possíveis. Para isso, recorre-se necessariamente ao próprio Evangelho, uma vez que somente pela perspectivas nele apresentada, o ser humano tem uma *utopia* possível. Na ação evangelizadora da Igreja, é importante que se destaque o desafio de abrir-se ao novo, de reprojeter-se para o futuro, sem que se deixe para trás os valores fundamentais do evangelho. A meta da ação evangelizadora é o Reino de Deus inaugurado por Jesus Cristo, que com sua vida e ação mostra a possível saída para o ser humano encontrar sentido à sua existência. É no contexto da fé-prática que a Igreja precisa propor algo novo, diferente do que é *ser* no mundo e *estar* no mundo.

No item seguinte, propõem-se as possíveis ações pastorais da Igreja que podem ser relevantes para a sociedade humana no contexto atual, e analisa-se esse aspecto a partir de alguns pontos centrais, como: a) adaptação de nova linguagem capaz de *comunicar* de maneira adequada a mensagem do evangelho atualmente; b) a formação da comunidade eclesial, isto é, a ação evangelizadora precisa formar lideranças dentro das comunidades, que sejam significativas, no que concerne à prática e à vivência da fé cristã; b) o serviço aos outros como realização do amor fraterno, que é ponto central no compromisso da comunidade eclesial. Neste caso, é importante que a comunhão esteja *na* Igreja *para* o mundo. São aspectos apresentados neste item como possíveis ações pastorais importantes para a Igreja.

Em seguida, no quarto item, procura-se mostrar a importância da esperança como elemento fundamental na vida humana. Então se destaca o evangelho como perspectiva de esperança. Cristo realiza a nossa esperança, sem ela o ser humano perde suas forças transformadoras, e por isso mesmo, a possível perda de sentido.

5.1 O TESTEMUNHO-SERVIÇO DA IGREJA COMO RESPOSTA ÀS QUESTÕES DE SENTIDO NA SOCIEDADE ATUAL

A prática do amor cristão se evidencia principalmente na caridade. Ao olharmos a história humana, ao longo dos dois milênios de Cristianismo, vemos com frequência personagens e movimentos que precisavam dar sentido a sua existência,

e o fizeram quando, no seio mesmo da Igreja se tornaram testemunho da mensagem de Jesus pelo serviço ao outro. É diante do mundo fragmentado, individualista, consumista, indiferente ao Cristianismo ou ao próprio Cristo, que o testemunho deve se fazer sentir. Este precisa ser da Igreja como um todo, como instituição, Povo de Deus, suas estruturas e suas ações.

Na América Latina, especialmente no Brasil, as Comunidades Eclesiais de Base, há mais de 40 anos, têm sido um marco referencial de profetismo. Por elas, injustiças e opressões foram denunciadas, condições humanas iluminadas, testemunhos significativos manifestados. Na prática, “um novo jeito de ser Igreja” que ousou, em épocas difíceis “ser sal e luz”. Abriu-se ao diálogo, procurou inculturar-se nas mais difíceis realidades humanas e articulou a sociedade para um empenho libertador. A retomada com mais força de atitudes evangelizadoras como essas talvez faça muita falta hoje. Reconhece-se, por outro lado, que também essas comunidades passam por uma crise até de esvaziamento, daí a necessidade de elas se “ressituarem dentro da Igreja e da sociedade, repensando sua identidade e missão”. (PLOEG, 1997, p. 159.)

5.1.1 Igreja e sociedade – uma mesma humanidade

A Igreja como comunidade humana não se situa fora do mundo e das realidades do mundo, se insere num contexto sociocultural. E justamente por estar no mundo vive e sente os mesmo problemas comuns a toda humanidade. Entretanto, dada a sua experiência histórica, sua forma e seu apreço pela humanidade, a Igreja pode contribuir para o bem de todos, mesmo dos que não são cristãos. Por estar presente em toda parte, ela compreende melhor as realidades e as culturas, e por isso conhece melhor os desafios de cada sociedade e da humanidade como um todo. De fato, não se negou nem deve se negar em fazer o que de mais importante pode ser feito em favor da humanidade, embora reconheça sua limitação. Por isso, tem partido dela muitas iniciativas que prezam por valores humanos indispensáveis:

Felizmente sempre podemos assinalar iniciativas concretas, eventos mobilizadores, organizações militantes, pensadores críticos, que denunciam e combatem o atual sistema, que despertam esperança e promovem mudanças, embora pequenas e de longo prazo. (FRANÇA MIRANDA, 2006, p. 316.)

A Igreja, especialmente depois do Concílio Vaticano II, tem manifestado repetidas vezes seu interesse pela condição humana. É o que se constata nos ensinamentos sociais tanto de Paulo VI quanto de João Paulo II, prova do dinamismo empreendido em favor da comunidade humana, especialmente dos mais pobres. Este esforço certamente tem aproximado a Igreja de toda a comunidade humana, mesmo àquelas onde o Cristianismo e a Igreja têm menor alcance. Por isso, se dirige à comunidade humana:

Tem, portanto, diante dos olhos o mundo dos homens, ou seja a inteira família humana, com todas as realidades no meio das quais vive; esse mundo que é teatro da história da humanidade, marcado pelo seu engenho, pelas suas derrotas e vitórias; mundo, que os cristãos acreditam ser criado e conservado pelo amor do Criador; caído, sem dúvida, sob a escravidão do pecado, mas libertado pela cruz e ressurreição de Cristo, vencedor do poder do maligno; mundo, finalmente, destinado, segundo o desígnio de Deus, a ser transformado e alcançar a própria realização. (GS, 2.)

À humanidade, *o mundo dos seres humanos*, é a quem a Igreja se dirige, e com razão quer mostrar onde está a esperança de nossa existência e deseja que todos participem desta mesma esperança que há muitos séculos fortaleceu o povo no seu caminho e na sua história. Com efeito, se a Igreja, mensageira do amor e da boa-nova de Cristo não fizer este *anúncio*, não estará a cumprir seu papel singular na sociedade. É a comunidade dos que creem que precisa ser sinal de esperança no mundo em que a comunhão e a unidade estão cada vez mais distantes. Sem esperança, o mundo não avança na promoção da vida.

A esperança é ativa e se torna motor para o agir dentro deste mundo. Motor para um agir capaz de mudar tal mundo. Para um agir por meio do qual as promessas de um futuro Reino de Deus começam a se realizar nesta sociedade e nesta história. O mundo não é alheio ao Reino. O cosmo não é realidade desligada ou oposta às promessas do Reino. (BLANK, 2008, p. 118.)

De fato, se a Igreja não for sinal de esperança para o mundo, por certo não cumpre o compromisso de anunciadora do evangelho, então falharia no tocante ao papel que lhe cabe na história. Assim, é importante que a Igreja tenha como *dever de seu ofício* manifestar e promover diante da sociedade tudo que diz respeito à

vida, defendendo-a de toda e qualquer condições que lhe sejam nocivas sob quaisquer aspectos. Compromisso de Cristo na sua entrega por amor, compromisso também de sua Igreja, ainda que isso lhe seja grande desafio.

5.1.2 Igreja-serviço

As comunidades eclesiais, em muitos aspectos, mostraram o modo de ser *Igreja-serviço*. No interior, sobretudo, e nas periferias, onde as injustiças e toda forma de opressão estavam presentes, a Igreja, através dessas comunidades, passou a ser sinal de esperança. De fato, homens e mulheres se encorajaram nas comunidades para enfrentar as *desumanidades* que cresciam e se multiplicavam. Sem dúvida, as CEBs são um modelo de Igreja que se põe a serviço da evangelização, que soube no passado e sabe no presente, pela mensagem do Evangelho transformar a realidade humana, mostrando algum sinal de esperança.

Contra toda forma de cultura que não privilegia o ser humano em primeiro lugar, o testemunho-serviço da Igreja precisa emergir como força motriz que seja verdadeiramente exemplo e modelo para a humanidade tão carente de valores humanos:

A cultura da morte, que marca nossa situação, não tem a última palavra. Deus tem um plano para a obra da criação, e para a humanidade, em especial para os mais pobres. Esse plano é seu reino de vida. Fazer sua vontade é engajar-se na continuação da obra de seu filho, colocando-se a serviço da “vida em plenitude” para a pessoa inteira e para os povos. (BRIGHENTI, 2008, p. 16).

É um desafio para o povo de Deus, a Igreja, ser testemunha da verdade do evangelho quando muitas forças socioculturais estão contra ela. Mas o compromisso de propor possíveis respostas só será possível neste contexto como exercício do testemunho de fé e de caridade, que nos faz olhar o outro, o diferente na perspectiva de Cristo: “eu vejo com os olhos de Cristo e posso dar ao outro muito mais do que as coisas externamente necessárias: posso dar-lhe o olhar de amor de que ele precisa” (DC, 18). No amor ao próximo se expressa o maior testemunho da vida cristã.

O anúncio do reino de Deus não faz sentido se não unir estes dois aspectos: o testemunho e o serviço. Ser mensageiro do evangelho é estar a serviço da comunhão que faz a Igreja uma comunidade verdadeiramente católica, universal. O modelo de serviço é o mesmo Jesus Cristo que, obediente ao Pai, cumpre seus desígnios, não para si mesmo, mas em favor da humanidade. Então, a Igreja precisa entender-se como servidora de Cristo no mundo em vista da comunidade humana:

O “serviço” é constitutivo do “ser” eclesial, de sua essência como instituição, mediadora da salvação de Deus em Jesus Cristo. Por isso a Igreja é “corpo de serviço de Deus no mundo”. Se a Igreja não for servidora, não serve para nada, pois ela existe para prolongar o significado último da Eucaristia, que é o lava-pés. (BRIGHENTI, 2006, p. 131.)

O serviço é, sem dúvida, “um sacramento vivo e encarnado” do amor de Deus, especialmente quando os destinatários são os mais pobres e abandonados, aqueles que mais precisam de libertação. É assim que a Igreja se torna sinal da graça libertadora para os pobres e oprimidos. Em tempos de mudanças, quando tudo se perde em vista do tempo, o serviço ao outro é testemunha da mais relevante caridade cristã. O amor de Deus chega à humanidade por via da comunidade que crê em Cristo, e o tem como fonte de esperança e realização plena, não apenas para o mundo futuro, mas também para o mundo de agora.

Cristo emerge como Sacramento fontal de Deus e sua comunidade como o sacramento radical de Cristo. A Igreja deve ser no mundo sinal da graça universal e do incomensurável amor de Deus. Deve ser o sacramento da inaudita Esperança concretizada na Ressurreição e da alegria de viver no mundo do Pai, confraternizando com todas as criaturas, como irmãos e irmãs em casa. (BOFF, 1985, p. 148.)

Como servidora de Cristo no mundo, a Igreja leva não a si mesma, mas a mensagem de Cristo, centro e realização do anúncio, em cujo centro está o Reino de Deus. O momento é de mudança e nela se processa uma série de realidades, porém em nada deve obscurecer a função essencial da Igreja servidora de Deus, em Cristo, na pessoa dos que mais precisam de libertação. Evangelizar é levar a boa-nova a toda humanidade de modo que esta seja transformada pela ação da mensagem de Cristo (EN, 18). É pelo anúncio transformador que a Igreja chega ao cumprimento do seu papel como anunciadora de Cristo.

Portanto, o serviço da evangelização não tem outro fim que não a conversão da humanidade, mas é claro que para isso acontecer é preciso, em

primeiro lugar, que a conversão se dê no âmbito individual, depois no interior da Igreja e, posteriormente, à sociedade. Se a evangelização não se realizar por via da conversão, não fará efeito no meio social, isto é, não transforma a história, não será, por isso mesmo, testemunha da verdade de Cristo.

5.1.3 O serviço como realização do amor fraterno

Na Igreja primitiva, o serviço ao outro como realização do amor fraterno desvendou sua originalidade própria no dia em que começou a exercer-se com toda a lucidez em relação aos pagãos. Nesse dia, nasceu a missão, expressão suprema da *diaconia* na Igreja. Sem dúvida, é no serviço aos demais que a Igreja mostra ser uma realidade diferente no contexto atual. Trata-se da lógica da fraternidade que: “Por se dirigir aos pequenos, pobres e marginalizados, tampouco pode imaginar que só é humana a eficácia se deixar-se reger pela universalidade, e essa só se fará verdade efetiva se estiver vivificada pela fraternidade.” (QUEIRUGA, 2006, p. 56.)

O serviço ao outro não é mais um assunto interior à comunidade cristã, nem deve ser: quando é apenas isso, corre sempre o risco de degradar-se. Os primeiros cristãos eram todos judeus convertidos, mas compreenderam a originalidade do Cristianismo a partir do momento em que o serviço ao outro foi exercido em relação às nações, e o serviço mútuo que se prestaram – eis aí a raiz mesma da missão. O que se passou em Antioquia fornece o testemunho mais eloquente disso. Mas para que a missão permaneça autêntica, não é preciso que ela deixe de ser a expressão por excelência da *diaconia* na Igreja. (DONALD e CARROL, 1987, p. 194).

A partir do século IV, a instituição eclesial perde pouco a pouco sua estrutura diaconal, por motivos que a história explica facilmente. Com a conversão oficial do Império Romano ao cristianismo, a Igreja pouco a pouco se vê repleta de pessoas que, na sua maioria, não têm idéia das responsabilidades conferidas pelo batismo. De modo bastante natural, a instituição religiosa substitui a comunhão eclesial. Por outro lado, a profunda decadência das instituições civis leva a Igreja latina a assumir a tutela do mundo ocidental e a organizar, pra isso, um grande número de instituições cristãs.

Nessas condições, tornava-se impossível que a imagem do escravo que serve à mesa ainda pudesse regular a organização das relações entre os membros do povo de Deus, pelo menos, no plano das instituições. Mas durante todo esse período, a missão correu o risco de degradar-se em propaganda e em proselitismo. Não por causa das pessoas que não deixaram de dar testemunho da caridade de Cristo, mas por causa da Instituição que se pôs a organizar a missão como se organiza uma estratégia.

Presentemente, está a processar-se uma reviravolta de importância capital. Não se trata mais, para a Igreja, de exercer sobre o destino da humanidade a tutela de outrora. A Igreja deve, ao contrário, retomar seu serviço próprio, que é o de ser serva do mundo: ser o fermento na massa, evitando cuidadosamente ser um instrumento de poder; aceitar ser vulnerável, amando resolutamente todos os homens sob o sinal daquele que serve à mesa. Como o fez na América Latina ao buscar novos caminhos e novos métodos de autêntica *diaconia libertadora*, que de algum modo serviu à Igreja Universal:

Essas práticas, ainda que “abraâmicas”, deram origem à teologia da libertação – pela primeira vez na história da Igreja no continente, a elaboração de um discurso próprio da fé, pontualizado em Puebla e pelas duas instruções da Sé Apostólica, mas que deu uma contribuição irreversível à tradição teológica da Igreja Universal. Questões tais como a normatividade evangélica da opção preferencial pelos pobres, pecado social ou estrutural, a dimensão libertadora da fé, a fé em Jesus Cristo como adesão ao Sacramento das pequenas comunidades, a necessidade e possibilidade de relação entre opção evangélica e mediação ideológica etc. não são exclusivas para a América Latina. (BRIGHENTI, 2004, p. 130.)

Ser uma comunidade de fé significa professar o amor fraterno, isto é, ser testemunho da verdade, da justiça e do bem que tenha a comunidade humana como destino. Entretanto, essa tarefa tem se tornado cada vez mais desafiadora porque as ofertas apresentadas pelo mundo são mais *atraentes*, ainda que sejam superficiais, por se tratarem de materialismos. Comprometer-se com a existência em Cristo, então, é ser mesmo diferente, e nas adversidades mostrar vias que deem acesso ao sentido real, não puramente temporal.

A forma mais adequada de a Igreja mostrar ao mundo a sua maneira de ser e agir está precisamente no serviço ao outro, especialmente ao outro que está de alguma forma necessitado de libertar-se. Então, o amor cristão aí se faz o próprio Cristo que proclama a abundância da vida, no seu mais profundo sentido – existir

para uma meta, um serviço gratuitamente oferecido por amor a ele. Em vista disso, devem estar as práticas eclesiais que façam o cristão tomar consciência da realidade de seu batismo, tomar a defesa dos que vivem à margem da sociedade, da cultura e da própria Igreja.

5.1.4 Igreja-testemunho

O mundo em mudança procura referências firmes que assegurem ao ser humano uma base de esperança. Na história do Cristianismo se pode constatar que a eficácia da mensagem de Jesus anunciada pela Igreja fez efeito muito mais pelo testemunho do que pela oratória ou pela lógica dos conceitos filosóficos ou teológicos. Por isso, a Igreja precisa, antes de tudo, ser testemunha do amor de Jesus, encarnando a mensagem como prática de cada cristão. Urge mudanças dentro da Igreja para que a mensagem da qual é portadora seja efetiva do mundo contemporâneo. Antes de ter credibilidade para fora a igreja precisa ter credibilidade para dentro (QUEIRUGA, 2003, p. 250), isto quer dizer, antes de ser testemunha para o mundo a Igreja precisa ser testemunho para si mesma. Todos os cristãos são chamados à santidade e, por isso mesmo, devem ser testemunhas da mensagem de Cristo:

Todos os cristãos são, pois, chamados e obrigados a tender à santidade e perfeição do próprio estado. Procurem, por isso, ordenar retamente os próprios afetos, para não serem impedidos de avançar na perfeição da caridade pelo uso das coisas terrenas e pelo apego às riquezas, em oposição ao espírito da pobreza evangélica, segundo o conselho do Apóstolo: os que usam no mundo, façam-no como se dele não usassem, pois é transitório o cenário deste mundo (1 Cor. 7,31 gr.) (135). (LG, 42.)

Por isso, cada cristão deve fazer a sua parte, sendo em todo lugar, conforme o seu estado, fiel seguidor de Jesus, de maneira que o mundo veja a profundidade o *ser de Cristo*. A mensagem deve ser libertadora e salvadora ao mesmo tempo, transformar o homem a partir de dentro, do coração:

Mas, antes de mais nada, cada um dos homens os conquistará mediante uma total transformação do seu interior que o Evangelho designa com a palavra "metanoia", uma conversão radical, uma modificação profunda dos modos de ver e do coração. (EN, 10.)

O testemunho não deve ser imposto, mas apresentado, ainda mais nos ambientes em que, em muitos casos, o próprio conceitos de cristianismo é muito criticado. Na Igreja primitiva, o testemunho de vida fez emergir, com força e fervor uma nova forma de acreditar e de viver, o que dava sentido profundo à vida humana; posteriormente, como já não era mais necessário o testemunho com o próprio sangue, consagrar-se a Deus, “deixando tudo para seguir a Cristo” tornou-se a principal forma de ser cristão na autenticidade do evangelho.

Cada época com sua forma! Hoje as exigências são outras, mas o testemunho continua sendo a principal forma de evangelização (EN, 21). Cumpre ao evangelizador “criar” as condições do anúncio-testemunho:

O anúncio é sempre um diálogo entre interlocutores, mediado pela cultura. Concretamente, cabe aos sujeitos da cultura, aos quais se quer dar a conhecer a mensagem evangélica, aproximarem a seu modo do Evangelho. A tarefa de quem leva a mensagem revelada consiste, sobretudo, em facilitar-lhe o texto da Bíblia, a história do texto, a tradição de sua interpretação e criar o contexto eclesial comunitário de fé necessário para que possam ler, interpretar e assimilar a mensagem adequadamente. (BRIGHENTI, 2006, p. 91.)

O centro da mensagem de fé é o próprio Cristo, que inaugurou e anunciou o Reino, de maneira que ser testemunha da mensagem é, antes de tudo, dar testemunho dele. É assim que, no mundo atual, fará diferença a pregação do evangelho como fermento de transformação da humanidade.

5.1.5 Testemunho no contexto contemporâneo

A Igreja não pode se conformar com o mundo, principalmente por ter consciência clara do seu papel na sociedade universal. Por isso, é preciso ter em conta o valor fundamental do chamado – o ser humano destinado à graça de Deus, especialmente quando pela fé responde ao chamado. Ele nos chama em Jesus Cristo, que viveu a experiência humana, e de coração aberto a humanidade precisa responder a chamado. Contudo, a resposta implica um compromisso ao qual ninguém responderia se não fosse por bondade do próprio Deus. A fé é a resposta ao chamado divino, quaisquer que sejam as circunstâncias. É essa ideia que vislumbramos no NT, especialmente na mensagem de Jesus. Foi precisamente por

gratuidade que Deus nos chamou ao admirável mistério da vida e da salvação, e deu-nos as condições suficientes para recebermos a sua graça salvadora/redentora. O ser humano não pode ser entendido fora dessa perspectiva:

O homem não é entendido fora do chamado de graça. Vive ele dentro de uma história toda ela marcada pela presença salvífica de Deus. Deus que chama um povo cria uma aliança com ele. Deus que envia seu filho a ampliar o horizonte de salvação a todos os homens. A vontade salvífica universal de Deus aparece clara para os homens do Novo Testamento. (LIBÂNIO, J.B e BINGEMER, M. C. L., 1985, p. 125).

É assim que movida pela mesma fé, a Igreja precisa ter a consciência da gratuidade, e naturalmente em primeiro lugar ver o ser humano na sua realidade, nos seus anseios, nas suas angústias e tribulações. A igreja precisa, então considerar todas as experiências de fé porque é um dado elementar para a busca de sentido para cada indivíduo. Deve-se, por isso mesmo, aceitar a pluralidade:

Não podemos considerar nossas leituras e expressões como as únicas válidas [...] Esta diversidade religiosa inevitável em nossos dias, pede primeiramente dos fiéis uma formação espiritual e teológica mais consistente, talvez fator secundário um tempo de cristandade, mas hoje uma necessidade urgente. Pede também, em segundo lugar, que se viva a identidade católica dinamicamente, na inevitável interação contínua com o outro diferente. (FRANÇA MIRANDA, 2006, p. 28).

Do mesmo modo que Deus entra na história humana, a mensagem de Cristo através da Igreja que sempre se esforçou para entender e viver a profundidade do amor de Deus, precisa se encarnar mais ainda nas realidades humanas vividas em qualquer condição e ali ser sinal da graça transformadora. É claro que para isso, ao evangelizar, é preciso que se tenha experimentado a gratuidade do amor de Deus vivido na comunidade de fé. Então, a Igreja oferece sua experiência ao mundo, mas isso fará efeito se essa experiência for, antes de tudo, fundamentada no testemunho do Evangelho, isto é, a vida do cristão precisa estar baseada na vida e na experiência do próprio Cristo.

Antes de fazer cristãos ou de implantar a Igreja, evangelizar consiste em acolher a obra que Deus realizou na história. Acolher as “sementes do Verbo” e os “frutos do Reino” é o primeiro testemunho, entre outros, que se espera dos evangelizadores. (BRIGHENTI, 2001, p. 13.)

Essa prática pode ter alcance dentro das múltiplas transformações sociais em curso se a Igreja procurar não apenas a linguagem adequada, mas também e, sobretudo, com a prática da mensagem realmente vivida. Quando a sociedade cria muitos laços de convivência social, torna-se, naturalmente mais exigente. Criam-se novas consciências, as pessoas se tornam mais críticas, mas disso emerge algo inovador: põe-se em evidência a dignidade, a consciência, a liberdade e a inviolabilidade – daqui pode nascer a realização pessoal/vocacional do ser humano (LIBÂNIO, 2003, p. 67).

Ser Igreja fora do contexto cultural onde ela está presente não teria sentido, e sua mensagem tão pouco poderia ter importância. Por isso, ao ser missionária da mensagem do Evangelho ela deve pôr em primeiro plano os que mais precisam, especialmente os mais pobres. Por isso, é importante que olhe para as condições vividas pela sociedade hoje. Não é mais aquela em que a obediência às instituições era dada como certa e a Igreja se fazia ouvir. Sem dúvida, o contexto hodierno é de contradições e contestação, o que torna a tarefa da Igreja ainda mais desafiadora.

A dificuldade encontrada pela Igreja em se fazer ouvir e ser obedecida por nossos contemporâneos provém de um modo de proclamar a mensagem salvífica, posto em prática durante todo tempo da cristandade e que hoje resulta ineficiente devido à mentalidade reinante em nossos dias. (FRANÇA MIRANDA 2006, p. 203.)

Resulta, então, que a experiência da evangelização levada a cabo pela Igreja requer ajustes, redirecionamento, nova forma de linguagem, um compromisso mais próximo das realidades que a sociedade vive, “reformas mais profundas, muito além de reformas pontuais (BRIGHENTI, 2004, p16).

5.1.6 Ser sal e luz

A Igreja precisa ser sal e luz, como Jesus mesmo apresenta. Então, neste tempo que nos corresponde viver e experienciar a vida *em* e *com* Cristo, não podemos deixar de considerar este particular: se o sal perder o sabor e a luz for posta embaixo da mesa para nada servirão. Logo, diante de tantos obstáculos que se apresentam à humanidade a Igreja não pode se inibir de proclamar o anúncio da

esperança; ao contrário, é importante que faça o alerta, que chame os “homens e as mulheres de boa vontade” à unidade em vista do bem comum. Ser sal da terra e luz do mundo não diz respeito apenas ao aspecto religioso, mas também aos valores fundamentais de promoção da vida:

Evidentemente, o natural alerta que isso produz não deverá levar à inibição, mas ao contrário, à compreensão da urgência irrenunciável de enfrentar essa tarefa literalmente transcendental, pois somente com sua inclusão é que outras tarefas particulares poderão ganhar sentido e legitimidade. É quase lugar-comum, mas não podemos silenciá-lo: toda iniciativa em prol dos direitos humanos, como possibilidade real e para todos, deverá encontrar nos cristãos e cristãs ou promotores criativos, ou aliados incondicionais. (QUEIRUGA, 2006, p. 49.)

O processo de construção do reino de Deus se dá precisamente no dinamismo do mundo das injustiças e do mundo dos valores fundamentais da vida: justiça, paz, enfrentamentos. Ora, essa tarefa se faz tão necessária quanto arriscada, posto que nunca foi fácil proclamar a mensagem de Jesus, especialmente em ambientes onde imperam os contra-valores claramente opostos ao Cristianismo. “Os valores do reino são justiça, amor, verdade, fraternidade e paz; e os valores contrários a ele são injustiça, ódio e inveja, mentira, egoísmo, conflitos e guerras.” (BLANK, 2008, p. 218.)

Ser sal e luz e ser também sinal de esperança, como de fato se pode constatar no processo histórico mais recente, de modo particular na América Latina. A expressão “Os pobres são evangelizados” (Mt 11, 53) pronunciada por Cristo, dá a medida de sua missão e da missão da sua Igreja. Ao anunciar o reino de Deus, centro da sua mensagem, ele põe os pobres em primeiro lugar, sobretudo porque são sempre objetos de opressão e injustiças. Uma Igreja profética está, sem dúvida, empenhada na libertação de toda forma de escravidão, como se viu, de fato, em muitos ambientes das Américas.

Foi uma novidade trazida pelas CEBs, cujos membros, a partir da reflexão da Palavra de Deus, se inspiravam a lutar contra os obstáculos que estavam em suas vidas. Havia, anterior a isso, uma forma de evangelizar que enfatizava demais os aspectos doutrinários e institucionais, e infelizmente, em certos casos, aliada aos interesses dos que oprimiam. As CEBs traziam esperança porque estavam apoiadas na *autoridade* do próprio Evangelho. “Com a força da Palavra de Deus, começou a dizer, sem medo quais devem ser os caminhos seguidos para obedecer a essa

Palavra. E começou a percorrê-los com a consciência recém estreada de ser Povo de Deus” (BARREIRO, 1992, p. 339).

Faz falta, no presente, a ousadia de outras formas de evangelização, de criação de perspectivas que façam com que as pessoas procurem confrontar suas vidas e a realidade com a Palavra do Evangelho; que saibam *enfrentar*, sem interesses egocêntricos, toda forma de escravidão, que atualmente assume outras faces: consumo exagerado, sacrifícios por perspectivas sem sentido, como o desejo pelo prazer repentino.

Não se nega, com isso, que não haja corrida em direção ao sagrado, mas muitas vezes essa fé não faz sentido, quando não se partilha, torna-se também egocêntrica. Nesse *modelo*, a fé não se fortalece de maneira adequada, não chega aos outros, por isso os laços da comunhão eclesial ficam comprometidos. A Igreja é profética quando enfrenta os desafios próprios de cada tempo e de cada contexto, para isso é importante que a Palavra de Deus esteja no centro da evangelização e seja ponto de partida para reflexão da comunidade.

5.2 A AÇÃO EVANGELIZADORA COMO ESTEIO NA RECONSTRUÇÃO DA ESPERANÇA

O cristão, por sua fé, torna-se necessariamente missionário do que crê, por isso sua ação evangelizadora, na Igreja, é um referencial no qual muitos se apoiam. Volta-se para uma reflexão sobre o presente com vistas no futuro. Em situação de mudanças de toda ordem: comunicação, tecnologias, ciências, políticas, economias e comportamentos socioculturais, a evangelização tende a ser uma utopia. Entretanto, essa novidade não é propriamente nova.

5.2.1 Abrir novos horizontes: um desafio

Empreender qualquer atividade em momentos de perdas de referências sociais, como na atual, não é tarefa fácil. Nas crises por que o mundo passou, não apenas nos tempos modernos, o Evangelho fez diferença precisamente porque, a ação evangelizadora realizada no testemunho de fé, converteu-se em utopia. Para que superemos os desafios do presente é preciso reprojeter as utopias (BRIGHENTI, 2002, p. 21.). São novos horizontes que se abrem, nos quais se vislumbram a esperança da mensagem de Cristo que pode preencher o vazio da existência humana.

Entretanto, a tarefa é tanto desafiadora quanto difícil, porque em meio aos problemas da falta de perspectivas e sonhos, apresentar a ação evangelizadora como saída pode até soar como uma “provocação”, mas é preciso entender que a verdade do ser humano está para além do que é puramente material e efêmero. Assim, “predomina o toque do otimismo sobre as realidades terrestres” (LIBÂNIO, 2003, p. 6.)

A verdade libertadora reside no ser humano, mas este precisa encontrá-la, porque este é o seu futuro. “O futuro do mundo em que vivemos vai depender muito mais de pessoas capazes de perceber que a verdade é sempre um horizonte e não um território” (BACH, 1999, pp. 90-91).

Importa, por outro lado, reconhecer que no contexto contemporâneo, por diferentes razões, a mensagem de Jesus não se enraíza, e por isso, não conferem sentido à vida. É preciso avançar mais no campo social, conhecer mais a realidade do povo pobre e sofredor que padece com Cristo as agressões próprias do nosso tempo, compreender as mudanças de época que se vive no presente e projetar-se para o futuro, mesmo com os desafios:

Diante disso, a Igreja precisa deixar-se desafiar por eles, abdicando de suas falsas seguranças, muitas vezes gestadas no mundo velho, e buscar responder, com o evangelho de sempre as exigências dos novos tempos. Por isso, não podemos aferrar-nos a qualquer modelo de ação, nem do passado nem do presente, ainda que isso desestabilize a Igreja e nos cause um sentimento de orfandade e de insegurança. (BRIGHENTI, 2000, pp. 43-44.)

No caminho rumo ao futuro de uma nova ação da Igreja, não se pode deixar de lado a esperança como aspecto indispensável dos horizontes onde a Igreja precisa chegar pondo-se como *coluna* de referência que dê sentido às experiências humanas. Nisto se consta outro grande desafio, que é o da inculturação, sem ela o Cristianismo não alcança a dimensão universal (LIBÂNIO, 2008, p. 147).

5.2.2 Reprojeter a ação evangelizadora da Igreja

A Igreja não está indiferente às realidades do mundo, mas precisa atualizar sua ação, de maneira que a mensagem cristã por ela transmitida tenha sentido. Isso implica, necessariamente, uma nova forma de evangelização. O Evangelho, a julgar pelo recorrido histórico, não se identifica com qualquer cultura, mas pode encarnar-se em toda cultura, porque é transcendente a elas (ZILES, 2005, p. 64).

As tarefas que se impõem à nova forma de evangelizar têm três dimensões, quais sejam: encontrar meios adequados à comunicação do Evangelho, dar ênfase à identidade da Igreja como evangelizadora e fazer com que a mensagem faça transparecer o divino, o que na prática significa renovar-se (BRIGHENTI, 2004, pp. 119-120).

Em *Evangelii nuntiandi*, Paulo VI deixa claro qual é a missão da Igreja nos novos tempos – é preciso renovar-se para renovar (n.18). Mas é preciso que o projeto seja levado a efeito a partir de uma prática que transforma e liberta.

Dadeus Grings faz uma breve exposição do Plano da nova Evangelização proposto por João Paulo II. O novo projeto exige determinados aspectos que precisam levar a efeito a ação da Igreja. A tríplice característica que esta Nova Evangelização apresenta é bastante didática. Em primeiro lugar, está o ardor missionário, que consiste na conversão de cada um, de maneira que os cristãos, mais do que conheçam, descubram sua vocação verdadeira; o segundo passo está no método que engloba toda a Igreja, missionária e evangelizadora – todos os cristãos precisam estar envolvidos; e por último, as novas expressões, isto é, a linguagem. Para um novo tempo, uma nova linguagem – na prática, trata-se de

adequar as verdades do Evangelho à linguagem que seja compreensível a toda sociedade (GRINGS, 2004, p.165).

Compreender essa *linguagem* é compreender e pôr em marcha uma evangelização que contemple fundamentalmente os valores da revelação. Sem esse aspecto, qualquer projeto de evangelização fica comprometido:

Surge, daí para o futuro próximo da Igreja, o gigantesco desafio de uma nova síntese da fé cristã, de uma nova teologia ou de novas teologias, ou seja, de modos mais profundos de compreender a revelação, a divindade, a singularidade cristã, a presença de Deus no mundo etc. (BRIGHENTI, 2001, p. 47.)

Reprojetar a ação evangelizadora da Igreja torna-se um desafio muito grande para o contexto presente da história do Cristianismo. Contudo, não se pode deixar de considerar os aspectos fundamentais da fé, como o anúncio profético da realização plena do ser humano, não precisamente nesta vida senão na futura. Isso, contudo, não dispensa um anúncio que conceba as realidades do mundo presente, olhando para o futuro.

Por conseguinte, a evangelização não pode deixar de comportar o anúncio profético do além, vocação profunda e definitiva do homem, ao mesmo tempo em continuidade e em descontinuidade com a sua situação presente, para além do tempo e da história, para além da realidade deste mundo cujo cenário passa e das coisas deste mundo, de que um dia se manifestará uma dimensão escondida; para além do próprio homem, cujo destino verdadeiro não se limita à sua aparência temporal, mas que virá também ele a ser revelado na vida futura. (EN, 28)

Ao se pensar uma ação evangelizadora da Igreja, deseja-se projetar algo no presente com vistas para o futuro. “Como processo de reflexão voltado para o futuro, planejar é criar utopias desde os desafios do presente a serem superados” (BRIGHENTI, 2000, p. 21).

A ação da Igreja pode levar o Cristianismo a um grande passo, e para isso é importante que contemple, em seu *agir missionário* os aspectos por que mais o mundo almeja para o futuro: “solidariedade, paz, convivialidade humana, esperança nas tribulações, fé-confiança no ser humano malgrado as terríveis decepções e perversidades” (LIBÂNIO, 2008, p. 135).

5.2.3 Anunciar a presença do Reino de Deus

A presença do Reino de Deus se dá no anúncio da mensagem de Jesus, em quem se cumpre a promessa. “Este Reino manifesta-se na palavra, nas obras e na presença de Cristo” (LG, 5). Ora, a Igreja por ele fundada leva adiante a mensagem da boa nova, inspirada pelo Espírito que confirma a comunidade na mesma fé que alimentou a Igreja desde sua origem. E é na humildade do serviço que mais claramente ela pode mostrar a presença do Reino de Deus. Se a missão da Igreja é continuar a de Cristo, então o seu papel fundamental é dizer ao mundo que o Reino de Deus já chegou, porque esta foi a missão de Cristo (RM, 12, 1).

Segundo o testemunho dos Evangelhos, os Doze que acompanhavam a Jesus durante seu ministério público colocaram-se a questão de saber quem era o maior (Mc 9, 34; Lc 9, 46; 22, 24) e Jesus respondeu fazendo apelo ao vocabulário do serviço ao outro, desempenhado pelo escravo: “*Se alguém quer ser primeiro, far-se-á o último de todos e o servo de todos*” (Mc 9, 35). E ainda, de modo mais preciso: “*Qual é, com efeito, o maior, aquele que está à mesa ou aquele que serve? Não é aquele que está à mesa? Pois bem, eu estou no meio de vós como aquele que serve!*” (Lc 22, 27). Não há possibilidade de engano: o vocabulário utilizado é o da *diaconia*, do serviço realizado pelo servo da mesa do Senhor. Por sua vez, encontramos em Mateus 20, 27 esta declaração: “*Aquele que quiser ser primeiro será o vosso escravo*”. Essa é a condição do discípulo, a exemplo de Jesus: estar a serviço dos outros, dar-lhes a vida por amor. (DONALD e CARROL, 1987, p. 194).

O modelo a seguir não é nem o do chefe político, nem o do guardião da lei, nem o do sacerdote segregado: é o do escravo que serve à mesa. E, no dizer de São João, o próprio Jesus não encontra outro meio senão o de servir à mesa seus próprios discípulos para manifestar-lhes, na hora de seu supremo sacrifício, em que sentido o amor estava na raiz de sua intervenção messiânica entre os homens. E do serviço, nota-se bem, Jesus destaca o momento mais significativo: o lava-pés (Jo 13, 1 – 17). A meta do cristão é esta: estar a serviço dos que mais precisam – missão que confere o batismo de cada um que quer ter como meta o Reino de Deus.

Diante do vazio pelo qual a sociedade passa no presente, a frieza, a indiferença, o pouco comprometimento, João Paulo II propôs um Cristianismo que

busque na tradição possibilidades de saídas, de maneira que se encontre a profundidade do sentido maior da nossa existência. De fato, vive-se, no presente, uma situação de apatia, indiferença, tristeza e desânimo, “mas o cristão tem o mandamento do amor, a espiritualidade da comunhão a fim de que a Igreja seja a casa e a escola da comunhão” (LIBÂNIO, 2005, p 144).

O significado de se apresentar o Reino de Deus como presença no contexto sociocultural contemporâneo é, por assim dizer, o fundamento mais importante da ação evangelizadora da Igreja. A Igreja precisa testemunhar a vida cristã experimentada na prática dos fiéis, porque é missão dela refletir a luz de Cristo em cada momento da história, mas para isso, segundo João Paulo II, é indispensável, antes de tudo a contemplação do rosto de Cristo, que está nos Evangelhos:

Esta sua identidade divino-humana manifesta-se intensamente nos Evangelhos; estes dão-nos uma série de elementos que nos permitem penetrar naquela « área reservada » do mistério que é a *autoconsciência de Cristo*. A Igreja não tem dúvidas de que, narrando inspirados pelo Alto, os Evangelistas captaram corretamente, nas palavras pronunciadas por Jesus, a verdade da sua pessoa e a consciência que Ele tinha da mesma. (TMI, 18).

Sem dúvida, a Igreja tem diante de si e em si a figura do próprio Cristo, modelo de inculturação, de ensinamento, de fidelidade ao projeto de Deus. Esse também é o projeto de sua Igreja. Ora, uma geração transmite à outra um legado cultural, e a fé transmitida no decurso da história se fundamenta no próprio Cristo, como salvador.

Essa fé resulta da ação de Deus vivo por meio do Espírito, acolhida livremente ser humano. Este encontro constitui uma experiência de sentido, de plenitude, de salvação. Porém ela não pode prescindir da linguagem do contexto que determina o que o fiel entende por sentido, plenitude e salvação. (FRANÇA MIRANDA, 2001, p 19)

Para *encarnar* a mensagem de Cristo na realidade em que vivemos é preciso, antes de tudo, procurar uma linguagem que tenha alcance nos meios sociais, sem perder a identidade da doutrina de Cristo. No meio do povo sofrido, nas condições contra as quais lutou, Jesus não deixa de fazer o anúncio da presença do Reino de Deus. A Igreja, por sua parte, ao saber que todo seu anúncio tem como fim o Reino de Deus, deve estar alerta para que o conteúdo não seja “amputado ou mutilado” (EN, 65.)

O Cristianismo tem diante de si uma grande tarefa: apresentar ao mundo a finalidade de sua razão de estar no mundo, querido por Deus nos seus desígnios mais profundos. Mas para que a Igreja compreenda e realize melhor o papel fundamental de *dizer* ao mundo que o Reino está presente, é preciso mergulhar no Jesus Histórico, na sua humanidade, salientando a relação dele com o Pai. “Foi a partir do encontro com Deus que Jesus anunciou a mensagem do amor, da fraternidade, da humanidade e da salvação” (LIBÂNIO, 2008, p. 134).

A identidade da mensagem do Evangelho e da Igreja é Cristo, então é ele que precisa ser mostrado, especialmente no sentido mais profundo, que vê um Deus feito homem que plenifica a existência humana, sem deixar de ser Deus:

A cristologia atual descobriu, com efeito, a armadilha ao compreender que não está a verdadeira divindade de Jesus em sua negação do humano, mas, muito pelo contrário, em sua genuína plenificação: só porque era Filho de Deus, pôde Jesus de Nazaré ser tão plenamente humano. Exatamente o mesmo deve acontecer com a genuína identidade eclesial [...] que não deve estreitar a vida, mas ampliá-la, abrindo-a à profundidade infinita da transcendência. (QUEIRUGA, 2006, p. 43.)

O destino humano é o sentido de sua existência, e isso, por certo se encontra na mensagem e na pessoa de Cristo, que por amor se identifica com a humanidade, tomando sua condição para conferir-lhe sentido que se realiza no encontro divino-humano.

5.2.4 Dimensão fé-prática

A fé é um compromisso de todo cristão, e por ela ele expressa verdadeiramente o amor ao próximo, que nasce no amor de Deus. O amor cristão se concretiza exatamente na realização prática, que é a caridade, que para a Igreja “não é uma espécie de atividade de assistência social que se poderia mesmo deixar a outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência” (DC, 20, 1). Assim, a prática é um compromisso, um imperativo da fé.

Esse compromisso não é exclusivamente pessoal, mas se estende à comunidade, à Igreja (LIBÂNIO, 2008, 156). Contempla, inclusive, a ideia da cruz-

ressurreição, que procura valorizar a esperança como elemento importante da fé cristã (QUEIRUGA, 2006, p. 53).

No mundo em que o fracasso em muitos ambientes está perceptível, a ação da Igreja precisa expressar essa esperança que dá ânimo e fortalece o espírito humano para continuar a luta por melhores condições de vida. Pela missão a Igreja expressa a prática da sua fé, porque o missionário é aquele que certamente passou por uma experiência de fé e, por isso, é capaz de transmiti-la. É desses discípulos que a Igreja precisa:

Uma Igreja em estado permanente de missão a serviço da vida plena de nossos povos depende de discípulos missionários que tenham feito uma experiência pessoal de fé, profunda e intensa, de encontro pessoal com Jesus Cristo. (BRIGHENTI, 2008, p. 39.)

É desse encontro que resulta o missionário, capaz de configurar a sua prática à vida de Cristo, e com ele estar em favor da libertação dos que precisam ser libertados, porque o Reino de Deus já chegou e se manifesta precisamente na verdade libertadora do Evangelho. Nesta tarefa, a Igreja precisa ser como Jesus, que inaugura no seio da humanidade o reino da vida, testemunhando com sua ação a verdade do que acredita.

A prática da fé cristã faz diferença no mundo em que os valores fundamentais da vida cedem lugar ante ao conformismo. Essa experiência precisa ser fundamento da evangelização, sobretudo porque pela mensagem do Evangelho se procura converter a consciência individual e coletiva (EN, 18).

A Igreja, especialmente na América Latina, percebeu a importância da dinâmica fé-prática, e renovou, por certo, o aspecto da evangelização. Essa mudança continua sendo significativa, mesmo depois de quase meio século, ainda em muitos aspectos a prática libertadora da fé é um testemunho vivo de que é possível encarnar a fé no mundo presente, fazer com que a vida cristã tenha sentido, por ter um compromisso com os mais necessitados.

Neste sentido, a mudança fez-se sentido especialmente na dimensão coletiva: as comunidades se empenhavam na comunhão e na busca de vida mais digna. Houve um novo despertar para a vida da Igreja:

A nova tendência veio responder a tal problemática. Deslocou a dimensão da fé como simples proclamação da bondade, salvação de Deus, alegria de

ser irmão para a realização de tal fé na prática social, sobretudo no referente às estruturas da sociedade. (LIBÂNIO, 2003, p. 65.)

Essas experiências foram muito significativas para a Igreja, e continuam sendo porque mostram o valor da mensagem de Cristo encarnada nas realidades sociais, procurando resgatar o ser humano da condição de toda forma de injustiça. Essa é a fé contextualizada que tem dimensão de serviço ao próximo e à vida.

Por si mesma a fé é um compromisso com Deus e com o outro, isto é, tem dimensão social também. Ela precisa ser fortalecida porque o cristão está imerso numa realidade que precisa ser transformada. A fé é experimentada e vivida cotidianamente na vida de cada um:

A fé encarna-se em compromissos com a história, com a realidade concreta em que vivemos. A proposta de Deus só pode ser vivida no agir do dia a dia. Não há uma verdadeira fé sem práxis, não há uma doutrina correta (ortodoxia) que não implique uma práxis correta (ortopraxis). (LIBÂNIO, 2000, p. 165.)

De modo que a fé cristã está sempre articulada com a realidade, e implica naturalmente o compromisso que tem por fim, de algum modo, transformar, libertar, renovar. Por isso, a Igreja se apresenta ao mundo como *porto seguro* na renovação social, sem desprezar as conquistas da racionalidade, mas as incluindo no seu projeto, dando-lhe rosto humano, verdadeiramente cristão.

5.3 AS POSSÍVEIS AÇÕES PASTORAIS QUE PODEM SER RELEVANTES NO CONTEXTO ATUAL

Os fenômenos das mudanças socioculturais instaladas são fatos consumados. Então é precisamente com essa realidade que as ações pastorais precisam lidar. Não se trata de “re Cristianizar” as culturas, mas mostrar os aspectos humanos encarnados na vida da comunidade de fé. O diálogo com os segmentos e estratos da sociedade é um passo importante para que a mensagem cristã tenha alcance no contexto atual; Cristo precisa ser o centro do anúncio, e isso deve ser mostrado numa linguagem mais compreensível, que possa abranger a todos; a

missão de cada cristão precisa ser a missão de Cristo, personificada na doação ao outro, no amor efetivo ao próximo – serviço-caridade.

5.3.1 Nova *linguagem* para novas realidades

O aspecto mais notável que há na comunidade dos fiéis é a comunhão, no sentido mais profundo do termo. Essa deve ser a nova *linguagem* que o mundo parece estar mais disposto a entender. No mundo, o cristão é chamado a ser testemunho da fé que professa, e precisa dispor dos instrumentos que a técnica oferece – dialogar com a cultura e saber usar a linguagem e os meios que todos utilizam: comunicação de massa, tecnologias, servir-se das outras ciências, sem temê-las:

A GAUDIUM ET SPES convida os fiéis a unirem os conhecimentos das novas ciências e doutrinas, e das últimas descobertas, com a moral e os ensinamentos da doutrina cristã, para que a cultura religiosa e a retidão moral caminhem, junto dos mesmos homens, no mesmo passo do conhecimento das ciências e da técnica em progresso incessante e, assim, consigam eles apreciar e interpretar todas as coisas com sensibilidade autenticamente cristã (cf. GS n. 62). Não precisamos ter medo das ciências. Se não provam a existência de Deus, muito menos provam sua não-existência. O conhecimento verdadeiramente científico jamais será impedimento para crer em Deus. (ZILLES, 2005, op. cit. p. 705.)

As verdades de sempre, anunciadas na mensagem de Cristo, precisam ser levadas à comunidade humana de hoje, não obstante os percalços que implicam. Essa nova linguagem diz respeito ao método, ao ardor, ao empenho de cada comunidade cristã, de cada membro da igreja.

Por um lado, é preciso privilegiar o diálogo nas mais variadas formas: com os jovens, com os leigos, com as ciências, com a mídia – portanto, encarnar a mensagem do Evangelho em todos os ambientes e meios. A cultura atual impele o ser humano a comunicar-se, por isso é importante que a mensagem do evangelho esteja imersa nesta cultura que facilita o entendimento da mensagem de vida abundante que Jesus propõe. Logo, o resultado será uma evangelização plural, daí a importância de uma nova linguagem que alcance a inculturação de maneira mais abrangente. “O resultado desse processo de catequese evangelizadora inculturada será necessariamente o pluralismo” (LIBÂNIO, 1999, p. 105).

A realidade do presente não comporta mais os dogmatismos do passado, de maneira que para que tenha alcance na sociedade atual, as pastorais da Igreja precisam ser integradas, dinâmicas, abrangentes, acolhedoras, que se expressam nas multiformes faces das culturas. Isso é, de fato, a evangelização inclusiva, o que não significa perder a identidade do Cristianismo e da própria Igreja, mas testemunhar o amor de Cristo no mundo pluricultural, como o nosso presente:

O imperativo da inculturação dá uma nova perspectiva à missão evangelizadora da Igreja, tanto ad intra como ad extra. Em nível interno, a inculturação advoga a necessidade e a possibilidade de tantas “versões autênticas do cristianismo” quantas foram as diferentes matizes culturais. Evangelizar não é incorporar à Igreja ou implantar a Igreja, muito menos a reprodução dela por clonagem, em que a nova Igreja seria a cópia perfeita daquela que seria originária. Trata-se de viver e testemunhar uma unidade pluriforme. (BRIGHENTI, 2001, p. 32.)

É esse um dos maiores desafios da história da Igreja, entretanto ela precisa ter consciência de que está no mundo para comunicar-lhe o amor de Cristo, em que o Reino de Deus está presente e é presente a toda comunidade humana. Do contexto sociocultural, a Igreja procura adequar sua linguagem de maneira que expresse a sua fé de acordo com os desafios que se apresenta em determinado contexto histórico, como o contemporâneo.

Só assim as experiências salvíficas, as compreensões doutrinárias, os juízos de valor e as opções de seus membros serão realmente comuns. A Igreja assume, assim, a linguagem, em sentido amplo, do meio onde se encontra. Naturalmente depois de um sério discernimento crítico, pois toda cultura humana não está isenta do pecado, apresentando traços antievangélicos. (FRANÇA MIRANDA, 2006, p. 169.)

De qualquer modo, para que a mensagem de Cristo seja compreendida e faça sentido no mundo contemporâneo, é indispensável que sejam levados em conta os aspectos culturais do novo contexto. É a missão que a Igreja precisa empreender no hoje da sua história.

5.3.2 Formação da comunidade eclesial

Para que se tenha uma comunidade eclesial missionária é preciso, antes de tudo, formá-la, em dois sentidos. Formar pessoas, líderes laicos de comunidades que tenham compromisso com o evangelho, com a sociedade humana. Pessoas capazes de transformar o contexto sociocultural pela sua vida de fé, pela esperança, pela confiança na força da mensagem do Evangelho. Essas lideranças ajudarão a formar comunidades em cujo seio se viva os valores fundamentais da vida, se compartilha a oração, a espiritualidade e a comunhão. Neste ambiente a vida humana fará sentido e terá sentido.

A forma como a Igreja evangelizou durante muitos séculos já não responde aos anseios do contexto humano contemporâneo. Por uma série de razões: sociedade que enfatiza a individualidade, indivíduo mais exigente, crítico, contestador, pouco comprometido ou indiferente. É diante desse cenário que emerge a necessidade de uma nova forma de evangelização para a Igreja na sociedade do contexto atual. Na cultura pluralista em que estamos imersos, as novas questões requerem novas respostas. Então, a Igreja olha para o porvir acentuando a comunhão e a integração do ser humano consigo mesmo, com a comunidade e com Deus:

O futuro da Igreja clama por uma Igreja-comunidade, longe de um mero sentido espiritualista e nominalista. Comunidade só existe e só é possível a partir da experiência fraterna em “pequenas comunidades”, que permita o compromisso com os outros, especialmente com os mais pobres. Pela acolhida destes passa a credibilidade do cristianismo e da tarefa evangelizadora. (BRIGHENTI, 2001, p. 45.)

A formação de lideranças para a evangelização precisa dar mais ênfase ao conhecimento da realidade, das culturas, e principalmente dos contextos socioculturais onde o Evangelho precisa ser anunciado. A cultura medieval hierarquizada privilegiou por demais o clero, de maneira que toda evangelização estava, de alguma forma, concentrada nos ministros ordenados. Hoje, felizmente, se entende que a evangelização não é responsabilidade apenas do clero, mas da Igreja como todo, hierarquia e fiéis (ZILLES, 1993, p. 66).

Para isso é importante que a Igreja esteja atenta à valorização das experiências religiosas e místicas que ajudam os membros da comunidade eclesial a

se fortalecerem, a buscarem mais adequadamente formas de preparação do *agir* missionário. O fortalecimento da Igreja se dá pela via da experiência religiosa, sobretudo quando se fundamenta na espiritualidade que busca a universalidade, a raiz única e comum que é Deus. (LIBÂNIO, 2003, 102).

A Igreja tem o compromisso de formar a comunidade cristã que saiba olhar o futuro com esperança, sem imposições e com caridade para com as diferenças, sem perder, evidentemente a identidade de *ser de Cristo*. É o projeto da Igreja construído na diversidade, com vista à unidade. Essa comunidade tem um grande e sério desafio diante de si:

Cabe enfrentar, com a imaginação da caridade, as necessidades atuais: novas pobrezas, desequilíbrio ecológico, problemas da paz, violação dos direitos humanos fundamentais no respeito à vida, o desafio das potencialidades tecnocientíficas. (LIBÂNIO, 2008, p. 145.)

O ser humano tem se tornado cada vez mais exigente, em todos os aspectos, por isso uma comunidade eclesial que seja significativa à nova comunidade humana precisa saber responder a determinados aspectos das exigências contemporâneas, daí a importância da acolhida, da humildade, da tolerância (ZILLES, 1993, p. 77).

Para a formação de uma comunidade eclesial que possa oferecer algumas possíveis respostas à sociedade é importante que o fundamento primeiro da nossa fé cristã não fique abandonado ou relegado a planos inferiores. A comunidade cristã, a Igreja, jamais pode prescindir da esperança, ser sinal de esperança a quem não a tem. “A rigor, uma comunidade de fé, por mais duram que sejam as condições em que lhe toca missionar, jamais poderia perder a esperança e o horizonte da terra prometida ou da civilização do amor.” (BRIGHENTI, 2000, p. 22.)

É indispensável que a Igreja leve a termo, de maneira prática, efetiva a proposta do Evangelho de Cristo, e esteja nele mesmo espelhado. A dimensão da fé cristã nasceu e se desenvolveu no decurso da história fundamentada e enriquecida na comunidade, fé comunitária. É na comunidade que cada um faz experiência do seu encontro com Cristo, se entrelaçando de maneira que todos edificam a Igreja:

Os laços que ligam o fiel à comunidade são de natureza afetiva, intelectual e teologal. Pelo afeto, sentem-se irmãos e irmãs, pela inteligência concordam num mesmo credo, pela graça se vinculam numa profunda

comunhão dos santos para além dos membros da terra. (LIBÂNIO,2000, p, 256.)

A Igreja para ser sinal de possível resposta às questões fundamentais do mundo contemporâneo precisa viver a coerência do evangelho precisamente integrando fé e vida, experiência prática que demonstra a verdade de ser e pertencer à comunidade eclesial. Nisso está o testemunho dos que creem e a base fundamental para a formação da comunidade eclesial que seja significativa à sociedade contemporânea.

5.3.3 Evangelizar: missão essencial da Igreja

A tarefa da Igreja no mundo atual é, como foi no passado, evangelizar, mas hoje esta ação se torna mais urgente, como uma necessidade que deriva do contexto contemporâneo, como expressa Paulo VI:

Nós queremos confirmar, uma vez mais ainda, que a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja; tarefa e missão, que as amplas e profundas mudanças da sociedade atual tornam ainda mais urgentes. (EN, 14.)

A preocupação da Igreja deve ser, antes de tudo, empreender uma atividade missionária abrangente, sobretudo no meio urbano, onde os aspectos do pluralismo e do vazio humano são mais latentes. É preciso ações renovadoras e inovadoras que sejam possíveis no meio urbano de tal forma que a mensagem do evangelho tenha alcance. Parece importante que os fundamentos para uma ação evangelizadora capaz de transformar a realidade devem passar pela espiritualidade.

Antes de tudo, a Igreja do futuro será uma Igreja mística por ser uma Igreja do Espírito Santo contemplativa e mistagógica, introduzindo as pessoas nos mistérios divinos... A teologia do futuro será querigmática no sentido de partir de sua dimensão mística, do modo de evangelizar, de afirmar a concentração cristológica... hospitaleira, ao cultivar o pluralismo, a acolhida, a abertura à mulher, o diálogo inter-religioso, a inculturação e a realização da catolicidade uma identidade aberta. No meio de tantas injustiças a Igreja é chamada a ser misericordiosa, mostrando seu rosto feminino e compassivo em relação aos pecadores e excluídos. Finalmente, espera-se, no contexto de "fim da história", uma Igreja da esperança, praticando uma fé inconformista com o pensamento reinante e portadora de sinais antecipadores do futuro novo, a exemplo do Apocalipse (LIBÂNIO, 2003, p. 54.).

São esses caminhos que a Igreja precisa tomar como aspectos importantes de sua ação evangelizadora. Então é preciso que alguns pontos sejam retomados, com ênfase especialmente voltada para a promoção humana integral, como salienta o Documento de Aparecida (399). A Igreja através dos seus agentes de pastoral pode, inclusive, entrar nos meios políticos, procurando criar condições de renovação de políticas que estejam dispostas a defender os mais necessitados.

Entretanto, o aspecto mais importante da ação da Igreja na sociedade atual é a renovação da pastoral urbana. Como no contexto atual a sociedade é urbana, e a maior parte da sociedade vive nas periferias das cidades, então a nova ação pastoral precisa alcançar esses ambientes. Aí crassa, por certo, uma série de condições que não estão de acordo com a mensagem do Evangelho de Cristo, então aí é importante que a Igreja atue de maneira mais incisiva:

Para uma conversão pastoral, faz-se necessário também um estilo de ação adequado à realidade urbana em sua linguagem, estruturas, práticas e horários; um plano de pastoral orgânico e articulado, que incida sobre a cidade em seu conjunto; estratégias para chegar aos condomínios fechados, prédios residenciais e favelas; uma maior presença nos centros de decisão da cidade, tanto nas estruturas administrativas como nas organizações comunitárias (518) (BRIGHENTI, 2008, p. 33.)

Na prática, a Igreja precisa encaminhar novas formas de evangelização de maneira que a mensagem do Evangelho faça sentido para a sociedade humana. Quanto mais dura a realidade que se vive, quanto mais necessária se torna a mensagem de esperança contida no anúncio do Evangelho.

A ação evangelizadora precisa englobar a Igreja inteira, e pede a cada um uma profunda experiência de fé, no encontro pessoal com Cristo. A partir daí, procura empenhar-se toda a Igreja, com sua estrutura, no compromisso missionário. Essa sai e vai ao encontro dos outros, de maneira que responda fundamentalmente às questões da sociedade contemporânea (DIRETRIZES, 8-9).

Sem dúvida, o papel da Igreja não se esgota na evangelização ou no anúncio da mensagem de Cristo de si para si mesma, mas para a universalidade da vida, ou seja, para a própria humanidade. Todo homem precisa contribuir para a formação do todo, afinal ninguém, por sua própria natureza e cultura vive isolado do todo, dos demais. É a consciência planetária que se amplia e marca nas nossas culturas os valores do cuidado para que no universo todos tenham vida. Isso não deixa de ser,

de algum modo, premissa do Evangelho de Jesus Cristo: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). “Cada pessoa humana é convidada a participar da dinâmica evolutiva do cosmo e a contribuir para o seu andamento. À medida que o indivíduo assume o seu papel de crescer como pessoa, realiza o seu sentido”. (BLANK, 2008, p.75.)

A pastoral da Igreja deve considerar esses aspectos e respeitar o indivíduo no seu meio, sem renunciar aos fundamentos primeiros do evangelho de Cristo. Para que se estabeleça uma “nova ordem social” nas relações da Igreja com a sociedade é importante ter-se em mente o diálogo entre as religiões. É o diálogo no interior do cristianismo:

Trata-se do desafio feito à fé cristã pela atual sociedade secularizada, que olha o cristianismo com indiferença, como se tratasse de algum monumento do passado, sem significação para os nossos dias. Além disso, a doutrina tradicional, elaborada como resposta às questões de épocas passadas, não mais responde a problemas surgidos hoje. Daí a principal tarefa das Igrejas cristãs consistir em apresentar a fé cristã de modo fidedigno e condizente com a atual cultura. (FRANÇA MIRANDA, 2006, p. 240.)

Portanto, a unidade cristã é um desafio necessário ao mundo de hoje, principalmente porque a tarefa da evangelização requer um compromisso com a verdade vivida e experimentada. Mas não cabe apenas às Igrejas senão a toda a humanidade procurar a compreensão de um equilíbrio em todos os sentidos: social, político, econômico – enfim todas as instâncias humanísticas precisam se unir no mesmo esforço, de modo que o máximo de proveito a humanidade possa extrair deste empenho. Certamente o fruto maior será uma paz duradoura e um equilíbrio frutuoso da que usufruirá toda a sociedade como um todo (QUEIRUGA, 2006, p. 54.)

A consciência planetária a que estamos vendo crescer e avançar é um elemento importante sobre o qual a Igreja precisa se debruçar, porque também faz parte dela, posto que faz parte dessa mesma consciência universalizada a busca da religiosidade que é um fenômeno. Todas as transformações experimentadas pelo mundo atualmente, as crises das sociedades, os desapontamentos, a falta de esperança etc. são indicativos claros de que estamos diante de transformações socioculturais. De algum modo, mesmo a busca desenfreada pelo religioso ou pelo transcendental, aguça mais ainda a crise de sentido e aponta para novas perspectivas: “Essas transformações, como vemos, estão marcadas pela ambigüidade, à medida que umas tornam ainda mais aguda a crise e outras apontam para uma nova civilização” (BRIGHENTI, 2000, p. 18).

É, sem dúvida, um grande desafio para a Igreja o momento atual, principalmente porque cada vez mais se vê o ser humano livre e independente, não “circunstanciado” por instituições, sejam elas religiosas ou laicas. Parece paradoxal, mas a vitalidade da religião hoje está na secularização, isto é, a práxis ou a experiência não seguem o institucional. De algum modo, a abrangência do fenômeno religioso é importante, mas sua fragmentação é também produto da secularização. O desafio é saber *como* evangelizar essas universalidades de maneira que todos tirem proveito delas de modo positivo e honestamente válido para a vida humana.

O serviço, o testemunho, a comunhão, as experiências e as responsabilidades co-divididas fortalecem as sociedades como uma grande família humana que podem usufruir da unidade, o bem maior, que é a paz, a justiça social o cuidado com o cosmos e o zelo do meio em que todos vivem.

Quando o concílio Vaticano II se interrogou sobre o tipo de presença que o povo de Deus deve assegurar entre os homens de nosso tempo, uma expressão se impôs à atenção de todos: “*a Igreja, serva do mundo*”. Foi uma maneira de se afirmar que a Igreja não deve tutelar o destino da humanidade e, mesmo que a tenha feito durante séculos por motivos explicáveis pela história, isso em nada justifica que ela continue a fazê-lo. Ao recusar essa tutela, o mundo moderno lembra simplesmente à Igreja que ela foi feita para servir. E o serviço prioriza os aspectos da vida. Por isso, onde quer que a vida esteja em perigo, aí está também a Igreja com a mensagem fundamental de Cristo, Deus e Senhor. Ela tem razão de ser quando se compromete, com todas suas forças, experiências e conhecimento na defesa da vida.

5.4 A ESPERANÇA HUMANA NO HORIZONTE SOCIOCULTURAL

A questão maior da experiência humana e as angústias mais agudas nascem da falta de esperança. Quando falta esperança a qualquer comunidade, esvai-se o sentido da existência. É preciso, por isso, responder às causas da falta de esperança. Na vida humana, e em todas as culturas e épocas, é importante que a

esperança esteja no horizonte, como algo que conduz o ser humano ao sentido de sua existência como criaturas. Talvez um elemento importante, principalmente para se encarnar essa dimensão da vida, seja a integração entre fé e vida, acentuando o aspecto da participação na comunidade humana – nas políticas públicas, como exigência da fé, nos compromissos socioculturais. Por outro lado, procurar viver e *encarnar* os momentos mais significativos que encerram a fé cristã: Natal, Páscoa e Pentecostes. Assim, integra-se mais adequadamente o ser humano no mistério da existência. De algum modo, as CEBs tomaram esse caminho de evangelização e, através da reflexão da Palavra de Deus, levaram a muitos espaços nova consciência do significado da fé.

5.4.1 O evangelho como perspectiva de esperança

A Fé em Jesus normalmente engendra uma esperança ativa de dimensão cósmica em vista de uma plenitude que é perpétuo jorrar de novidade. Relativamente às verdadeiras perspectivas da fé, são estreitos os horizontes daquilo que é efetivamente vivido por tantos cristãos. A maioria dos cristãos não tem consciência da grandeza de sua vocação; sua religião é mesquinha, individualista. Contentam-se com uma religiosidade mais ou menos autêntica, mas permanecem estranhos às pulsações do Espírito cujo campo de ação é todo o universo. Sem dúvida, todos sabem que, no coração do Cristianismo, há um mandamento novo do amor fraterno e universal; mas muitos são importantes quando se trata de reconhecer os domínios e as modalidades de aplicação desse preceito capaz de renovar a face da terra.

O momento histórico que ora se atravessa convida o cristão, de modo particular o pobre, a avaliar as dimensões do universo no qual ele introduz a fé em Jesus Cristo. Para ele, essa é uma exigência essencial, quer-se desempenhar no mundo atual o papel que lhe cabe. Não se vive a fé de uma maneira qualquer.

A fé responde a exigências objetivas a que é preciso respeitar. E quando o cristão não tem a fé que corresponde à situação histórica em que se encontra, não leva aos homens o testemunho que esperaram dele, e a própria fé se degrada. Sem

a fé, a humanidade não atinge o seu ponto mais alto, porque é na fusão do amor de Deus que tudo ganha sentido (BOFF, 2000, p. 125). Quer isso dizer que a fé é alavanca para a esperança e para o sentido último da presença humana no universo – sem fé não há sal na terra nem luz no mundo.

Não podemos perder de vista que para se manter viva a experiência é preciso confiar, não em pessoa (física) ou instituição (jurídica), mas no próprio Deus, na figura de Cristo, fonte e origem de toda esperança humana, em que Deus realiza a promessa:

A confiança da fé na promessa de Deus a se realizar plenamente no futuro nos demonstra como ela está estreitamente vinculada à esperança. Esta última aponta para a realização da promessa de Deus na pessoa, que espera firmemente a salvação futura. (FRANÇA MIRANDA, 2006, op. cit. p. 198.)

A esperança é essencial à existência humana, conquanto seja fonte de inspiração quando se apoia na verdade de Cristo. No horizonte da cultura do presente, existem razões para que os seres humanos continuem acreditando e, por isso mesmo, procurando caminhos que sejam viáveis à minimização da crise de sentido a que estamos submetidos.

A história da humanidade mostra como a esperança é fundamento de muitas conquistas. Esperança na força empenhada nas transformações; no compromisso conjunto da sociedade em superar os momentos de crises mais profundas; no dinamismo das transformações e nas descobertas científicas. A esperança deve fundamentar-se na verdade da fé.

O horizonte que se tem não pode obscurecer a esperança, tampouco minguar as perspectivas do ser humano, que deve buscar sempre o apoio na mensagem do evangelho, mantendo viva a esperança e a fé. As dificuldades são reais, mas a Igreja procura mostrar perspectivas ao propor algumas respostas, como adianta o Concílio:

A Igreja sente profundamente estas dificuldades e, instruída pela revelação de Deus, pode dar-lhes uma resposta que defina a verdadeira condição do homem, explique as suas fraquezas, ao mesmo tempo que permita conhecer com exatidão a sua dignidade e vocação. (GS, nº 12.)

Vê-se, hoje, felizmente, um compromisso mais efetivo dos homens e mulheres na tentativa de encontrar pistas e soluções para que o sentido da existência humana seja resgatado e posto em evidência. Grupos dos mais variados

setores, na esfera pública ou particular, eclesial ou laica, procuram caminhos e alternativas de maneira que a vida em abundância seja verdadeiramente proclamada e vivida.

A Igreja precisa se empenhar neste esforço porque há tanto tempo procura pregar e viver a verdade fundamental que brota de Cristo, mas que não é exclusivamente para a Igreja senão que para toda a humanidade. A missão da Igreja é levar a mensagem de vida à humanidade:

Com a palavra *Evangelho* atingimos o centro do problema da relação entre Cristo e a humanidade, pois designa Cristo como *boa notícia* para os homens de todos os tempos e de todas as culturas. Cristo é o maior acontecimento da história da humanidade, para o qual tudo converge. (ZILLES, 1993, p.64.)

No horizonte da existência humana, na sociedade contemporânea, sobretudo, a boa nova de Cristo pode ser decisiva e se expressar de muitas formas, de tal modo que não deixa de renovar a vida humana de cada pessoa e da comunidade como um todo:

O Evangelho de Cristo renova continuamente a vida e cultura do homem decaído, e combate e elimina os erros e males nascidos da permanente sedução e ameaça do pecado. Purifica sem cessar e eleva os costumes dos povos. Fecunda como que por dentro, com os tesouros do alto, as qualidades de espírito e os dotes de todos os povos e tempos; fortifica-os, aperfeiçoa-os e restaura-os em Cristo. Deste modo, a Igreja, só com realizar a própria missão, já com isso mesmo estimula e ajuda a civilização, e com a sua actividade, incluindo a litúrgica, educa a interior liberdade do homem. (GS, 48)

A renovação sociedade, então, se dá precisamente pela mensagem do Evangelho de Cristo, não obstante os constantes perigos a que estão submetidas à sociedade e à mesma Igreja. Ao realizar a sua missão, a Igreja cumpre seu papel na comunidade humana, levando a mensagem de Cristo como esperança de vida que se renova nele mesmo posto que ele “faz nova todas as coisas” (Ap 21, 5).

5.4.2 Esperança como suporte de transformação

A esperança cristã de que se trata aqui é aquela que se baseia na *fé-espera* unida essencialmente à ação. Não se fundamenta em intervenções miraculosas da

parte de Deus, porém confia na graça que ele dá, na força que alenta a encoraja para que as transformações aconteçam.

Os cristãos de nossa época que participam profundamente das legítimas ambições da sociedade contemporânea muitas vezes ficam desconcertados pela falta de horizonte de sua fé, pelo menos da fé que vivem. Eles quase se sentem constrangidos em ser crentes. Quer se acomodem ou não a isso, uma espécie de ruptura produziu-se neles entre suas atividades religiosas e suas atividades profissionais (seculares). Se permanecem *fiéis* a essas atividades é porque conhecem em teoria toda a sua importância; mas seu interesse dirigiu-se, antes de tudo, às segundas (atividades profissionais) e é através delas que eles avaliam a seriedade de sua existência no mundo. Esse divórcio entre a fé e o engajamento na construção do mundo é evidentemente prejudicial à autenticidade de uma e do outro. O cristão está no mundo, age no mundo e dele participa, e é aí que realiza a sua fé, dialogando com o mundo, consciente de que a realidade da fé é essencial porque o faz voltar a Deus:

A realidade da fé é essencial não só no campo religioso, onde tudo gira em torno dela, mas também no campo das relações humanas. A fé é a abertura par ao outro, a confiança nele, a atitude de se apoiar em sua força e segurança. (ZILLES, 1993, p. 85.)

Diferindo de seu predecessor, o ser humano moderno tem o sentimento de ter sido o primeiro a valorizar a história. Opondo-se ao eterno retorno das coisas, ele utiliza seu prestigioso poder sobre as forças naturais para transformar o mundo e humanizar o cosmos. A história não é uma realidade acabada, um dado ao qual é preciso submeter-se e adaptar-se custe o que custar; ela se apresenta como uma tarefa a ser realizada, como uma vitória progressiva a ser obtida sobre os múltiplos obstáculos que se opõem à felicidade terrestre do homem. Os cristãos de nossa época partilham esse sentido da história com seus irmãos incrédulos; mas, infelizmente, eles não se interrogam sobre o verdadeiro alcance da história a ser construída, nem sobre a sua ligação com a história da salvação. O universo cultural cristão está marcado pela influência da história especialmente no contexto contemporâneo, e “ela [a história] tornou-se horizonte de compreensão de todas as realidades” (LIBÂNIO, 2003, p. 337)

A esperança é uma necessidade humana que não pode se basear puramente no material, senão também no transcendental. Nesta perspectiva, importa que o ser

humano apoie-se nas promessas divinas. Mas essa necessidade é desespero se não houver certeza de Deus e de uma promessa feita por Ele. Ela não existiu nem pode existir sem a encarnação de Deus, sem sua morte e ressurreição. Por esse motivo, diz São Paulo que “os outros” estão “*sem esperança*”. Sendo essa certeza Jesus Cristo, ser cristão é ser Esperança. Por essa razão tanto no Novo Testamento como nos Padres apostólicos, os conceitos de Fé e Esperança são, de certo modo, permutáveis. Assim, na primeira epístola de São Pedro, fala-se da razão da nossa esperança, quando se descreve a transmissão da fé aos pagãos (1Pd 3, 15).

A epístola aos Hebreus chama “*confissão da esperança*” a confissão da fé cristã (Hb 10, 23). Na epístola a Tito, a fé que recebemos é denominada “*bem aventurada esperança*” (Tt 2, 13). Em Efésios 4, 4-6, se diz que “*fomos chamados a uma só esperança*” e depois acrescenta-se a sentença fundamental: “*um só Senhor, uma só Fé, um só Batismo, um só Deus e Pai de todos*”. As citações nesse sentido podem ser facilmente aumentadas (1 Cor 2, 12; Gl 5, 5; Ef 1, 10; Cl 1, 23). O mesmo ensinamento se encontra nos Padres apostólicos e no decurso da história da Igreja. De maneira que a esperança cristã é ponto central na história da Igreja porque foi por ela que nos foi dada a redenção (SS, 1).

A esperança se baseia primeiramente numa indigência do homem e este espera sempre mais do que aquilo que alguma presença lhe pode dar. Quanto mais se deixa levar por essa esperança, tanto mais percebe que ela ultrapassa os limites do empírico. Para ele, o impossível é o necessário. Esperança consiste na confiança de que esse desejo encontre resposta. É pela esperança que o povo de Deus age e se move no presente com incentivo para a transformação do futuro (BLANK, 2001, p. 115).

Se a experiência da indigência, o paradoxo do desejo deve, por si mesmo, levar o homem à desesperança de si mesmo e da racionalidade do ser, essa confiança, ao contrário, será uma oculta alegria, acima de todas as alegrias empíricas e sofrimentos, de tal modo que o homem, precisamente por sua indigência, se torna rico e nela mesma (através da esperança) recebe uma felicidade que não poderia receber sem esse esforço. Sendo assim, pode-se definir a esperança, neste contexto, como a antecipação do que vem e nela já se encontra o que ainda não é e, precisamente por isso, é a dinâmica que impele sempre o

homem a ultrapassar-se a si mesmo e o impele, a cada momento, a vislumbrar o futuro.

Assim integra a esperança “a *dinâmica do provisório*”, a ultrapassagem de toda efetuação empírica, de outro lado, também o fato de que por meio dela, o que “ainda não é”, “já” se faz presente na nossa vida. Esperança é absoluta confiança. Esta, porém, não pode basear-se senão em uma espécie de presença.

É precisamente isso o que diz a definição de fé, segundo a epístola aos Hebreus: a fé é a *Hypóstasis* das coisas que se esperam, a certeza do que não se vê (Hb 11, 1). Nesse texto bíblico, revelam-se a ontologia e a espiritualidade da esperança.

Na introdução dessa epístola (1, 3), diz-se que Cristo é o esplendor da glória de Deus e a imagem da sua *Hypóstasis*. Dois capítulos após, esta sentença fundamental da doutrina trinitária e cristológica é estendida à relação entre Cristo e os cristãos, criada pela fé. Pela fé os cristãos são incorporados a Cristo. Trata-se agora de que mantenham firme aquela participação inicial na sua *hypóstasis* (Hb 3, 14). Os três textos articulam-se entre si, dando uma visão perfeitamente clara. As coisas empíricas constituem o transitório. Deus mesmo, que se manifesta e revela em Cristo, é a realidade permanente, imutável, a única verdadeira *hypóstasis*.

Pela fé saímos do jogo de sombras das coisas corruptíveis e alcançamos o solo firme da verdadeira realidade, ou seja, a *hypóstasis*, que literalmente significa: *aquilo que está e sobre o qual se pode estar*. Por outras palavras: fé é encontrar um terreno firme, é chegar-se à verdadeira substância de todas as coisas. Pela fé a esperança se firmou. O barco de esperança que prorrompe do nosso ser, não se desfaz no vazio, mas encontra um firme apoio, que, de nossa parte, devemos manter com segurança. Aqui se passa da ontologia para a espiritualidade. Isso se evidencia se consideramos o contexto em que está a definição de fé, na epístola aos Hebreus. Ela é preparada no capítulo 10, anterior, por uma espécie de jogo sutil de palavras. Afinal de que se trata? O autor lembra aos leitores que os cristãos, por amor da fé, perderam o seu dinheiro, os seus bens, portanto, aquilo que na vida, em geral, é considerado a *substância*, sobre a qual se pode edificar uma vida.

A seguir começa o jogo de palavras do texto: precisamente com a perda daquilo que, em geral, constitui a *substância*, o terreno firme da vida, evidenciou-se que os cristãos possuíam uma: a que permanece e que ninguém pode arrebatá-la. Na

passagem (Hb 10, 34), o seu significado é: os cristãos possuem outro modo de ser, pousam noutro solo, que ninguém nos pode arrebatá-lo, nem mesmo a morte. Daí a admoestação que faz a epístola de não pormos de lado a fraqueza da confissão, para a qual, porém é necessária a “paciência”. Nela estão intimamente ligados o aspecto objetivo e o espiritual. Possui um fundamento firme, mais sólido do que o sensível, do que os bens materiais. A esperança que se firma nesta verdade, emerge de cada um e se irradia para a comunidade humana, na mesma medida que, crendo na verdade que se professa, leva ao mundo perspectiva de esperança para o futuro:

Temos a possibilidade de livrar a nossa vida e o mundo dos venenos e contaminações que poderiam destruir o presente e o futuro. Podemos descobrir e manter limpas as fontes da criação e assim, juntamente com a criação que nos precede como dom recebido, fazer o que é justo conforme as suas intrínsecas exigências e a sua finalidade. Isto conserva um sentido, mesmo quando, aparentemente, não temos sucesso ou parecemos impotentes face à hegemonia de forças hostis. Assim, por um lado, da nossa ação nasce esperança para nós e para os outros; mas, ao mesmo tempo, é a grande esperança apoiada nas promessas de Deus que, tanto nos momentos bons como nos maus, nos dá coragem e orienta o nosso agir. (SS, 35.)

A firmeza desse fundamento corresponde à firmeza e à liberdade daquele que se tornou independente dos poderes que não podem dispor senão sobre as coisas sensíveis. Essa atitude é muitíssimo mais do que “paciência”, no sentido corrente, é um novo modo de ser, que os cristãos precisam ter em Cristo, de maneira que além da fé e da esperança proclamem a presença do Reino de Deus:

A esperança escatológica é presença ativa, que modela a vida e a sociedade. Por causa disso, o cristão não pode contentar-se com a propagação da fé e da esperança. Ser cristão significa ser chamado a colaborar na construção do reino. Esta construção do reino corresponde à transformação do mundo e da sociedade. (BLANK, 2001, p. 121.)

Sem a perspectiva da esperança que nos remete ao futuro, talvez as atividades humanas se frustrem. Por isso, é necessário estarem apoiadas nas promessas de Cristo que é alimentada na vida da Igreja graças à esperança que ele nos dá pelo seu próprio Espírito.

A esperança é a mensagem que o missionário cristão deve comunicar aos que ainda não conhecem a profundidade do Homem-Deus no seu agir em favor do

próprio ser humano e de toda criação. Daí se conclui que o cristão deve ser pessoa de esperança, razão por que deve sempre estar alegre e feliz, por saber que o seu Senhor não falha em suas promessas. É essa alegria que a Igreja missionária corajosamente deve anunciar, dizendo e mostrando ao mundo que o Reino de Deus já chegou, na pessoa do Ressuscitado. O esforço é por demais árduo, contudo esperançoso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs analisar a crise da sociedade atual como crise de sentido e mostrar o horizonte de esperança presente na mensagem cristã. Constatou que os problemas maiores vividos pela sociedade são características de uma sociedade em constantes mudanças, que de modo geral afetam e alcançam todos os âmbitos da vida humana. O que se vive agora é o resultado do que se construiu no passado, e isso precisa ser levado em conta quando se procuram as razões maiores da crise de sentido que afeta a humanidade. Entretanto, é importante considerar que, embora se tenha rasgos muito fortes de pessimismos acerca da modernidade e do que ela representou, há também luzes que podem ser destacadas com elementos válidos para a sociedade, entre estes a preocupação com a vida do planeta, nova consciência que surge e se desenvolve graças às técnicas de comunicação; a consciência global que se tem das democracias; o esforço que os governos fazem via ONU na busca de mais entendimento entre as nações, no combate às injustiças sociais e à fome no mundo, bem como a preocupação dos organismos internacionais no combate a toda forma de epidemias.

A sociedade experimenta um momento singular na sua história que foi gestado nos últimos séculos, e teve como base a revolução racionalista com todos seus avanços. Isso resultou numa série de fatores que caracterizam fundamentalmente a crise vivida no presente. A força maior que a racionalidade produziu na sociedade, especialmente depois da Ilustração, tem muitos aspectos positivos que não podem ser esquecidos, muito embora tenha também seus “efeitos colaterais”. Vive-se, por isso, um paradoxo: na medida em que por um lado se avança com o progresso técnico-científico, por outro se constata a perda gradativa dos valores fundamentais da existência, especialmente quando se impõe uma série de regras do mundo mecanizado e universalizado, que foi ocupando espaço em todos os segmentos socioculturais.

As conquistas técnico-científicas trouxeram dinamismos que se tornaram os vetores dos avanços que confluíram nas tendências contemporâneas e marcaram e continuam a marcar a cultura humana. Infelizmente, muitos aspectos processados

neste período precipitaram o mundo em amargas experiências, que desde o início da Idade Contemporânea, de vez em quando se mostram com doses altíssimas de inumanidades. As ideologias do século XX, com suas esperanças e suas utopias também não responderam às necessidades humanas e aos questionamentos fundamentais, de maneira que o esvaziamento crescia na mesma medida que se desfaziam as esperanças sonhadas pelo projeto civilizacional. Esses aspectos conduziram a humanidade à imprevisibilidade, causa de atenção particular especialmente da filosofia, na sociologia, da psicologia e da teologia. Os avanços e conquistas humanas não retrocedem, de maneira que é preciso encontrar meios de convivência com as novas realidades que se apresentam, de tal forma que as novidades sejam “assumidas” pelo presente sem causar grandes impactos. Naturalmente, isso não foi possível por uma série de razões, entre elas as complexidades próprias da sociedade contemporânea. Mas o que mais pesou foi o fato de a modernidade ter reduzido o ser humano à razão. Ora, o ser humano é muito mais que razão, é mais que técnica, é mais que conhecimento, precisa estar no centro de tudo, para onde tudo converge. O racionalismo por enfatizar Mais recentemente, graças às tecnologias disponíveis no contexto contemporâneo e o interesse dos mercados, o mundo se globalizou, torando o ser humano ainda mais “objetivado”.

Diante disso, constata-se que há uma crise atual que se caracteriza com crise de sentido, do indivíduo, das instituições e da sociedade como um todo, inclusive da própria Igreja, uma vez que também ela *estar no mundo sem ser do mundo*. As razões da crise são muitas e variadas: as experiências negativas sobre todos os aspectos, os avanços técnicos que descartam ou excluem os seres humanos da participação nos resultados produzidos, especialmente os mais pobres; as questões das guerras, desemprego, epidemias, fome, violências e mortes.

Há muitos sintomas de indicam que a crise é de sentido, como se constatou, especialmente no que diz respeito às perdas das seguranças que existiam como certas e agora flutuam, são efêmeras como são efêmeras as experiências humanas do contexto atual. As mudanças que causaram os impactos na sociedade implicam, entre outras coisas, o individualismo, isto é, a preocupação do sujeito consigo mesmo, o consumismo, as banalizações dos valores fundamentais da nossa existência, que vão desde as relações familiares até a destruição e aniquilação total

do outro. As mudanças socioculturais são inevitáveis, e com elas a sociedade sofre, especialmente por não acompanhar a fluência das mudanças. A soma de tudo isso aponta para o consumo, que na prática se traduz como o interesse individual em detrimento do social. Ora, diante disso, irrompeu a emergência de novas realidades, que tenham o ser humano como elemento primordial. Surgiram grupos que procuram, com devotado desejo, defender os interesses humanos e do meio ambiente, que de algum modo é defender e preservar o que pertence a todos.

É preciso que se pense de maneira diferente, de modo que, em primeiro lugar, sejam atendidas as necessidades humanas, e nisso as religiões concorrem com o que têm de melhor: ver o outro como pessoa, com seus valores, não obstante esteja excluído pelas condições adversas que lhe deram os avanços tecnológicos.

Diante das novas realidades devem existir novas perspectivas, e em muitos âmbitos se veem procuras por pistas que tenham importância para a sociedade. É neste que tem destaque a mensagem cristã, que no processo histórico tem vivido grandes e profundas experiências, mudanças socioculturais, provavelmente não como as de hoje. Mas o fato é que ao Cristianismo tem mostrado no processo de desenvolvimento de sua história que faz diferença em momentos importantes como o contexto atual. Por isso, a mensagem cristã tem relevância para a humanidade diante da crise de sentido. Possivelmente é preciso considerar que o Cristianismo tem necessidade de renovar-se também, inculturar-se, como fizeram os cristãos das comunidades primitivas. Ora, sabe-se que aquele Cristianismo do passado, demais dogmatizado por certo não terá alcance no meio cultural de hoje, daí a necessidade de renovar-se para renovar.

O papel fundamental do Cristianismo precisa abranger, acima de tudo, os valores fundamentais que são relevantes a toda humanidade de modo que a mensagem de esperança da qual ele é portador não caia também no vazio. É certo que tanto o Cristianismo quanto a Igreja enfrentam a crise que afeta a humanidade, mas mesmo assim é ainda um reduto de esperança, de perspectivas. Isso se efetiva quando, na busca de soluções às questões humanas, tenha o próprio Cristo como modelo e meta. Ele dá sentido à mensagem cristã no mundo contemporâneo. Para isso, são indispensáveis três elementos fundamentais: a) ter o ser humano como valor primeiro; b) procurar a unidade; c) eliminar as diferenças que criam exclusões. Daí resulta a fraternidade universalizada que faz com que a sociedade veja a

necessidade de se compartilhar não apenas as técnicas, mas também os conhecimentos, os bens e os valores fundamentais da vida, defendendo-os em cada grupo e em cada pessoa.

Por seu lado, a Igreja tem capacidade, condições e recursos humanos que contribuam na reconstrução da esperança do mundo envolto em dúvidas e incertezas. Para isso, precisa ela mesma ser testemunha e serviço aos demais. Isso não deixa de ser um grande desafio, pois não é fácil fazer porque, diante das múltiplas ofertas e vantagens que o mundo oferece, a Igreja pede *sacrifício fraterno*. O individualismo cede quando o amor fraterno se faz mais convincente. Então, passa-se do discurso à prática, ao exemplo, que faz a sociedade notar o quanto isso é humanizador. O caminho é longo, difícil, mas não impossível, e nele há de notar o mundo que a ação evangelizadora da Igreja é uma coluna na reconstrução da esperança no mundo de mudanças e cheio de diferenças. Na mensagem de esperança, une-se o plural.

Cristo deve ser o centro do anúncio da mensagem cristã, a referência primeira, o sinal de esperança que ultrapassa os limites das culturas, dos indivíduos. Por isso, a Igreja como comunidade de fé não pode deixar de proclamar o anúncio de que a presença do Reino de Deus já está aqui, e por isso os seres humanos devem manter viva a esperança, mesmo diante de tantas experiências ruins que lhe afetam. A esperança humana, portanto, deve estar baseada na mensagem do Evangelho de Jesus que em primeiro lugar põe o ser humano como razão maior do projeto divino.

OBRAS CONSULTADAS

1. Documentos da Igreja

1.1 Documentos conciliares

CONCÍLIO VATICANO II – “Constituição dogmática sobre a Igreja **Lumen gentium**” (21/11/1964), AAS 57

CONCÍLIO VATICANO II – “Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo **Gaudium et spes**” (17/12/1965), AAS, 58.

CONCÍLIO VATICANO II – “Constituição dogmática sobre a Divina Revelação **Dei Verbum**” (18/11/1965), AAS, 58

CONCÍLIO VATICANO II – Decreto sobre o apostolado dos leigos **Apostolicam actuositatem**” (18/11/1965), AAS, 58.

1.2 Documentos do magistério pontifício

PIO XII, Carta encíclica **Humani generis**. (28/08/1950), AAS 42.

JOÃO XXIII, Carta encíclica **Mater et magistra**. (15/05/1961), SAS 53.

JOÃO XXIII, Carta encíclica **Pacem in terris**. (11/04/1963) AAS 55.

PAULO VI, Carta encíclica **Populorum progressio**. (26/06/1967), AAS 59

PAULO VI, Epístola apostólica **Octagesima adveniens**.(15/05/1961), AAS 63

PAULO VI, Exortação apostólica pós-sinodal **Evangelii nuntiandi**. (08/12/1975), AAS 68

JOÃO PAULO II, Carta encíclica **Laboren exercens**. (14/09/1981) AAS 73.

JOÃO PAULO II, Carta encíclica **Sollicitudo rei socialis**. (30/12/1987), AAS 80.

JOÃO PAULO II, Carta encíclica **Centesimus annus**. (01/05/1991), AAS 83.

JOÃO PAULO II, Carta encíclica **Fides et ratio**. (14/09/1998), AAS 91.

JOÃO PAULO II Carta encíclica **Novo millennio ineunte**. (06/01/2001)

BENTO XVI, Carta encíclica **Deus caritas est**. (25/12/2005)

BENTO XVI, Carta encíclica **Spe salvi**. (30/11/2007)

BENTO XVI, Exortação Apostólica pós-sinodal **Verbum Domini**. (30/09/2010)

1.3 Documentos do magistério latino-americano

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, II, **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio** (Vaticano II). Conclusões de Medellín (24/10/1968). Petrópolis: Vozes, 1969.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, III, **A evangelização no presente e no futuro da América Latina**. Conclusões de Puebla (23/03/1979). São Paulo: Loyola, 1979.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, IV, **Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã. Jesus Cristo ontem, hoje e sempre**. Conclusões de Santo Domingo (10/11/1992). São Paulo: Loyola, 1992.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, V, **Documento de Aparecida – textos conclusivos da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe** (31/05/2007). 5ª.ed. São Paulo: Paulus, 2008.

1.4 Documentos da CNBB

DOCUMENTOS DA CNBB – 87: DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL 2008 – 2010. São Paulo: Paulinas, 2008.

DOCUMENTOS DA CNBB – 85: EVANGELIZAÇÃO DA JUVENTUDE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PASTORAIS.

1.4 Dicionários:

Novo Dicionário Aurélio Buarque de Holanda. São Paulo: Nova Fronteira, 1996.

Dicionário de Teologia. São Paulo: Loyola, tomos 2 e 3, 1970.

Dicionário de conceitos fundamentais de teologia / Peter Eicher – trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993.

Dicionário de Teologia: conceitos fundamentais de teologia atual. vol. III. São Paulo: Loyola, 1970.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O Homo Sacer – o poder soberano e a vida nua.**Belo Horizonte: UFMG, 2002.

ALMEIDA, Luciano Mendes de, et alli. **O futuro da reflexão teológica na America Latina.** São Paulo: Loyola, 1998.

ANTONIAZZI, Alberto. **Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?** São Paulo: Paulus, 2004.

AQUINO, G. Júlio. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cadernos Cedex**, São Paulo, ano XIX, n. 47 (pp. 1-19), dezembro/98.

BACH, José Marcos. **A esperança cristã: guardar tradições ou abrir horizontes?** São Paulo: Paulus, 1999.

BALLESTER, Matín Gelabert. **Cristianismo e sentido da vida humana.** São Paulo: Ave-Maria, 1999.

BARREIRO, Álvaro. As Comunidades Eclesiais de Base como modelo inspirador da nova evangelização. **Perspectiva Teológica.** Belo Horizonte, n. 24, 1992.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. As Ciências Sociais na Contemporaneidade: paradigmas e conflitos. **Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais UNIFAP**, São Paulo n. 1 (pp. 1-28), dez /2008.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar da Pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Modernidade e Ambivalência.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BERGER & LUCMANN. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação para o homem moderno.** Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **A construção social da realidade**. 18a ed.. Petrópolis: Vozes, 2002.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **A fé cristã na contemporaneidade: rumos e desafios. Perspectiva teológica**. Belo Horizonte, vol. 41, nº 115, 2009.

BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BLANK, Renoldo J. & VILHENA, M. Angela. **Esperança além da Esperança**. Belo Horizonte: Siquém,s/d.

_____. **Escatologia do mundo: o projeto cósmico de Deus**. São Paulo: Paulus, 2001.

_____. **Encontrar sentido na vida: propostas filosóficas**. São Paulo: Paulus, 2008.

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Volta ao fundamento, REB**. Petrópolis: Vozes, 2007/out.

_____. Volta ao fundamento. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, outubro, 2008.

_____. Ecologia na ótica do niilismo: por uma ecologia aberta ao transcendente. **Perspectiva teológica**. Belo Horizonte, vol. 42, nº 102, 2010.

BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

_____. **A graça libertadora no mundo**. 3ª. Ed, Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Ética e moral: a busca de fundamento**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Vida segundo o espírito.** Petrópolis: Vozes, 1982.

BOSCH, David. **Missão transformadora: mudança de paradigma na teologia da missão:** São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BRIGHENTI, Agenor. **A desafiante proposta de Aparecida.** São Paulo, Paulinas, 2008.

_____. **A igreja do futuro e o futuro da Igreja.** São Paulo: Paulus, 2001.

_____. **A igreja perplexa.** São Paulo: Paulina, 2004.

_____. **A pastoral dá o que pensar – a inteligência da prática transformadora da fé.** São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. **Por uma evangelização inculturada:** princípios pedagógicos e passos metodológicos. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. **Reconstruindo a esperança: como planejar a ação da Igreja em tempos de mudança.** 3ª ed., São Paulo: Paulus, 2000.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. Quando **Cristo vem: a Parusia na Escatologia cristã.** São Paulo: Paulus, 2001.

CAPRA, Fritjof. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2008.

_____. **O ponto de mutação – A ciência, a Sociedade e a cultura emergente.** São Paulo: Cultrix, 2006.

CARO, Olga Consuelo. O Deus da vida. Reflexões metodológicas e desafios atuais. **Revista Eclesiástica Brasileira.** Petrópolis, fasc.245 (28-51), janeiro, 2002.

CARVALHO, José Carlos. Anotações sobre aspectos temáticos e contextuais da violência: vetores sugestivos. Interface - **Comunic, Saúde, Educ,** São Paulo, n. 5(pp.135-164), agosto, 1999.

COMBLIN, José. Cristãos rumo ao século XXI: nova caminhada de libertação. São Paulo: Paulus, 1996.

_____. **Estudos Bíblicos**, 95, Petrópolis: Vozes, p.9-16, 2007.

_____. **Teologia da missão**. Petrópolis: Vozes, 1980.

DONALD, Senior e CARROLL, StuhlmueLLer. **Os fundamentos bíblicos da missão**. São Paulo: Paulinas, 1987.

DOS ANJOS, Marcio Frabis (org.). **Teologia e novos paradigmas**. São Paulo: Loyola, 1996.

DOS SANTOS, A. Vargas. Violência e criminalidade: reflexos da desacomodação da sociedade. **Cultura e Fé**, Porto Alegre n. 126 (pp 383-402), julho/setembro, 2009.

DRUCKER, Peter &, Malferrari, Carlos Afonso. **As novas realidades: no governo e na política, na economia e nas empresas, na sociedade e na visão do mundo**. 4ªed, São Paulo: Pioneira, 1997.

ESPERANDIO, Mary R. G. **Para entender a pós-modernidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

EVERREDELL, William R. **Os primeiros modernos**. São Paulo: Record, 2000.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 2007.

FERREIRA, C. Márcio. Crise e reforma do Estado: uma questão de cidadania. **Revista do Serviço Público**, São Paulo, ano 47, v. 120, n. 3 (pp. 5-33), setembro/dezembro, 1996.

FRANÇA MIRANDA, Mário de. **A Igreja numa sociedade fragmentada**. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **A inculturação da Fé: uma abordagem teológica**. São Paulo: Loyola, 2001.

FRANCO, MARIA LAURA & ANDRADE, Maria Siqueira de (orgs). **Aprendizagem humana**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. Aparecida: Santuário, 1989.

GONZÁLE-QUEVEDO, Luís (org.). **Um sentido para a vida - Princípio e Fundamento**: São Paulo: Loyola, 2007.

GESCHÉ, Adolphe. **O sentido**. São Paulo: Paulinas, 2005.

GIBELLINI, Rosino (Ed). **Perspectivas teológicas para o século XXI**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2005.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: editora UNESP, 1991.

_____. **O mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GORRINGE, Timothy J. **O capital e o reino: ética teológica e ordem econômica**. São Paulo: Paulus, 1997.

GREIDER, William. **O mundo na corda bamba: como entender o crash global**. São Paulo: Geração Editorial, 1997.

GRINGS, Dadeus. **A evangelização da cidade: o apostolado urbano**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2004.

HOYOS GUEVARA, Arnoldo José de; DIB, Victoria Catarina. **Organizações e contexto**. Ano 1, nº 2. A crise de sentido e o futuro das organizações. São Paulo, Dez/2005

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 14ª. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

HORTAL, Jesús. **E haverá um só rebanho – História, doutrina e prática católica do ecumenismo**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

IANI, Otávio. **A sociedade global**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008.

JULIATO, Ivo Clemente. Pastoral Universitária: a Universidade Católica a serviço da evangelização. **Pistis Praxis**, vol. 1, n. 1. Curitiba: Champagnat, jan/jun, 2009, pp. 27-52).

LEFORT, Claude. In **A crise da razão**. Organizador ADALTO NOVAES. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

LIBÂNIO, João Batista e BINGEMER, Maria Clara L. **Escatologia cristã – o Novo Céu e a Nova Terra**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Utopia e esperança cristã**. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. **Olhando para o futuro: perspectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina**. São Paulo: Loyola 2003.

_____. **Cenários da Igreja**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **Eu creio, nós cremos: tratado da fé**. 2ª Ed. São Paulo: Loyola, 2000

_____. Teologia da revelação a partir da modernidade. 5ªed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. Qual o Futuro do Cristianismo? São Paulo: 2ª ed. Paulus, 2008.

LIPOVETSKY, Gilles. **Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LORSCHIEDER, Aluísio. A comunhão eclesial e a possível conferência nacional dos católicos leigos. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, fasc.250 (243-257), março, 2003.

MAGALHÃES, Antônio & PORTELA, Rodrigues. **Expressões do Sagrado: Reflexões sobre o Fenômeno Religioso**. Aparecida: Editora Santuário, 2008.

MANUEL SÉRGIO. **Epistemologia da Motricidade Humana**. Lisboa: Ed. FMH, 1996.

MARASCHIN, Jaci (org.). **Teologia e pós-modernidade**. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MESTERS, Carlos. **Eclesialidade e Missão – Reflexões a partir da Bíblia**. São Paulo: CRB, 1992.

MOLTMANN, Jürgen. **Experiências de Reflexão Teológica – Caminhos e Formas da Teologia Cristã**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004

MOLTMANN, Jürgen. **O Caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas**. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Teologia da Esperança – Estudo sobre os fundamentos e as conseqüências de uma Escatologia Cristã**. São Paulo: Herder, 1971.

MORIN, Dominique. **Falar de Deus**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2003

MORIN, Edgar. **O Método: Ética**. Porto Alegre: Sulina, 2005

_____. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Para onde vai o mundo?** Petrópolis: Vozes, 2010.

MOURA, Paulo C. **Construindo o futuro: o impacto global no novo paradigma**. 2ªed. Rio de Janeiro: Mauad Consultoria, 1995.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **A filosofia na crise da modernidade**. 3ªed. São Paulo: Loyola, 2001.

PAGOLA, José Antônio. **É bom ter fé: uma teologia da esperança**. São Paulo: Loyola, 1996.

PASSELECQ, Georges e SUCHECKY. **A Encíclica escondida de Pio XI – uma oportunidade perdida pela Igreja diante do anti-semitismo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PEDRINI, Alírio José. *Evangelizar é fazer Jesus acontecer*. São Paulo: Loyola, 1993.

PERROT, Etienne. As ambigüidades da Globalização. **Concilium**, Petrópolis, 293 – 2001/5 (pp. 676-696)

PLOEG, Roberto. Repensando CEBs. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, fasc.225 (158-164), março, 1997.

POLITI, Sebastián. **História e esperança – a escatologia cristã**. São Paulo: Paulina, 1996.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Esperança apesar do mal**. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. **Fim do Cristianismo pré-moderno: desafios para um novo Horizonte**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. Monoteísmo e violência *versus* monoteísmo e fraternidade universal. **Concilium**. Petrópolis, 332 – 2009/4 (pp. 529-553).

_____. **Um Deus para hoje**. 3ªed. São Paulo: Paulus, 2006.

SEIBT, Cezar Luiz. A MODERNIDADE E O FENÔMENO DA SECULARIZAÇÃO. **Akrópolis**, Umuarama, v. 16, n. 1, p. 61-69, jan./mar. 2008.

SEM, Amartya Kumar. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SENIOR, Donald e STUHLMUELLER, Carroll. **Os fundamentos bíblicos da missão**. São Paulo: Paulinas, 1987.

SLATER, Don. **Cultura do Consumo e modernidade**. São Paulo: NOBEL, 2002.

SOBRINO, Juan. O cristianismo e a reconciliação. O caminho para uma utopia. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, 302 – 2003/5 (pp. 698-709).

SUNG, Jung Mo. **Sementes de esperança**. A fé em um mundo em crise. Petrópolis: Vozes, 2005. 120p.

SUSIN, Luiz Carlos. **A Criação de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2003.

TEIXEIRA, Faustino. Diálogo inter-religioso: o desafio da acolhida da diferença. **Perspectiva Teológica** v. 34, n. 93, 2002.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1984.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. 9ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

VATIMO, Gianni. **O fim da modernidade: Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. São Paulo: Martins fontes, 2007.

VIGIL, José Maria. O paradigma pluralista: tarefa para a teologia. Para uma releitura plural do cristianismo. **Concilium**. Petrópolis, 319 – 2007/1 (pp. 33-42)

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. **História do mundo contemporâneo: da paz britânica do século XVIII ao choque das civilizações do século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2008.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: UNB, 1999.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 13ª Ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

ZILLES, Urbano. A Gaudium et spes e as ciências. **Revista Trim**, Porto Alegre: vol. 35, nº 150 (pp. 695-710), dez. 2005.

_____. **A modernidade e a Igreja**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.